

O CAMINHO SE FAZ

HISTÓRIA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL

Pe. Hilário Dick S.J.

O SABER E O SABOR DA HISTÓRIA

Com alegria assumo a tarefa de apresentar “O CAMINHO SE FAZ - História da Pastoral da Juventude do Brasil”, escrito pelo Pe. Hilário Dick S.J. Para o povo indígena, os velhos são os sábios, porque guardam a memória do seu povo e todos dependem deles e os respeitam. Para o povo da Bíblia, a memória da saída da escravidão era a garantia e o sentido da luta pela vida. “Fazer memória” para o povo pobre, é convidá-lo a reviver dores e a perceber como foi superando cada sofrimento vivido no cotidiano. “Fazer memória” é identificar a revolução que acontece em nossas vidas e em nossas organizações. Por fim, “fazer memória” é perceber, na história, as escolhas acertadas que nos proporcionaram viver a história como história da Salvação.

Faz parte do povo da Bíblia fazer memória. A memória dá sentido e mantém o povo como povo, porque recorda os fatos vividos que conduzem para o caminho da libertação. Reviver a história vivida, celebrar o memorial, impede de voltar para a escravidão.

A Pastoral da Juventude do Brasil também faz história. Registra sua memória para recordar as decisões que foram tomadas, no tempo e no espaço, para garantir que haja mais vida no meio dos jovens. Há muitos corpos que foram oferecidos e há, também, muito sangue que foi doado. Gestos que repetem o mandamento de Jesus.

Cada um que conta a história da Pastoral da Juventude do Brasil, usa uma quantidade de tintas que mais gosta. Com o Pe. Hilário, não é diferente. Ele traz para nossa memória muitos fatos. Com certeza, terão outros, com a mesma importância, que não foram lembrados e nem contados por ele, porque não é possível ser diferente. Há muitos fatos que não foram escritos. Muitos processos que foram cruciais para desencadear algum fato narrado neste texto, mereceriam um livro. Escrever história é fazer escolhas. Aqui, neste texto, você depara com elas.

Ao ler esta história, procuremos vislumbrar a quantidade de jovens que passarão por nós, pela nossa memória. Jovens e adultos que deram a vida, no cotidiano, porque sonharam que tivesse mais vida no meio da juventude. Sabemos alguns nomes, que foram conhecidos de todos: Frei Jessé, Pe. Albano Trinks, Pe. Florivaldo, da assessoria nacional, e tantos anônimos que deram sua vida pelo grupo de jovens e as suas organizações.

O sabor e o saber de nossa história nos alimenta de sonhos e nos dá a certeza de que muitos caminhos já foram percorridos e que há muito a construir. Este trabalho, de recolher pedaços da história que foram escritos em nossos relatórios, nos anima a continuar escrevendo para afirmar que continuaremos a ofertar aos jovens, com os jovens e por causa dos jovens, um mundo onde a pessoa humana é história e memória.

Este é um livro que não podemos ler com indiferença. O Hilário escreve a partir do Sul e não poderia ser diferente, uma vez que é deste lugar. Fico pensando como seria um livro da

História da Pastoral da Juventude do Brasil, contada a partir do Norte. Falo do Norte porque é uma realidade muito peculiar do nosso país, mas poderia ser de cada região. Teríamos uma leitura a partir de uma ótica e de outros desejos.

Ao ler a história, fui me encontrando no tempo e no espaço. Comentei com o Hilário que eu escreveria com outra cor de tinta. Ele respondeu que era assim mesmo. E eu acreditei. Desejo que toda esta memória da Pastoral da Juventude do Brasil, com suas opções, com suas experiências diversificadas nos ambientes (escola, zona rural, meio popular e comunidade) e nas regiões do Brasil imenso renove em nós a esperança na Igreja jovem de Jesus Cristo. Deste mesmo Jesus que assumiu as dores, a história, a cultura do seu povo e por eles deu a vida: “Amou-os até o fim.”

Recomendo a todos que lerem este texto que reajam. Caso contrário, o autor pensará que perdeu a sua identidade de provocador o que não é verdade.

Carmem Lucia Teixeira
Assessora Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil
Setor Juventude - CNBB

FELIZ O POVO QUE TEM HISTÓRIA

*“É esta a nossa hora e o tempo é pra nós.
Que chegue em todo canto nossa voz.
Miremos bem no espelho da memória
Faremos, jovem, linda a nossa história.”*

A história de um povo é sua *coluna vertebral*. A coluna vertebral sustenta e permite que se olhe o horizonte com olhar de segurança. Basta remeter-nos à Bíblia. Impressiona a insistência dela na questão da história do povo de Israel, principalmente no capítulo da saída heróica e libertadora, das terras do Egito.

Sabe-se, também, *que, quando se vive a história, há muitas formas de dizer o mesmo*. É o que se pretende fazer neste escrito com o coração voltado ao que se viveu e com o desejo de que “nossos filhos” saibam, sempre melhor, a nossa/a sua história. Vamos ater-nos a uma *visão nacional*, com um e outro lance para a dimensão mais local ou, então, latino-americana da Pastoral da Juventude.

A intenção é focar uma história não formada somente de datas, mas tentando apresentar o que realmente acontecia. Baseamo-nos no banco de dados que se encontra no Instituto de Pastoral de Juventude, de Porto Alegre, e naquilo que vivemos e acompanhamos. O importante é termos informações da “caminhada” que fizemos e aprendermos a construir o futuro, tirando proveito do passado. Move-nos a preocupação de contribuir com os jovens na criação de uma consciência histórica. Sem ela não vamos longe porque a melhor novidade tem raízes no passado.

O autor

CAPÍTULO I

JUVENTUDE CATÓLICA: ATÉ A MORTE DA AÇÃO CATÓLICA (1968)

*“Quero falar de uma coisa, adivinha onde ela anda?
Deve estar dentro do peito ou caminha pelo ar” (Milton Nascimento)*

Se você quer ler algo sobre a “história da **juventude**”, em geral, não leia este escrito. Da mesma forma, se você quiser olhar a “história dos **estudantes**” do Brasil ou, então, a história dos **“jovens operários”**. Teríamos que escrever de outra maneira. O que nos move é a história do segmento de jovens católicos que, a partir de certo momento, é conhecido como *“Pastoral da Juventude”*. É a história de um segmento das juventudes católicas. Em nossa concepção vamos dar ênfase especial para 1983. Esperamos deixar claras as razões desta postura no decorrer de nossa conversa, analisando a realidade juvenil católica de antes e depois desta data.

1.1 Para ser histórico não basta viver

Muito pouco se fala, na História, dos jovens ou da juventude. A sociedade e a Igreja vêem o jovem, muitas vezes, como simples parte do todo, sendo “o futuro”. Não se aceita que o jovem seja um presente significativo. Os jovens são vistos como quem não tem história nem importância. A história deles se perde no conjunto. Ainda há pouco tempo p. ex. discutia-se nas Comunidades Eclesiais de Base (da Igreja Católica) se o jovem devia, ou não, ter um atendimento mais específico. Dizia-se que ele, o jovem, devia integrar-se na comunidade e, aí, realizar-se. Não haveria necessidade de uma Pastoral onde o jovem fosse protagonista. Esta discussão, embora superada, vai manter-se viva, dependendo da forma como se olha o jovem e a juventude. O Movimento dos Sem-Terra começou a dar importância aos jovens que lutam com eles em 1998.

- *Professora, é verdade que só existe uma história de alguém quando ele é e/ou se torna “autoridade”, isto é, tem “personalidade”?*
- *Enedina - Não se conta a história de alguém que não é... Falamos da história de Nero por aquilo que ele representa; falamos de Getúlio Vargas porque ele “se tornou” alguém; falamos de Jesus Cristo porque, depois da ressurreição, se tornou significativo. O jovem, para ter história, precisa ser alguém. Alguém que se afirma e se faz reconhecido.*

Se afirmamos que a juventude brasileira não tem história é porque ela ou não é nada ou não é alguém que se destacou como tal. Conta-se a história de alguém ou de uma instituição porque esta pessoa ou esta instituição foi capaz de colocar-se ou ser colocada na história, porque realizou atos, porque lutou por ideais, porque fez isso ou aquilo que repercutiu, etc. *Para ser histórico não basta viver; é preciso ser reconhecido; é preciso realizar ações que sejam significativas.* Saber a história da gente é dar-se importância, assumindo o que se é e o que se pretende construir na sociedade.

Sobre a história dos jovens escreveu-se muito pouco ou porque eles não se deram ou porque a sociedade não lhes deu importância. A nossa história nos dá identidade. Somos “alguém” quando nos tornamos sujeitos da história: nos damos importância ou realizamos atos pelos quais os outros nos reconhecem. Os jovens começaram a ser “juventude”, isto é, um *setor reconhecido* da sociedade, há pouco tempo. E isso não acontece de forma genérica ou de modo espontâneo. Ou acontece com alguns que se destacam por sua atividade ou com um grupo de jovens que se projetam na sociedade por aquilo que fazem e pelos ideais que os distingue. Chamam a atenção. Para sermos história

precisamos chamar a atenção. Não falar de nossa história é não dar-nos importância.¹ A juventude é um fenômeno emergente e vai sê-lo por muito tempo porque ela está sendo estudada, também em sua história.

Olharemos um segmento da juventude: *a juventude organizada, na Igreja Católica, e que é conhecida como Pastoral da Juventude*, tendo o jovem como protagonista. Uma história desta juventude, a nível de Brasil², já é conhecida, mas precisa ser retomada. Não queremos falar de uma re-leitura, mas de uma história que tenta compreender o empenho do jovem lutando para ser cidadão numa perspectiva de fé.

1.2 Jovens católicos sem articulação própria (antes de 1950)

Na perspectiva que tomamos (olhar a juventude católica articulada, de forma mais ou menos autônoma, sendo ela a protagonista) as raízes são relativamente novas porque a consciência de autonomia, isto é, de “juventude”³ é bastante recente. A autonomia juvenil, na perspectiva católica, afirmou-se no começo da década de 50. É nesta época que se encontram as raízes de uma juventude católica, articulando-se por competência e decisão dela.

O que acontecia antes de 1950? é a pergunta que devemos fazer-nos para sermos justos e históricos. O que sucedia, basicamente, é que não houve organizações juvenis católicas afirmando, defendendo e vivendo seu protagonismo ou, então, não tendo condições de realizá-lo. Dizer isso não é dizer que o que havia não tinha valor. Dizer isso é, simplesmente, afirmar que não havia articulações juvenis católicas com protagonismo juvenil. Não é no Documento de Santo Domingo que, pela primeira vez, os bispos falam do protagonismo dos leigos?⁴ Isso não é um mal; é a prova que a vivência de Igreja é dinâmica. Ainda hoje o termo “protagonismo juvenil” assusta muitos adultos e instituições juvenis.

¹ Sobre a história dos jovens apareceu, em 1996, uma obra intitulada “*História dos Jovens*”, em dois volumes. O 1º volume vai da antiguidade à era moderna; o 2º trata da época contemporânea (Companhia das Letras, São Paulo). Mais do que história, é análise da juventude em diferentes aspectos, tomando em conta as épocas ou certos contextos. Outra obra clássica é “*Sociologia da Juventude*”, lançada pela Zahar Editores (Rio de Janeiro), em 1968. São 4 volumes com textos de 33 autores. O 1º volume tem como subtítulo “*Da Europa de Marx à América Latina*”; o 2º “*Para uma Sociologia Diferencial*”; o 3º “*A vida coletiva juvenil*” e o 4º tem como subtítulo “*Os movimentos juvenis*”. É uma obra clássica. Embora com muitos dados históricos é, também, mais análise do que história. A juventude mais estudada é a estudantil. Na linha da perspectiva histórica e estudantil veja-se “*O poder jovem - História da participação política dos estudantes brasileiros*”, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979, de Arthur José Poerner (2ª edição); “*O movimento estudantil - a UNE na resistência ao golpe de 64*”, de José Luis Sanfelice (Cortez Editora, São Paulo, 1986); “*Movimento Estudantil no Brasil*”, da coleção Primeiros Passos, escrito por Antônio Mendes Junior (1982); “*Movimento Estudantil e Ditadura Militar*”, de João Roberto Martins Filho (Papirus, Campinas, SP), s/data; “*História da Ação Popular - da JUC ao PCdoB*”, de Haroldo Lima e Aldo Arantes (Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1984); e “*A primavera dos anos 60 - a geração de Betinho*”, de Giovanni Semeraro (Loyola, São Paulo, 1994). A nível de América Latina citamos “*Itinerário Histórico - De Los Círculos de Estudios a las Comunidades Juveniles de Base*”, de Fernando Aliaga Rojas, publicação do ESEJ de Santiago (Chile), 1976.

² Há várias histórias da Pastoral da Juventude. Há elementos de história no n.º 44 da coleção “Estudos da CNBB”, na obra intitulada “*Pastoral da Juventude no Brasil*” (p.8-15); em 1983 o Pe. Jorge Boran e o Pe. Hilário Dick lançaram “*Pastoral de Juventude no Brasil*” (Loyola, São Paulo); no “*Marco Teórico da Pastoral da Juventude do Brasil*”, lançado recentemente há, igualmente, um capítulo sobre a história (Coleção “Estudos” da CNBB, n.º 76, p.82-121). No livro do Pe. Jorge Boran - “*O futuro tem nome: Juventude - sugestões práticas para trabalhar com jovens*” (Paulinas, São Paulo, 1994), das p.17-73 há uma outra contribuição histórica muito boa. A publicação mais completa, contudo, é ainda o n.º 2 dos subsídios da Pastoral da Juventude nacional e que se chama “*História da PJ no Brasil*” elaborada por Enequina Pierdoná, Isoleide Furlanetto e João Oliveira Souza, publicada pelo Instituto de Pastoral da Juventude de Porto Alegre (1990).

³ “Juventude”, em nossa conceituação, não é simplesmente o conjunto dos jovens ou a fase em que os jovens vivem; são os jovens adquirindo cidadania, principalmente através de suas organizações próprias.

⁴ Veja “*Santo Domingo - Conclusões*”, Loyola, 1992, n.º 293 e n.º 302.

Havia *trabalhos com os jovens*, na Igreja, desde muito tempo. Desde que a Igreja existe, provavelmente. O que sabemos disso, no entanto? Muito pouco porque encontramos o jovem nadando no todo da Igreja, sem uma expressão específica. Valem como exemplos (deve ter muitos outros) as *Congregações Marianas*, fundadas por um jesuíta em 1563, em Roma. Estas “Congregações Marianas” vão chamar-se, depois de 1957, de “*Comunidades de Vida Cristã*” e existem, até hoje, em quase todo mundo. Começaram atendendo jovens estudantes porque os jesuítas trabalhavam com Colégios e Universidades. Sendo, contudo, uma expressão do carisma jesuítico, o trabalho envolveu adultos, formados, gente do povo, todos que quisessem e aceitassem viver, comunitariamente, certos critérios de pertença. Era e é algo muito bom, que resultou em movimentações bonitas, a partir de um carisma, pelo Brasil e pelo mundo, mas não era uma articulação, um movimento onde o protagonismo fosse dos jovens. O protagonismo estava no carisma dos jesuítas, traduzido também para a juventude.

(ilustração 1)

O mesmo se pode dizer de outras iniciativas como a “*Juventude Vicentina*”, a “*Legião de Maria*”, o movimento das “*Filhas de Maria*”, o movimento do “*Apostolado da Oração*” etc. com repercussão internacional. Todos eles não deixavam de trabalhar com jovens, realizando coisas maravilhosas. A grande diferença é que o protagonismo não era dos jovens. A afirmação “*jovens evangelizando os jovens*” é do Papa Paulo VI, na época do Concílio Vaticano II (1962 a 1965)⁵.

1.3 Os primeiros passos para o protagonismo (1950 a 1967)

Para compreendermos um passo decisivo na perspectiva em que nos colocamos precisamos recordar um fato novo na Igreja. Este fato novo deu-se com Pio XI, Papa de 1922 a 1939. Situando-nos, recordemos que estamos após a 1ª Guerra Mundial, na época do Nazismo (Alemanha) e do Fascismo (Itália), alguns anos após a Revolução Russa etc. A industrialização e o capitalismo estavam provocando discussões e problemas nunca antes enfrentados. O operariado (para falar de um segmento da sociedade), por causa dos problemas que vinha enfrentando, estava criando consciência de sua cidadania e se afastava do cristianismo. A grande preocupação de Pio XI foi a “descristianização” do mundo. A Igreja da Cristandade caía em crise e era preciso responder aos questionamentos dos novos tempos. Uma causa que o Papa Pio XI abraçou de mãos e pés foi a *formação e a participação organizada dos leigos e leigas católicos no apostolado hierárquico* (é assim que se falava) da Igreja, visando a difusão e a atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social. Tratava-se de recristianizar o mundo com a ajuda não só do clero mas de todos os católicos. O resultado foi a fundação de um grande movimento mundial: a *Ação Católica*.

Em toda parte (também no Brasil) algo de novo e de muita gente começou a manifestar-se na Igreja. Congressos, Dias de Formação, Assembléias, reuniões do clero, reuniões de homens, mulheres, moços e moças, Semanas Nacionais da Ação Católica⁶, todos carregando dentro de si a convicção de que o mundo precisava ser recristianizado. Algo semelhante ao que o Papa João Paulo II, sessenta anos depois, lançou por ocasião da preparação do Terceiro Milênio.

⁵ Veja o decreto “*Apostolicam Actuositatem*”, do Concílio Vaticano II, nº 12.

⁶ Houve, no Brasil, sete Semanas Nacionais da Ação Católica: em 1937 (Rio de Janeiro), 1947 (Belo Horizonte), 1948 (Porto Alegre), 1950 (Rio de Janeiro), 1951 (Recife), 1957 (Rio de Janeiro), 1961 (Rio de Janeiro). Para compreendermos a dinâmica da Ação Católica *Geral* caminhando para a Ação Católica *Especializada* são importantes lermos o que sucedeu, principalmente, na Semana Nacional de Recife (1951) e do Rio de Janeiro (1957). Um livro que sintetiza bastante bem esta trajetória é “*Ação Católica Brasileira*”, de Frei Romeu Dale (Loyola, São Paulo, 1985).

A Ação Católica era uma forma organizada de viver a fé cristã. Supôs, por isso, *organização*. Destacaram-se duas *formas de organização*, conhecidas como “*Ação Católica Geral*” e “*Ação Católica Especializada*”.

a) Ação Católica Geral

Um modelo de organização da Ação Católica é conhecido como “*Ação Católica Geral*”. Tinha suas raízes numa concepção italiana, mas estendeu-se para muitos países do mundo. O modelo de organização, como não podia deixar de ser, carregava em si uma visão política. Olhava o universo das pessoas formado por homens, mulheres, moços e moças. *Era a sua forma política e ordenada de organizar o universo dos fiéis*. Agindo desta forma - pensavam - poderiam alcançar seu objetivo: recristianizar o mundo. Uma tradução dessa Ação Católica Geral vivemos no Brasil com a formação, em 1932, da *Juventude Feminina Católica*. Mais adiante (1935) funda-se, no Brasil, a “Juventude Católica Brasileira”, a associação dos “Homens da Ação Católica” bem como a “Liga Feminina Católica”.

Dizia o Papa Pio XI que a Ação Católica era necessária por causa da escassez do clero; que a prioridade primeira da Ação Católica deveria ser a formação; que houvesse uma unidade orgânica em todos os segmentos da Ação Católica, com coordenações em todos eles; que era objetivo da Ação Católica fazer, de cada indivíduo, um apóstolo no ambiente social em que se encontrava.

b) Ação Católica Especializada

Outro modelo de organização e articulação começou a ser gestado na França e na Bélgica, alguns anos depois. Além de dar importância a uma articulação por idade ou por estado civil, viu-se que era necessário unir os/as jovens e os/as adultos/as segundo os meios ou ambientes em que agiam para sua sobrevivência. Quem iniciou esta forma de evangelizar segundo os “meios” foi um padre que trabalhava com jovens operários, na Bélgica. Era ele o então *Cônego Joseph Cardijn*, amigo e companheiro do filósofo Jacques Maritain, figura importante, mais tarde, como mentor intelectual e político para a juventude católica brasileira⁷. O que seria uma Ação Católica Especializada?

É evidente que a Bélgica e a França - países onde primeiro se insistiu na importância pedagógica do “meio” na educação da fé - foram locais de inspiração de todos que começavam a sentir esta necessidade. Um exemplo disso é a participação de duas brasileiras da Juventude Feminina Católica (Jeanette Pucheu e Vera Jaccoud) da Sessão Internacional da Juventude Estudantil Católica (na França), em 1947. Após participarem, em Roma, de um Congresso Internacional de Leigos, foram assistir, em Pontoise (França), uma Sessão Internacional da Juventude Estudantil Católica para verem, na prática, o que seria, de fato, uma JEC e não somente uma Juventude Feminina Católica.

- **Vera, qual foi a reação às novidades que trouxeram da Europa?**
- **Vera** - A mudança da Ação Católica Geral para a Ação Católica Especializada foi motivo de muita discussão, também no Brasil, entre adultos e jovens. Em 1950, (em Petrópolis - RJ) começa-se a falar oficialmente de JEC e de JUC, já que a JOC se oficializara antes⁸. Mais adiante dá-se, por causa disso, toda uma reformulação dos Estatutos e do Regulamento da Ação Católica Brasileira. Essa reformulação mexeu

⁷ Jacques Maritain morreu em 1973. Converteu-se ao catolicismo com 26 anos. Duas obras importantes, das que mais influíram, são “*Humanismo Integral*” e “*Princípios de uma Política Humanista*”.

⁸ Os Estatutos da JOC já tinham sido aprovadas após a Terceira Semana da Ação Católica, em 1948.

muito com a hierarquia, não se realizando, estranhamente, nenhuma Semana Nacional nos anos que vão de 1951 a 1957.

Foi neste ano (1957) que a Ação Católica Brasileira presta aos bispos um longo depoimento, ratificando a importância das articulações “*especializadas*”. Os bispos se alegram e escrevem, no final da Sexta Semana, que “*o encontro, tal como acaba de realizar-se, é por si uma apologia do método da Ação Católica Especializada*”. Assinam a declaração os 24 bispos presentes. Não falam, contudo, de JAC, JEC, JIC, JOC, JUC mas de Ação Católica Rural, Estudantil, Operária, Universitária e de Ação Católica no meio independente.

Não apresentamos aqui a caminhada de todas estas “*especialidades*”. Além de darmos umas pinceladas gerais sobre elas, recomendamos que se leia o que já se escreveu sobre isso⁹. Todos estes “*meios*” sofreram uma rápida evolução no seu compromisso com a realidade social. Podemos sentir isso num documento apresentado aos bispos, em 1964. Intitula-se “*Documento-Base: “Sentido, linha de ação e método dos movimentos especializados”*” e foi elaborado antes do golpe militar, no encontro nacional dos assistentes regionais de todos os movimentos da Ação Católica, juntamente com as equipes nacionais, em julho de 1963. Por ele se pode ver como chegaram, caminhando em suas “*especialidades*”, a ter uma visão orgânica de Ação Católica e como procuravam ser apóstolos em seu meio.

c) Rápida avaliação

Numa visão geral, fica claro que os “*movimentos*” juvenis especializados, dos quais falamos, tiveram vigência de 1950 a 1967 quando foram extintos, no Brasil, pela hierarquia e pela repressão política da ditadura do golpe militar. Por parte da *hierarquia* porque, por um lado, a politização de quase todos os movimentos era muito forte, colocando-se todos na perspectiva da luta pelas “*reformas de base*” pelas quais grande parte da sociedade e a esquerda brasileira batalhava; por outro, a hierarquia não conseguia acompanhar a vivência nova e conjunta de fé e política. Por parte dos jovens católicos esta vivência ficava sempre mais evidente. Para chegar à extinção houve longas e dolorosas discussões, na maioria das vezes não consensuais nem entre os jovens nem entre os bispos. Como na Ação Católica ainda valia o “*mandato*”(autorização para agir) - expressão de certa dependência do laicado em relação à hierarquia - a solução encontrada foi a extinção. Por outro lado, a *repressão política*, que se implantou com o golpe militar de 1964, foi dura e cruel com todas as movimentações sociais que desejavam mudança, inclusive com as organizações católicas. Por isso ela não poupou, também, os falados movimentos juvenis católicos, prendendo e perseguindo jovens e assistentes.

⁹ Sobre a JUC recomendamos três livros: “*A JUC no Brasil - evolução e impasse de uma ideologia*”, de José Luiz Sigríst (Cortez Editora, São Paulo, 1982); “*Cristãos na Universidade e na Política - História da JUC e da AP*”, de José Oscar Beozzo, Vozes, Petrópolis, 1984; e de Luiz Alberto Gómez de Souza “*A JUC: os estudantes católicos e a política*”, Vozes, Petrópolis, 1984. São estudos que serviram de tese em terras européias. Sobre a JEC existe menos. Para quem deseja ter uma visão de conjunto do que foi a JEC no Brasil, leia “*JEC no Brasil - uma proposta que não morreu*”, do Pe. Hilário Dick S.J. (CCJ, São Paulo, 1992), “*JEC, o Evangelho no Colégio*”, de Frei Mateus Rocha, Duas Cidades, São Paulo, 1958. Para ter uma visão latino-americana da JEC, existe o livro “*Los Estudiantes siendo Iglesia en América Latina - la historia de la JEC*”, do Pe. Hilário Dick, publicação do SLA MIEC-JECI, Quito, 1994. Sobre a JOC (ainda existente e viva em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil) recomendamos “*Juventude Operária Católica*” (JOC), de Valmir Francisco Muraro, publicado pela Brasiliense, 1985, na coleção “*Tudo é História*”, n.º 97 e “*A JOC e o surgimento da Igreja na base*” (1985-1970), de Scott Mainwaring, Vozes, Petrópolis, 1982. Sobre a JAC não existe muita análise. É interessante, no entanto, dar-nos conta que a Pastoral da Juventude Rural assume esta continuidade. Leia-se, por isso, “*Pastoral da Juventude Rural*” elaborado pela Coordenação Estadual da Pastoral da Juventude Rural do Rio Grande do Sul (Vozes, Petrópolis, 1985). Da JIC, infelizmente, o que há de história, é praticamente nulo. O que se sabe - isso sim - é que da Liga Independente Católica Feminina (versão adulta da JIC) nasce a “*Renovação Cristã*”, existente nalguns lugares do Brasil. Uma leitura sugestiva é “*Da Ação Católica à Pastoral de Juventude*”, de Mário Antônio Betiati (Vozes, Petrópolis, 1985) que contém referências, também, à JIC.

- *Pe. Abramo, o golpe militar e a repressão não foram brincadeira... Você e outros sentiram isso na pele.*
- *Pe. Abramo - Vocês não conseguem imaginar o dramático que era ser, naquele momento, assistente de estudantes despertando para a consciência política e crítica. A solução de muitos “militantes” e assistentes foi o exílio voluntário; outros sofreram prisões, torturas e interrogatórios. De forma geral, todos os movimentos juvenis (com exceção da JOC), sucumbiram.*

- *Dez heranças*

A herança que a Ação Católica Especializada deixou é muito grande. Somente a título de citação (tudo isso mereceria estudos aprofundados) podemos elencar mais de dez heranças: a utilização do método Ver-Julgar-Agir na formação de assistentes¹⁰ e lideranças; a busca de uma prática a partir da realidade, considerando questões sociais e políticas¹¹; a formação na ação; a descoberta da necessidade de se lutar pela transformação das estruturas sociais, com a ajuda das análises de conjuntura e das Semanas de Estudo; a necessidade e o uso de espaços de revisão de vida e de prática; a compreensão da fé vivida no engajamento social; o uso de uma pedagogia para despertar o espírito crítico; a descoberta e a opção pedagógica pelos pequenos grupos; a lenta, mas profunda, compreensão de uma espiritualidade encarnada, alimentada pela vida de oração e pela inserção social; o despertar para o protagonismo juvenil na evangelização; e a compreensão da autonomia da missão dos leigos a partir do batismo que consagra o cristão no mundo.

- *Atividades levando ao protagonismo*

Se fôssemos destacar algumas heranças destes “movimentos” da Ação Católica Especializada acentuaríamos, em primeiro lugar, *a questão pedagógica*: as formas que se usaram para educar cidadãos crentes. As *Semanas de Estudo*, a exigência na aplicação da *Revisão de Vida*, as análises de conjuntura, as leituras, a mística adaptada ao meio etc. formaram verdadeiras gerações. Em segundo lugar, o modo como os “movimentos” estavam *organizados*, com equipes liberadas a nível nacional e regional, visitando os grupos e realizando Congressos, Encontros e Assembléias levadas pelos próprios jovens e as diversificadas atividades nos “meios” como a *Semana da Juventude*, etc. Era um conjunto de práticas que foi gerando o que hoje chamamos de “*protagonismo juvenil*”, despertando pessoas maduras na fé e na vida. Foi nesse conjunto de “instrumentos” que esteve a riqueza e o risco da Ação Católica Especializada.

- *Método e Assistentes de qualidade*

Uma outra herança que não mais se perdeu na Igreja foi a vivência eficaz, nas diferentes atividades, *do método Ver-Julgar-Agir*. O que pode parecer arcaico ou com necessidade de ser atualizado ou revisto, na época foi um avanço indescritível. Sabe-se que a pior forma de ser autoritário é dizer que não se tem método. Não se vivia somente o método. Ele era assimilado e discutido. Ajudavam nisso grandes mestres da realidade social, da visão teológica e grandes pedagogos, capazes de traduzir para a prática o que na teoria se ia descobrindo.

¹⁰ Para “assessorar” os movimentos da Ação Católica Especializada havia os **assistentes** (que deviam ser padres). Havia, igualmente os **adjuntos** (Irmãos e Irmãs e religiosos em geral, que não eram padres). Todos eles tinham, de alguma forma, a nomeação do bispo. Eram resquícios do modelo de Igreja que se vivia e que foi superado somente com a ajuda do Vaticano II.

¹¹ Essa evolução para o encontro com a realidade não se deu de uma hora para a outra. Veja-se, especialmente, a história da JEC e da JUC para compreender esse processo nem sempre fácil nem tranqüilo.

- **Luiz Alberto, dizem que os universitários da JEC e da JUC puderam contar com bons assistentes. É verdade?**
- **Luiz Alberto** - Para citar somente algumas figuras (sempre sendo injustos com outros), falaríamos de Luis Senna, especialista em pedagogia, do Pe. Henrique de Lima Vaz S.J., filósofo, levando a juventude a amadurecer o que significa “o Ideal Histórico” e o Pe. Almerly Bezerra. São provas da importância, junto aos jovens, de bons assistentes. Um dos iniciadores da Teologia da Libertação (Assistente da União Nacional de Estudantes Católicos, do Peru) - Pe. Gustavo Gutierrez - não se cansou em escutar as análises que os universitários, estudantes e operários católicos brasileiros e peruanos faziam em cima do relacionamento da fé com a política e a economia.

O aprofundamento do “Ideal Histórico” e a compreensão da necessidade de intervir na sociedade levou os jovens a se comprometerem progressivamente com seu meio e, por causa disso, com a sociedade. Vemos lideranças da JUC assumindo, junto com os comunistas, a direção da União Nacional de Estudantes nos inícios de 1960. Foi a época mais pujante de sua história, em parte pela presença dos cristãos. Algo semelhante sucedia com os estudantes e os operários. O que mais marcou politicamente estes movimentos foi o surgimento, com a ajuda deles e como consequência prática dos debates teóricos que faziam, da tendência política conhecida como “*Ação Popular*” (AP). É verdade que, mais adiante, esta tendência tomou rumos radicais, mas não se pode negar que foi gestada pela inquietude dos cristãos dos “movimentos” da Ação Católica Especializada.

Outra iniciativa que deve muito a esta juventude é o *Centro Popular de Cultura* que a UNE (na época muito próxima à JUC) levava para todo o Brasil ajudando no teatro político, na música de protesto e no encaminhamento do Cinema Novo. O que se via eram os jovens transformando-se em “juventude”, tornando-se - como diriam os bispos latino-americanos reunidos em Medellín (1969) - um “novo organismo social, portador de idéias próprias, de valores próprios e de dinamismo interno próprio” (“*Conclusões de Medellín*”, Juventude). É o que entendemos por gestação do “protagonismo juvenil”.

- **Ataque à organização**

O que interessa gravar na história é que os estes “movimentos” (JUC, JOC, JEC...) por sua postura na sociedade, na Igreja, e por sua postura eclesial e teológica, foram podados naquilo que lhes dava entusiasmo e inspiração: *a organização nacional*. Os “movimentos” sentiam-se chamados para ser cristãos no mundo, sem limitações regionais. A juventude sempre soube aprender muito em suas articulações. É por ali que a hierarquia (não de forma unívoca) investiu, deixando tudo na responsabilidade das autoridades locais, esquecendo até o que haviam discutido no Concílio Vaticano II sobre a “colegialidade episcopal”. Unida esta decisão à realidade generalizada de repressão política, dá para compreender que qualquer movimento católico de jovens, com as características da Ação Católica Especializada, não poderia subsistir. Houve resistências, é verdade, mas demoraram muito em resultar em algo mais significativo. Estávamos nos anos mais duros do golpe militar: 1966 a 1968. A juventude que se erguia para ter uma palavra na Igreja e na sociedade, foi calada por um diabólico conluio de adultos, talvez indesejado, mas que não deixou a juventude ser ela mesma, na dimensão de fé que amavam mas queriam ver realizada e vivida de forma renovada.

- **O contexto de maio de 1968**

Se nos dermos conta do contexto mundial no qual a Ação Católica Especializada era extinta no Brasil, a dor histórica dos jovens aumenta terrivelmente. Para lembrar somente alguns fatos,

tenhamos presente que foi em maio de 1968 que a *juventude da França* parou o país, a partir da revolta dos universitários contra o sistema educacional atrasado e autoritário. Não bastou a “mão-forte” do presidente De Gaulle para dominá-los. Passados 30 anos, este fato é recordado sempre. Na *Itália* os estudantes tomam as Universidades e os operários ocupam as fábricas. Veja o caso do polo industrial de Maghera, entre Pádua e Veneza. Era a época dos hippies e do sucesso do rock. Os universitários dos *Estados Unidos* não aceitavam a política de seu país no Vietnã. Por isso, no festival da rock em Woodstock, nos Estados Unidos, reúnem-se milhões de jovens clamando por liberdade em sentido mais amplo possível, entrando afetividade, revolta contra a dominação imperialista dos Estados Unidos, liberdade etc. Poucos anos depois, no começo de 1972, dá-se no *México*, pouco antes da abertura dos Jogos Olímpicos, uma terrível matança de estudantes que protestavam contra o sistema político e educacional. Em 1967 matou-se, em terras bolivianas, o guerrilheiro idolatrado *Che Guevara*. No *Peru*, fazia-se uma Reforma Agrária como não se havia pensado antes. Na *Alemanha* o líder estudantil Rudi Dutschke conseguiu agitar o país inteiro.

- *Chico, apesar da ditadura no Brasil (o ano de 1968 foi o ano do Ato Institucional n.º 5), a juventude não estava morta, não é?*
- *Chico - É verdade. O que aconteceu é que, não podendo contar com a maioria dos seus organismos normais de organização, os jovens começaram a utilizar a música e o cinema como meios de “conscientização”. Basta recordar os “Festivais de Música Popular”, os primeiros passos do Cinema Novo e a popularidade que teve o “Teatro de Arena”, todos levados - em grande parte - pela juventude. Eram os anos de “Tropicalia”, onde o sexo ia deixando de ser tabú.*

Vivia-se, na época da extinção da Ação Católica Especializada, uma efervescência juvenil nunca vista. Olhe-se o mapa mundial das agitações juvenis de 1968. E o que faz a hierarquia da Igreja Católica brasileira? Em vez de sentar-se junto ao jovem para tentar compreender o novo que se vinha gestando, também na dimensão da fé, a hierarquia recua e entra no espírito do “golpe”, com a preocupação de que aquilo que a juventude católica estava descobrindo não era o ortodoxo... Neste sentido, a morte da Ação Católica foi triste. Como compreender, por outro lado, que na Conferência Episcopal de Medellín, acontecida na mesma época, a juventude mereça o destaque que tem? Entre as muitas reuniões de preparação desta Conferência é preciso destacar o Encontro Episcopal sobre a presença da Igreja no mundo universitário, em Buga (Colômbia - 1967), produzindo um documento de grande valor para todos que se dedicavam à evangelização da juventude. São trechos de história que confirmam a perplexidade ante a extinção de movimentos juvenis católicos como foram os da Ação Católica Especializada¹². Mas foi o que aconteceu.

¹² Fala-se e falava-se dos “movimentos” de Ação Católica porque não se falava, ainda, de “pastorais”. Essa discussão é posterior, mas é bom ter presente que há “movimentos” com tônicas diferentes e que os “movimentos” da Ação Católica Especializada, dos quais falamos, são todos antecessores das “pastorais” que vão compor a Pastoral da Juventude. Falando de personagens que trabalhavam com estudantes, seríamos injustos se não recordássemos, neste contexto, que em maio de 1969 era morto, barbaramente, no Recife, pelos militares, o Pe. Henrique Pereira Neto.

CAPÍTULO II

JUVENTUDE CATÓLICA: OS ANOS DE OUTRAS BUSCAS E DE OUTRAS CONCEPÇÕES (1969 a 1983)

*“Já podaram seus momentos,
Desviaram seu destino,
Seu sorriso de menino
Tantas vezes se escondeu...”*

Com a extinção dos grupos da Ação Católica Especializada, com os jovens e os adultos desorientados e medrosos, o que se seguiu foi um fenômeno inesperado. Não há dúvida que um pano de fundo estava em toda a parte: *o apoio e a rejeição da leitura da realidade a partir da análise marxista da realidade*. Esta leitura sintonizava com a formulação da teoria da dependência e da sistematização do que se chamaria, um pouco depois, de Teologia da Libertação¹³. Por outro lado era evidente, também, que criava força certo radicalismo católico, acérrimo defensor do “status quo” e da ortodoxia numa linha que ainda se enraizava no Concílio de Trento e resistia às inovações do Concílio Vaticano II e, principalmente, à linha eclesial que a Igreja Latino-Americana tomara em Medellín (1969)¹⁴. Com as modificações que a Igreja vinha sofrendo e com a falta de espaço que os jovens tinham para se manifestar (estavam proibidos os Diretórios, os Centros de Estudantes e os Grêmios Estudantis; estavam fechados os Sindicatos e eram proibidas as reuniões...) um outro fenômeno aconteceu: em vez de os jovens se encontrarem nos “meios” (Colégio, Campo, Fábrica e Universidade), eles começaram a reunir-se nas paróquias (lugar mais seguro e com atrações litúrgicas novas que agradavam os jovens: violão na missa, missa em português etc) e formaram-se milhares de grupos de jovens. Grupos de paróquia.

2.1 Ao lado das cinzas, outra realidade

Além disso surgiu, no meio do clero, uma figura como o do *Pe. Zezinho*, cantando e falando para os jovens como antes não se falava... Para aumentar ainda mais as atrações eclesiais, surgiram, na mesma época, em muitos lugares, encontros de jovens de final de semana com uma pedagogia que agradava e atraía. Um dos primeiros tipos de encontro, nesta linha, foi o que é conhecido como movimento “*Emaús*” (1969). Logo depois, também em São Paulo, outro tipo de encontro para jovens depois dos 17 anos: o *Treinamento de Liderança Cristã* (TLC). Em questão de pouco tempo pipocavam, em todo o Brasil, estes e outros tipos de encontros para jovens, estranhamente muito semelhantes entre si. Estudando o fenômeno percebe-se que a linha metodológica adotada por quase todos estes tipos de encontros se fundamentavam no ideário dos “Cursinhos de Crisandade” traduzidos para jovens... O efeito, de alguma forma, foi assombroso.

A grande maioria dos tipos de “Encontro” era ligado a alguma Congregação Religiosa ou, então, a agentes pastorais pertencentes a “famílias” religiosas. Citamos como exemplos o *Treinamento de Liderança Cristã* (TLC), que funcionou praticamente em todo o Brasil. Seu “criador” foi um jesuíta americano engajado no Brasil e que trouxe para cá, também a Renovação Carismática. Apesar de os encontros serem feitos com caráter paroquial, o centro de suas atividades era, muitas vezes, o colégio. Outros jesuítas “criaram” encontros semelhantes (com outro nome) em

¹³ A primeira sistematização da Teologia da Libertação se dá, em 1972, com o teólogo peruano Gustavo Gutierrez publicando “*Teologia de la Liberación*” (CEP, Lima, 1971).

¹⁴ Leia-se “*O Radicalismo Católico Brasileiro - para onde vai o catolicismo progressista no Brasil*”, de Ulisse Alessio Floridi S.J. (Hora Presente, São Paulo, 1973).

- **Pe. Haroldo, bons tempos aqueles...**
- **Pe. Haroldo** - Não venha com ironia. O certo é que o número de jovens que voltavam à prática sacramental era grande, ao menos aparentemente. Havia vibração e muita gente envolvida. Até o clero não ficou indiferente. É evidente que havia, aqui e acolá, agentes pastorais que estranhavam muito este fenômeno, mas o que fazer? Um ator que se tornou especialmente importante, mas que não aparecia ostensivamente, foram algumas Congregações Religiosas.

Brasília e Belo Horizonte. Outra “família religiosa” que teve “seu” tipo de encontros foram os salesianos. O “movimento” chamava-se “*Construindo*” e estava espalhado por muitos recantos, especialmente no Sul e no Nordeste. Os redentoristas foram (e são) os criadores de outro tipo de Encontro: o *Encontro de Jovens com Cristo* (EJC) que se articulava de forma tímida com o Encontro de Casais com Cristo. Também os palotinos e palotinas, preocupados com a atualização do Movimento Schoenstatt à juventude, “fundaram” o *Cenáculo* etc. Claro que houve, igualmente, uma linha mais “diocesana” como o *Emaús*, fundado por Mons. Calazans, em São Paulo, e o *Curso de Liderança Juvenil* (CLJ) mas surgiram, em geral, anos depois.

2.2 Olhando estes “movimentos de encontro”

Estamos falando, por ora, de “Encontros” ou “Movimentos” tipicamente “nacionais”. Chamamos este fenômeno de “movimentos de encontro”. Eram coordenados, mais ou menos explicitamente, por adultos; visavam resolver os problemas pessoais do jovem e dar respostas às aspirações de libertação interior da pessoa; despertavam os jovens para uma experiência forte de oração, afetividade e amizade; acentuavam a dimensão espiritual, com ênfase nos sacramentos e na oração; eram menos dependentes do apoio do clero (aí estavam os adultos...) e o assessor adulto (leigo) era um fator importante; trabalhavam com grandes grupos; apresentavam uma Igreja atraente e acolhedora que se contrapunha à frieza e burocracia das paróquias e ao formalismo das celebrações dominicais; trabalhavam muito o sentido de pertença à Igreja (“todos somos Igreja...”).

(Ilustração 2)

Mais do que articular-se a uma pastoral de conjunto, procuravam construir uma vida “autônoma” do “movimento”. Foram estes tipos de “encontros” que fizeram surgir, em grande parte, muitos grupos de jovens que, em 1971, 1972 e 1973, procuraram encontrar-se, sem nenhum resultado. Cada qual estava mais preocupado e mais entusiasmado com a “sua” experiência. É verdade que o *Setor Juventude, da CNBB*, se esforçou para fazer surgir daí certa organicidade, mas isso somente aconteceu, de fato, mais do que 10 anos depois.

- **Barbieri, amigo arquiteto. Você viveu profundamente a experiência dos encontros de 1972 e 1973. Dizem que, em 1972, você esteve até na articulação de todas estas experiências.**
- **Barbieri** - É verdade. Foi gostoso. A crítica que se fazia e se faz, ainda, - com razão - a este tipo de “Encontros” ou “Movimentos” relaciona-se com a metodologia¹⁵, mas deve-se ter presente, igualmente, outros aspectos. Os “Encontros” (todos eles) utilizavam o método do impacto, centrado em duas forças: a experiência da conversão que leva à adesão ao “movimento” através do testemunho pessoal dos palestrantes que cativavam os jovens e a experiência da fraternidade. Esta dinâmica despertava a convicção de que não se está sozinho e trabalhava muito a construção de laços afetivos entre os participantes. Evitava-se a formação muito intelectualizada. As celebrações eram marcantes pela música e pelo clima de acolhida e afeto. O método era dedutivo, embora afirmassem que usavam o método Ver-Julgar-Agir. Não se pode

¹⁵ Um estudo amplo e completo, sob vários pontos de vista, apareceu em 1978, escrito por João Batista Libânio e se intitula “*O mundo dos jovens*”(Loyola, São Paulo,1978).

negar que destes “Encontros” tenham saído lideranças para a Igreja e para a sociedade, mas sempre deixaram muito a desejar.

Para compreender isso um pouco melhor, precisa-se ter presente certas limitações que os “Encontros” carregavam consigo. Podemos citar cinco: a) não se procurou ou não se conseguiu dar certa continuidade ao processo de educação na fé. Este processo é mais complexo e mais abrangente que a experiência emocional de um fim-de-semana; b) havia muita improvisação, rotatividade dos participantes e dispersão de energias. Os grupos não assumiam compromissos e não formavam lideranças; c) faltavam objetivos comuns que garantissem a identidade do grupo; d) não se formava os jovens para o compromisso social. Eles eram formados para o engajamento interno do “movimento” e na Igreja. O problema social resolvia-se pela pregação do amor e da conversão pessoal. A dimensão política da fé era um tabu; e) tudo isso não levava os jovens a serem protagonistas do “Encontro” nem dos seus grupos.

Este tipo de “Encontros” foram bem fortes na década de 70, começando a enfraquecer na década de 80. Na década de 90 verifica-se certo “ressurgimento”, com algumas adaptações, mas com o mesmo eixo central.

2.3 Aparecem movimentos internacionais com carismas definidos

Pode-se dizer que, nesta mesma época do surgimento destes tipos de “Encontros”, há um surgir mais significativo de Movimentos da Igreja Católica de alcance internacional, trabalhando mais ou menos com a juventude. No Brasil começa a tornar-se mais significativa, por exemplo, a presença do *Movimento dos Focolares*, ao qual pertence o GEN (Geração Nova), fundado por Chiara Lubich, em 1967. Uma característica destes Movimentos é ter um carisma claramente definido. Basta ouvir a fala de um focolarino para se saber que eles vivem e procuram expandir a mística da unidade. Outro Movimento, de origem estrangeira, é o *Movimento Carismático*. Embora não seja um movimento tipicamente juvenil, atinge, com certo vigor, o mundo dos jovens. O carisma deles relaciona-se com a devoção do Espírito Santo. Um terceiro Movimento que apareceu no Brasil, depois de 1969, é “*Comunhão e Libertação*”, de origem italiana. Não teve nem tem tanta repercussão porque é mais típico de universitários e profissionais, mas destaca-se na sua beligerância ideológica, tendo dificuldade de aceitar, por exemplo, tudo que significa Pastoral de Conjunto e Teologia da Libertação¹⁶. Nessa mesma época o franciscanismo procurou partir ao encontro dos jovens. Fundou-se, no Brasil, o Movimento *Juventude Franciscana* (JUFRA). Mesmo não sendo tão representativo, quantitativamente, destaca-se na transmissão do carisma da simplicidade e da pobreza de Francisco de Assis.

Como se vê, é outra realidade rica de Igreja que floresce junto à juventude¹⁷. Por razões as mais variadas, mesmo que trabalhem com jovens, é difícil exigir deles que se articulem entre si. O desejável é que houvesse espaços de encontro destes diversos carismas. O conjunto certamente sairia ganhando em consciência pluralista de Igreja. O que aconteceu é que, muitas vezes, os responsáveis de possíveis articulações de uma Pastoral de Conjunto não tinham clara a pluralidade que estes Movimentos significam entre si. Mesmo que haja uma Pastoral de Leigos, nem ali conseguem encontrar-se porque existe, entre eles, diferenças pedagógicas e ideológicas bastante profundas.

¹⁶ Para exemplificar a diferença destes Movimentos, comparados com a Ação Católica, recorde-se o tipo de Papa que foi Paulo VI e qual o estilo de ser Papa de João Paulo II. Paulo VI vinha de uma experiência de Assistente da FUCI (Federação Universitária Católica Italiana, expressão da Ação Católica junto aos universitários) e João Paulo II, como sacerdote e bispo, sempre viveu próximo a experiências como “Comunhão e Libertação”.

¹⁷ Há outros movimentos como o Movimento Schoenstatt, as Comunidades de Vida Cristã, o Movimento dos Catecúmenos etc. Todos se destacam por sua espiritualidade definida.

2.4 Mas havia outros...

Pelo fato de haver Movimentos com características “espiritualistas”, não podemos esquecer que há outros com acentos claramente “sociais”, mais próximos a viver um compromisso de fé casado com o compromisso político. Foi na década de 70 que reapareceu no Brasil, por exemplo, o *Movimento Internacional de Estudantes Católicas e a Juventude Estudantil Católica*, Movimentos com os quais, na década anterior, o Brasil havia cultivado e vivido um relacionamento significativo através da JEC e da JUC, tendo vários brasileiros ocupado serviços internacionais nestas instituições. Em grande parte, por influência destes Movimentos surge, em 1979, a articulação da Pastoral Universitária, dentro da qual nasceria, em 1984, o Movimento Cristão de Universitários, com existência passageira. A própria *Juventude Operária Católica*, como Movimento, nunca esteve morta. Não deixam de significar outro tipo de presença junto ao conjunto que desejamos olhar. O Brasil nunca deixou de colaborar, por exemplo, com militantes e assistentes internacionais nas instâncias destes Movimentos.

• *Tentativas*

Foi isso, numa visão geral, o que aconteceu nos anos que vão de 1969 a 1978. Mas onde ficava a Pastoral da Juventude? No final da década de 60 houve várias tentativas de recomeçar, principalmente a JEC, e um trabalho mais significativo com universitários. Não deu certo, ao menos de primeira vista. É interessante perceber que o surgimento da Pastoral da Juventude Estudantil (que se chamava, no início, de “Pastoral Secundarista”) foi sendo gestada já naqueles anos. De forma menos vigorosa do que a Pastoral Universitária, surgida a partir do Concílio de Jovens realizado em Lins, em 1977. Era, ao mesmo tempo, uma vontade de re-começar uma experiência positiva para a Igreja como, igualmente, uma reação ao que se vinha implantando através dos “Encontros” de juventude dos quais falamos acima. A Pastoral Universitária conseguiu articular-se, a nível nacional, em 1979, num Encontro Nacional realizado em Vitória (ES).

• *Atividades no Nordeste*

Como se vê, na década de 70 não se deram somente as mobilizações juvenis protagonizadas pelos “Encontros” ou pelos Movimentos. *A nível Regional deram-se muitas outras formas de articulação.* Bastaria recordar o que se fez no *Nordeste*, a partir de agentes vindos da Ação Católica Especializada. Conseguiram não só opor-se à entrada, na região, dos falados tipos de “Encontros” mas montaram trabalhos especializados de juventude com estudantes, com jovens do meio rural e do meio popular urbano. Faziam, neste sentido, grandes concentrações, assumindo estas bandeiras

- *Ivã, o Nordeste resistiu à invasão daqueles tipos de encontros espalhados por todo o Brasil. O que houve?*
- *Ivã - É verdade. Veio para cá gente muito experiente da Ação Católica e isso nos ajudou a termos algumas realidades diferentes. Em 1978, por exemplo, a nível de três Regionais (só havia três naquele tempo), realizou-se no Nordeste o 1º Encontro Inter-Regional da Pastoral da Juventude. Interessante recordar as linhas de ação que assumiram: 1) uma Pastoral de Juventude comprometida com as lutas do Movimento Popular, no sentido de favorecer a inserção de seus membros nas lutas populares, numa perspectiva de transformação social; 2) o fortalecimento da atuação do jovem nos vários setores do Movimento Popular: meio sindical, rural, bairros, a partir da Pastoral de Juventude como espaço de politização e revisão das práticas à luz da fé. No mesmo encontro definem prioridades e fazem propostas de organização em todos os níveis.*

diversificadas. Foi o Nordeste, aliás, que, como um todo, se destacou neste trabalho de construção de uma Pastoral de Juventude com metodologia que tomasse em conta a situação dos oprimidos. Já em 1973 realizaram, em Olinda, um Encontro Regional sobre Pastoral de Juventude. Dois anos depois realizava-se um Encontro sobre Pastoral Estudantil.

Um ano depois, em 1979, realiza-se o 1º Encontro de Animadores de Grupos de Jovens do Meio Popular e fundam, em 1980, em João Pessoa o “*Movimento de Jovens do Meio Popular*”. No mesmo ano, em São Paulo (18-20 de julho), dá-se o 2º Encontro Inter-Regional da Pastoral da Juventude do Meio Popular, com a presença de 15 Estados. Paulo Wollinger, de Florianópolis, um dos participantes do Encontro, faz a seguinte avaliação: “*A Pastoral da Juventude como uma ação de Igreja jovem, acontece em todos os campos da nossa sociedade. A Pastoral da Juventude Popular aparece como uma nova proposta para um meio específico, uma Pastoral ambiental, dentro das próprias normas da CNBB e da proposta de Puebla. A Pastoral de Juventude Popular, dentro da Pastoral de Juventude, tem como preocupação o trabalho com os jovens das classes populares, levando-os à inserção nas lutas do povo.*”¹⁸

• *Em São Paulo*

No *Estado de São Paulo* (Sul 1) aconteciam, igualmente, articulações que foram amadurecendo, aos poucos, o que se chamava de “*Pastoral de Juventude*”. Em 1972 realizou-se, em Itaici, um Encontro de Assistentes Espirituais da Pastoral de Juventude (só depois apareceu a palavra “assessor”). Uma das idéias discutidas neste encontro foi a fundação de um “*Centro de Estudos da Pastoral de Juventude*”(que não se efetivou). Encaminharam, igualmente, um “Instrumento de Trabalho” que resultaria no documento intitulado “*Princípios e Diretrizes para a Pastoral da Juventude*” aprovado pelos bispos do Regional Sul I, em 1974. Além disso, constituiu-se uma Equipe Regional que tinha como atribuições incentivar a criação e o fortalecimento das coordenações diocesanas da PJ, buscar a inserção dos movimentos autônomos e paralelos na Pastoral Orgânica¹⁹, dinamizar o Centro de Estudos da PJ e manter contatos e intercâmbios com coordenadores de PJ de outros regionais da CNBB. Este mesmo documento (evidentemente reformulado) foi aprovado na Assembléia das Igrejas do Sul I, em 1982 e publicado pelo Comissão Episcopal do Regional Sul I.

■ **Gerônimo, você participou da redação deste Documento do Sul I de 1974?**

■ **Gerônimo** - Sim, e de todos os encaminhamentos. Infelizmente, a Equipe Regional sofreu interrupção nos anos de 1977. Aconteceu, contudo, em 1979, a 2ª Assembléia da Pastoral da Juventude do Regional em Taboão da Serra, com a presença de 65% das dioceses do Regional. Em 1980, na 3ª Assembléia Regional, em Lins, definiam as seguintes pistas de ação: incentivar a formação de grupos de base nas periferias, incentivar a formação de grupos universitários e secundaristas, abrir espaço para a formação de coordenações específicas de PJ com autonomia relativa diante das coordenações diocesanas nelas representadas, agir preferencialmente nos movimentos sociais, não tanto nos movimentos políticos e econômicos.

¹⁸ A *Pastoral da Juventude do Meio Popular* (PJMP) foi a primeira das Pastorais de Juventude que procuraram se articular. Recordamos uma primeira articulação em Olinda (1979) e um 2º Encontro Nacional em São Paulo (1980). Insistia-se bastante, sob a liderança de Domingos Corcione, numa “*Pastoral de Juventude Conseqüente*”. Em 1981 era para ter-se realizado, em Bonfim (BA) o 3º Encontro Nacional, mas foi adiado para uma outra reunião em Vitória. O 3º Encontro realizou-se, de fato, em Juazeiro (BA), em 1982, com a presença de 10 Regionais e 18 Estados.

¹⁹ “Pastoral Orgânica” era semelhante à “Pastoral de Conjunto”. Uma Pastoral era “orgânica” quando inserida, isto é, profundamente arraigada no conjunto ou, então, em consonância com a “Pastoral de Conjunto”. Era uma conseqüência do “Planejamento Pastoral”. Não se concebia mais caminhadas isoladas, fora do conjunto da Igreja.

Entre as várias regiões ou dioceses do Estado de São Paulo acreditamos que merece destaque especial a Região Belém, da Arquidiocese de São Paulo, principalmente por sua vitalidade e suas publicações. Foi nesta Região que surgiu o “*Centro de Capacitação Cristã*” (CCC) que se chamaria, depois, de *Centro de Capacitação da Juventude*”, hoje órgão oficial da Pastoral da Juventude do Brasil.

• *Na terra dos pampas*

No *Rio Grande do Sul* (Sul 3) a década de 70 foi uma década de grandes Congressos de Jovens, a partir de uma articulação que jovens e adultos daquela época conseguiam levar em frente. Não se falava, diretamente, de uma “Pastoral de Juventude” mas o que se fazia era isso. Falava-se, na época, do “Setor Regional de Jovens” e da “Comissão Arquidiocesana de Jovens”, não entrando ainda o que hoje chamaríamos de “Setor da Pastoral da Juventude”. Apesar do controle ideológico e repressivo dos militares, os jovens conseguiam debater assuntos conjunturais com muita coragem. Essas mobilizações conseguiam esconder as diferenças com a pedagogia dos “Encontros”, e os principais articuladores não eram deste tipo de “Encontros”. Era, principalmente, um grupo de adultos e pedagogos preocupados com uma metodologia que não fosse tão “apelativa” como a que era usada, isso é, mais libertadora, ajudando o jovem a assumir mais as responsabilidades. Teve influência, nisso, a participação de vários agentes do Curso de Pastoral de Juventude, oferecido a nível de América Latina, pelo IPLAJ (Instituto de Pastoral Latino-Americana de Juventud), na Colômbia. No Chile funcionava, igualmente, desde o começo de 1972, o “Instituto Superior de Pastoral Juvenil” (ISPAJ). Relatamos essas coisas para dar-nos conta dos diversos direcionamentos que o trabalho com os jovens foi tomando, depois da Ação Católica.

- *Irmão Silva, você fez o Curso do IPLAJ, na Colômbia, e participou dos debates sobre o trabalho com a evangelização da juventude. Foi uma época bonita, não é?*
- *Irmão Silva - Posso dizer que participava de um grupo de inquietos... As articulações eram tão fortes que, em 1977, iniciava em Porto Alegre um Curso de Assessores de Jovens (ainda existente em 1998), muito influenciado pelos agentes que haviam realizado cursos na Colômbia. Foram tempos bonitos, de uma busca apaixonada de acertar.*

Em 1978 realiza-se o 1º Encontro Regional de Assessores (Encontros que se efetuam anualmente ainda hoje). Foi no 2º Encontro deste tipo (em 1979) que se debate a fundação de um *Instituto de Pastoral de Juventude*, a serviço dos jovens e dos assessores. É o que se deu, de fato, em janeiro de 1980. Este Instituto tem, como objeto de sua atuação, jovens e assessores dos diferentes “meios” (paroquial, estudantil, rural, meio popular e universitário).

Fica claro, com esses dados, que havia (entre 1968 a 1983) fortes iniciativas pastorais com relação à juventude em vários lugares, destacando-se a caminhada do Sul e do Nordeste. O Nordeste e o Sul, diferenciadamente, insistem nos mesmos pontos sem, contudo, ter-se encontrado para discutir ou enfrentar os pressupostos teóricos²⁰.

²⁰ O fato de falarmos somente de três Regionais não significa que nos outros não tivesse havido iniciativas semelhantes e até melhores, com protagonismo crescente por parte dos jovens. Quisemos somente exemplificar esse fato através dos dados de alguns Regionais. Escolhemos os Regionais que, ao longo de vários anos, polarizaram, de certa forma, as discussões dentro da Pastoral da Juventude. Poderíamos falar do Centro Oeste, do Sul 2, do Oeste etc mas seria uma história “regional”. Afirmamos que, a nível “nacional”, não houve articulação juvenil, com protagonismo dos jovens, antes de 1983. É por isso que se em 1993 se festejaram 10 anos de luta e esperança. Afirmamos que, a nível “regional”, isso conseguiu caminhar e, até, muito bem. Seria muita injustiça esquecer esse dado. O que nos conduz é a vontade de olhar os fatos a nível “nacional”, quando os diferentes regionais conseguiram ser um todo, isto é, a Pastoral da Juventude do Brasil.

2.5 Numa perspectiva nacional

A nível nacional, dentro da CNBB, houve desde cedo (sabemos com certeza de 1971), a nomeação de pessoas (assessores) encarregados de acompanhar um pouco mais de perto um possível trabalho mais articulado com os jovens. Em 1971 esta pessoa era o Pe. Celso José Pinto da Silva, depois bispo de Vitória da Conquista (BA). Em 1972 o encarregado era o Pe. Hilário Mazarollo que provocou duas Assembléias dos “Movimentos” em Itaici, em 1971 e 1972. Em 1973 deu-se outra tentativa mais ampla de um *Encontro Nacional*. Apesar de a CNBB estar funcionando no Rio de Janeiro, o encontro se realizou em Itaici (SP) porque perto dali se encontrava o “QG” do Encontro “Treinamento de Liderança Cristã”, “movimento” que, em parte, procurou dar força e quase protagonizou uma possível articulação nacional dos trabalhos com a juventude.

■ **Dom Celso, você se lembra de todas estas coisas?**
 ■ **Dom Celso** - Com carinho enorme... Lembro-me, até, que classificaram a Pastoral da Juventude em 5 tipos: os movimentos derivados da Ação Católica, os movimentos derivados do Cursilho, os movimentos mistos, os movimentos carismáticos e as coordenações regionais da Pastoral de Juventude. O encontro de 1973 foi, concretamente, um Encontro de adultos que trabalhavam com jovens e não um encontro de jovens. Infelizmente não deixou resultados.

O mesmo aconteceu no 2º *Encontro Nacional*, em 1975, que analisou criticamente as experiências e os trabalhos da Pastoral de Juventude a partir dos Regionais, insistindo nestas organizações. Do 3º *Encontro*, realizado em 1978, (01 a 04 de setembro de 1978) já podemos contar com mais memória porque o contexto começava a ser outro (havia-se realizado um Encontro de Pastoral de Juventude do CELAM, em Tralca (Chile) em 1977 e a Conferência Episcopal de Puebla estava às portas...), e porque, em grande parte, nesta época, tanto no Nordeste como no Sul, já havia articulações comandadas por lideranças juvenis, inclusive carregando visões diferenciadas e bastante maduras sobre uma possível organização da juventude. Articulavam-se, nesta época, igualmente, significativos agentes pastorais, com experiência e pedagogia²¹ reconhecidas. O jovem que representou a juventude brasileira na Conferência de Puebla vinha da Pastoral da Juventude do Meio Popular do Nordeste. O resultado a nível nacional foi, no entanto, uma “parada programada” para que as diferentes regiões se articulassem.

2.6 “Não é possível um trabalho em conjunto...”

O Encontro Nacional de agentes que trabalhavam com Pastoral de Juventude do qual falamos deu-se, portanto, em Brasília, em setembro de 1978. Eram assessores nacionais de juventude os Padres Raimundo José Soares e Luiz Arnaldo Sefrin. Estavam presentes 11 dos 13 Regionais, com 30% de representações juvenis. Chegaram a definir quatro grandes *princípios orientadores da ação da PJ*, provavelmente influenciados por aquilo que o Sul 1 já produzira e por outras tantas experiências. Havia, no Brasil, na época, 47 dioceses com coordenações de Pastoral de Juventude. Os quatro princípios definidos em 1978 são: a) *realizar uma PJ que seja orgânica, coordenada e integrada na Pastoral de Conjunto*. São farpas de construção de algo diferenciado do que os “encontros de jovens”, em geral, promoviam. b) *partir das necessidades sentidas pelos jovens e vistas nos contatos com a realidade*. O método era indutivo e não dedutivo. c) *atingir a grande massa de jovens a partir de pequenos grupos, atuando no meio específico (escola, universidade, trabalho e bairro) para transformar a realidade*. Farpa violenta contra os encontrões e um trabalho

²¹ Sempre com receio de deixar de lado inúmeros outros nomes podemos citar, do Sul, o Pe. Quirino Weber S.J., o Ir. Antônio Bortolini (marista), o Pe. Hugo Bersch S.J. e o Pe. Gregório de Nadal; do Nordeste vinham Domingos Corcione, a Ir. Valéria Cristina Barbosa e o Pe. Ivã Teófilo (salesiano); no Sudeste estavam o Pe. Jerônimo Gasques, o Pe. Jorge Boran e o Pe. Oscar Beozzo.

genérico com a juventude. d) *utilizar, a nível de grupo e coordenação, o método Ver-Julgar-Agir, enriquecido pelas experiências antigas e recentes.* Percebe-se a memória presente da Ação Católica. Era o 3º Encontro Nacional.

- *Agir por “Blocos”*

Como houvesse poucos Regionais articulados, os agentes decidiram priorizar a articulação destes Regionais. Sugeriram que se iniciasse esta articulação através da entre-ajuda de alguns, reunidos em “Blocos”²². O Nordeste e o Sul, que já tentavam algo nesse sentido, foram incentivados a continuarem, suspendendo-se temporariamente qualquer tentativa a nível nacional. Estranhamente, no entanto, a Pastoral da Juventude do Meio Popular já iniciara certa articulação a nível nacional. Em 1979 os universitários também realizaram seu primeiro Encontro Nacional, em Vitória (ES), organizando-se internamente conforme os “Blocos”. Para quem deseja perceber, fica mais ou menos evidente que o Nordeste e o Sul não queriam enfrentar-se porque era necessário - como se dizia - fazer mais trabalho de base... O enfrentamento vai-se dar mais adiante, sem ter discutido mais profundamente as diferenças de ver e organizar o trabalho de evangelização da juventude. Enquanto o Nordeste defendia, hegemonicamente, a organização da PJ segundo as classes sociais, o Sul acreditava, hegemonicamente, que a sociedade não se organiza a partir da *classe* social mas a partir das “*categorias sociais*” (metalúrgicos, bancários, magistério, operários da construção civil...). Por isso a bandeira histórica tão forte das Pastorais Específicas. Estas concepções, no entanto, ficavam na surdina e afloravam somente na luta pelo comando de possíveis instâncias de decisão e execução.

- *A CNBB vai à luta*

Depois de 1978, principalmente após a Conferência Episcopal de Puebla, fazendo uma “*opção preferencial*” pelos jovens, houve muita mobilização pastoral envolvendo a juventude, mesmo sem uma organicidade nacional. Fixamos como referência o Sul do Brasil onde, em 1980, surge o primeiro Instituto de Pastoral de Juventude. Adultos e jovens não estavam estagnados nem aqui nem noutros lugares. Em 1981 reaparece, novamente, o Setor Juventude da CNBB, na figura de D. Cláudio Hummes, bispo de Santo André (SP) e responsável da “juventude” dentro da CNBB. O que este bispo fez foi ir em busca de alguém que o assessorasse na missão que lhe havia sido dada a nível nacional. Busca nomes e pessoas e termina visitando o recém-fundado Instituto de Pastoral de Juventude, em Porto Alegre. O resultado foi a nomeação do Pe. Hilário Dick S.J.. Com a bênção do seu Provincial e de outros responsáveis pelo Instituto, no final de 1981, partiu para Brasília. Seria possível um trabalho orgânico com os jovens sendo Igreja de forma nacional? Havia desconfianças variadas de diversos agentes envolvidos em articulações mais “regionais” ou de Bloco mas havia, igualmente, a vontade de não ficar isolado, ainda mais depois que Puebla falara de uma “Pastoral da Juventude global e orgânica” (P.1187).

- *Os jovens como “destaque” dos bispos*

Juntando dados daqui e de lá, no início de 1982, o Pe. Hilário Dick programou uma viagem de observação e animação do Sul ao Norte do Brasil, falando com jovens e adultos imbuídos do

(Ilustração 3)

²² O “Bloco” era entendido como o conjunto de alguns Regionais da CNBB. O Bloco Nordeste p.ex. era formado pelos Regionais NE I, NE II e NE III. Os Nordeste IV e V surgiram depois. O Bloco Sul era formado pelo Sul I (SP), Sul II (PR), pelo Sul III (RS) e Sul IV (SC). Havia, além destes dois Blocos, o Bloco Leste, o Bloco Centro-Oeste e o Bloco Norte.

espírito evangelizador junto à juventude. Como resultado deste levantamento, nos dias 6 a 10 de setembro de 1982, no Rio de Janeiro, encontraram-se 20 agentes representando experiências significativas a nível de Brasil a fim de estudarem a situação da Pastoral de Juventude no Brasil. Era um “*grupo de trabalho*”. O grupo trabalhou dois objetivos: pensar a Pastoral de Juventude em termos nacionais e discutir e amadurecer estratégias de organização e linhas de formação desta Pastoral. O resultado foi um “documento” que, além da introdução, desenvolve a vida e a morte da juventude brasileira, os ganhos e vazios da Pastoral de Juventude, o específico da Pastoral de Juventude²³, o processo de transição da Pastoral de Juventude, quatro experiências de os jovens serem Igreja e concluía com uma “reflexão sistemática” onde tratava da opção pelo jovem empobrecido, da atuação nos meios específicos e nos organismos intermediários e de algumas questões centrais (o problema metodológico, a formação integral e a estrutura organizativa). O resultado desse trabalho foi publicado no “*Comunicado Mensal da CNBB*” e foi, provavelmente, a fonte de informação para que, na Assembléia dos Bispos do Brasil, em maio de 1983, os jovens fossem escolhidos como o “Destaque” mais importante (com mais de 180 votos) dentro do planejamento da CNBB e dentro das “*Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil*” (1983 a 1986)²⁴. É importante recordar isso porque, depois de vários anos, os jovens apareciam com força na estrutura oficial da Igreja. Explica, igualmente, porque no final deste mesmo ano se realizaria, com sucesso, o 4º *Encontro Nacional da Pastoral de Juventude*. De fato, olhando a importância do protagonismo juvenil, podemos dizer que este foi o primeiro Encontro Nacional da Pastoral da Juventude. É por isso que, em 1993, os jovens da Pastoral da Juventude do Brasil festejavam 10 anos de luta e esperança.

²³ Para sentirmos um pouco o contexto deste evento, tenhamos presente que no ano de 1982 (em julho) os estudantes, que se chamavam “Pastoral Secundarista”, realizam em Goiânia uma primeira reunião de articulação. O assessor foi um antigo assistente da JEC: Prof. Ivo Mauri. Em fevereiro de 1983 se encontram, de novo e formam uma equipe nacional de articulação. A “Pastoral Secundarista” chamar-se-ia de “Pastoral da Juventude Estudantil” (PJE) somente a partir do 3º Encontro Nacional, em 1984, do qual participaram 11 Estados. Escolheram um representante desta Pastoral na Coordenação Nacional da PJ: Ricardo Caixeta, de Goiânia. Os estudantes tinham consciência que eram uma “Pastoral Específica”, mas articulada com a Pastoral da Juventude, como um todo. Por outro lado, a partir da roça, em março de 1983 reuniam-se, em Três Passos (RS) lideranças e assessores para refletirem sobre a articulação da Pastoral da Juventude Rural. Fruto disso foi a publicação, em 1985, do livro “*Pastoral da Juventude Rural*” (Vozes, Petrópolis, 1985) por parte da Coordenação Estadual desta Pastoral. É o primeiro Marco Referencial dos jovens da roça. No dia 22 de setembro de 1985 haviam reunido, em Passo Fundo, cerca de 40.000 jovens afirmando a sua identidade rural.

²⁴ Em maio de 1982, logo após a Assembléia dos Bispos que votara o destaque “Jovens”, realizar-se-ia, em Brumadinho (MG), o 1º *Encontro Nacional de Assessores da Pastoral Universitária*. O tema central foi “Ideologia”, contando com a participação de Hugo Assmann, do Pe. Francisco Taborda, de Pedro Ribeiro de Oliveira, de Mons. Juvenal Arduini e do Pe. Giuseppe Leonardi, mais adiante escolhido Assessor Nacional desta Pastoral e integrado no elenco dos Assessores da CNBB.

ANTECEDENTES DA ARTICULAÇÃO DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL

AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA

ANO	EVENTO	CONTEXTO ECLESIAL
1948	Aprovação do Estatutos da JOC	
1950	Surgimento da JEC e da JUC, em Petrópolis (RJ)	
1967	Morte da Ação Católica	De 1962 a 1965 aconteceu o Concílio Vaticano II. Em 1968 aconteceu a Conferência Episcopal Latino-Americana, em Medellin (Colômbia)

OUTRAS REALIDADES

1969	Começa a surgir o Emaús e o TLC	Dali em diante, muitos “Encontros” para jovens, com a dinâmica dos Cursilhos de Cristandade
1973	Primeira tentativa de articulação nacional das experiências de evangelização da juventude	Tempo de repressão, no Brasil, também à Igreja
1975	Segunda tentativa de articulação a partir do Setor Juventude da CNBB	Continua a repressão
1978	Terceira tentativa, resolvendo-se priorizar a articulação por “Blocos” e não a nível nacional	Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla, fazendo a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens
1979	1º Encontro Nacional da PU, em Vitória (ES); uma primeira articulação da PJMP, no Nordeste	
1980	2º Encontro Nacional da PJMP e 2º Encontro Nacional da PU	Funda-se um Instituto de Pastoral de Juventude, em Porto Alegre
1982	3º Encontro Nacional da PJMP, uma primeira articulação do que seria a PJE e 3º Encontro Nacional da PU	A CNBB nomeia, em 1981, um assessor para o Setor Juventude

Queremos visualizar, com este quadro, o que significa uma articulação de jovens onde o protagonismo não esteja nem nos adultos nem na Conferência dos Bispos. Os estudantes, os jovens da roça, os universitários e os jovens do Meio Popular deram, nesse sentido, os primeiros passos concretos, a nível nacional. A Pastoral da Juventude do Brasil (o todo, por iniciativa e liderança dos grupos de paróquia) iniciou esse tipo de organização somente em 1983.

CAPITULO III

PASTORAL DE JUVENTUDE: ELABORAÇÃO TEÓRICA (1984-1989)

***“Veja, não diga que a canção está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida.
Tente outra vez...”***

Acreditamos que, com essa visão, fica mais clara a caminhada que a Pastoral de Juventude veio dando até os inícios da década de 1980. A década de 80 vai caracterizar-se com a afirmação da personalidade pastoral daquilo que, com muita convicção, foi-se solidificando como Pastoral **de** Juventude construindo, aos poucos, uma Pastoral **da** Juventude. Não é jogo de palavras. É um pormenor que toca no íntimo de uma proposta pedagógica global.

3.1 Um Encontro Nacional transformado em Marco

Voltemos, novamente, ao 4º Encontro Nacional, acontecido de *25 a 30 de novembro de 1983*, em Brasília. Foi um Encontro destinado a ser, de fato, o início de uma Pastoral da Juventude nacional. Estavam presentes todos os Regionais. 53,3% dos participantes eram jovens. O bispo referencial da juventude (dentro da CNBB) era D. Sinésio Bohn. Ao lado de outros assessores, estavam o bispo de Carolina (MA) e o bispo de Juazeiro (da Bahia). Era assessor nacional, desde julho daquele ano, o Pe. Jorge Boran. A coordenação dos trabalhos foi feita por jovens, representando diversas experiências, indicados pelo plenário. Foi um encontro histórico e sofrido. *Histórico* porque estavam presentes todos os Regionais e porque começava, na própria prática do Encontro, visivelmente, o protagonismo dos jovens dentro da Pastoral de Juventude. *Sofrido* porque, pela primeira vez, se confrontavam experiências que desejavam caminhar juntas mas que partiam de propostas diferentes. Isso se demonstrou, principalmente, na votação da primeira prioridade. Ela foi, de jeito nenhum, expressão de um quase-consenso.

D. Alcimar está saindo da plenária. Seu jeito não é de satisfação.

■ **Dom Alcimar, vai-se retirando?**

■ **Dom Alcimar** - *Estou saindo porque não posso concordar com uma das prioridades que está sendo proposta. Ficaria chato ter que me opor a outro colega de episcopado, não é? Prefiro, por isso, voltar para a minha diocese e rezar que tudo seja para o maior bem da juventude.*

Foi uma votação dura, com visões opostas também expressas pelos bispos presentes. Um deles se retirou da plenária, manifestando seu protesto e seu desagrado. Foi muito rica a apresentação dos relatórios dos Regionais. Só um deles não apresentou a sua realidade (o Leste II). As perguntas que vinham dos Regionais eram realistas e exigentes.

Votaram-se, após longos debates, *três prioridades pastorais*, junto com suas políticas e estratégias. As prioridades votadas foram: *a) fortalecer a Pastoral da Juventude por classes sociais; b) a formação integral e a metodologia; c) a articulação, a organização e a coordenação.* Elegeu-se, igualmente, uma Coordenação (o relatório também fala de “Comissão”) Nacional da Pastoral da Juventude composta por um jovem de cada um dos 5 Blocos: Norte, Nordeste, Leste, Sul e Oeste.

Faziam parte desta Coordenação a JOC e a Pastoral Universitária²⁵. Eram caminhadas diversas, mas desejavam andar de forma orgânica, abrangendo as juventudes.

Em cima das conclusões do Encontro os participantes pediram que, além do Relatório, se elaborasse um *subsídio* que ajudasse no encaminhamento das discussões sobre as prioridades junto às bases. E foi o que aconteceu. O resultado das reflexões seriam a base para o próximo Encontro que, por causa da proximidade do Ano Internacional da Juventude (1985), seria em 1984. Coube aos Regionais dinamizarem esta tarefa.

3.2 E o debate continua...

Um pouco mais de um ano depois (02 a 07 de dezembro de 1984) realiza-se, em Goiânia, o *5º Encontro Nacional da Pastoral de Juventude*. Poderíamos dizer que é uma nova “sessão” do que acontecera há um ano, em Brasília. Apesar da motivação da preparação do Ano Internacional da Juventude, havia certa ânsia de fortificar a articulação nacional. Os *objetivos* eram três: a) Fortalecer as articulações regionais e as Pastorais Específicas; b) Discutir e avaliar a articulação nacional; c) Abrir um espaço de articulação e discussão da PJ no Brasil a partir das prioridades definidas no Encontro anterior e ver até que ponto estas prioridades correspondem às necessidades dos Regionais. Estavam presentes 14 Regionais, mais a Pastoral Universitária, a JOC, a Pastoral da Juventude Estudantil e representantes do “meio rural” e da “classe média”²⁶. A coordenação do evento elencou 13 temas a serem discutidos, 04 informes e 02 moções. Após a apresentação dos Regionais definiram-se três questões a serem aprofundadas: a formação integral, a metodologia e o nível de militância. A discussão delas resultou no processo de elaboração de um documento intitulado “*Aspectos da PJ no Brasil*”. Este documento inicia situando a caminhada da PJ, desenvolve uma descrição de três modos de organização encontrados na PJ, reflete sobre os pontos em comum de uma PJ conseqüente (objetivos, metodologia e formação) e apresenta uma sistematização sobre “militância” (o que é, a militância dentro e fora da Igreja, dificuldades e acompanhamento da militância). *Este “documento” é o que marca o 5º Encontro*. Os debates foram ricos, mas a sistematização dos conteúdos carregada de dificuldades.

O que se verifica, em questão de um ano, é o amadurecimento da caminhada, tanto a nível de proposta pedagógica como a nível de organização. Verifica-se, igualmente, uma caminhada conjunta de assessores e jovens. Neste 5º Encontro o critério de participação é que viessem dois jovens e um assessor por Regional e Específica. Os adultos significavam 1/3 dos presentes. Em questão de poucos anos realizaram-se 15 Seminários para Assessores, muitas vezes dois ao ano. Certamente significou um apoio inquestionável para a caminhada dos jovens.

²⁵ A “Pastoral Universitária” havia celebrado seu primeiro Encontro Nacional em Vitória (ES), em 1979. Um dos principais articuladores foi Domingos Corcione, do Recife, eleito assessor nacional desta Pastoral neste Encontro. Em 1983 esta Pastoral já tinha rica e discutida experiência de articulação nacional. Foi neste ano que realizaram, por exemplo, um Encontro do qual participaram somente as “Coordenações Regionais”. Havia, dentro da articulação deles, duas experiências muito diferentes em sua leitura do mundo: os que vinham de uma leitura da realidade na dimensão “libertadora”, assumindo conscientemente a Teologia da Libertação, e os que estavam articulados com o movimento italiano “Comunhão e Libertação” e se chamavam de “Comunitárias Universitárias de Base” (CUB’s). Pela forte presença do Secretariado Latino-Americano do Movimento Internacional de Estudantes Católicos e pela presença incômoda das CUB’s, um dos assuntos debatidos, neste Seminário de 1983, foi a possibilidade da criação de um “movimento”. Isso se confirmou em 1984, quando se fundou, em Olinda, dentro da Pastoral Universitária, o “Movimento Cristão de Universitários”. Era assessor nacional da Pastoral Universitária, nestes anos, por escolha dos universitários e por certo reconhecimento não-formal por parte da CNBB, o Pe. Hilário Dick S.J., igualmente assessor nacional da PJ, nomeado para tal, até junho de 1983.

²⁶ Por força das circunstâncias pastorais do Nordeste havia somente uma pequena representação de uma articulação frágil da “Pastoral de Juventude da Classe Média” do Recife. O destino deles foi desaparecer, o que sucedeu logo depois.

Paulo Wollinger está todo concentrado, recordando o 6º Encontro.

- **Paulinho**, foi só isso ou entraram outros temas?

- **Paulinho** - O quê? Ah! Sim. Houve também outros temas... Outros temas sobre os quais se decidiu algo em comum foram: 1) com relação ao Ano Internacional da Juventude. Decidiu-se que no dia 22 de setembro de 1985 aconteceria, em todos os Regionais, algo relacionado com o Dia Mundial da Juventude, tendo como lema “Juventude construindo uma nova sociedade”; 2) com relação aos assessores regionais. Encontraram-se com a Comissão Nacional da PJ propondo atividades e encaminhamentos. Destacam-se duas conclusões: a realização de um Curso Nacional para assessores e a formação de uma Comissão Nacional de Assessores, formada de 8 pessoas (5 vindas dos Blocos e três das Pastorais Específicas); 3) com relação à organização. Elegeram-se uma nova Comissão Nacional da PJ, considerando que a anterior já cumprira suas funções. Em vez de 5 jovens, foram eleitos 12 (2 por Bloco e 1 pela Pastoral Universitária e outro pela Pastoral da Juventude Estudantil). Era claro que D. Sinésio Bohn e o Pe. Jorge Boran eram membros natos desta Comissão²⁷. Basta isso?
 - **Obrigado.**
-

3.3 O tema é a formação

No Encontro Nacional de 1985 (1 a 6 de dezembro), em Brasília, o tema já não é a organização mas *o processo de iniciação e a militância na Pastoral da Juventude do Brasil*. Era o 6º Encontro Nacional, tendo como convidados, delegados do Chile, da Bolívia e do Uruguai²⁸. Iniciava-se o debate sobre as fases que um participante de grupo de jovens passa, tentando analisar e compreender o processo de seu amadurecimento social e de fé. Daí o tema do Encontro: processo de iniciação e militância, analisado a partir de experiências concretas relacionadas com cinco ambientes diversos. Foram “peritos” deste Encontro o Pe. Otávio Klein, o Pe. Antônio Maria Guerin e o Pe. Pedrinho Guareschi. O principal resultado foi um “documento” intitulado “*Processo de Formação na Pastoral da Juventude*”, a primeira redação de um “Caderno de Estudos” que sairia mais tarde. Os dois capítulos do “documento” são *o processo de formação e nível de militância* (exigências, níveis, características do militante²⁹, a Pastoral da Juventude e os organismos intermediários, e o método Ver-Julgar-Agir nos grupos de militantes). No começo do Encontro apresentou-se um texto sobre a “terminologia da Pastoral da Juventude”, procurando facilitar e unificar as discussões.

Havia passado o Ano Internacional da Juventude e o fruto da avaliação deste “Ano” foi a criação, a partir de outubro de 1986, do “*Dia Nacional da Juventude*”. Em 1986 o tema deste “Dia Nacional” seria “Juventude e participação política”, tendo como lema “Juventude conquistando a terra prometida”. Outro fato importante foi o debate sobre um documento que seria apresentado na Assembléia dos Bispos do Brasil. Tinha como título “*Orientações para a Pastoral da Juventude do*

²⁷ Não podemos esquecer que foi em meio a esta efervescência que se deu, em Goiânia, em 1984, a fundação da “Casa da Juventude” ou, então, da “Casa Pe. João Bosco Burnier”, um Centro que, desde o início, quis ser e é uma estrutura de apoio para a Pastoral da Juventude do Centro-Oeste. Várias Congregações reuniram-se para tornar a obra viável. Aos poucos, contudo, o Centro foi tomando mais uma cara “leiga”, destacando-se na elaboração do melhor material pedagógico que a Pastoral da Juventude já produziu.

²⁸ Justifica esta presença latino-americana o fato de, em novembro deste mesmo ano, ter-se realizado o 3º Encontro Latino-Americano de Responsáveis da Pastoral da Juventude.

²⁹ Elencam-se cinco características do militante cristão: a) assume a sua militância como missão; b) traz consigo viva a esperança, mesmo frente a uma situação de derrota; c) tem a convicção de que o “organismo” em que atua é um meio que deve ser ocupado com o objetivo de transformar as estruturas injustas da sociedade e não um fim em si mesmo; d) busca o exercício do poder de forma participativa e popular (não de forma vanguardista). Um dos critérios de avaliação da militância é ver o povo crescendo na sua capacidade de organização, sendo sujeito da transformação da sociedade.

*Brasil*³⁰. O plenário também pediu que a Coordenação Nacional da PJ pudesse sugerir nomes para a substituição do Assessor Nacional³¹.

* - **Pe. Jorge, isso foi um avanço?**

* **Pe. Jorge** - Era sinal do amadurecimento do protagonismo juvenil e a superação do conceito de “mandato”.

Outro sintoma da consciência social do Encontro foi a aprovação de duas moções: uma Carta Aberta à Juventude e à Sociedade repudiando a Reforma Agrária que tinha sido implantada, bem como a decisão do governo de fazer que o Congresso Nacional eleito ter poder constituinte; a outra Carta dirigia-se a diversas autoridades denunciando 26 fatos de violência ocorridos no campo, exigindo averiguação urgente dos crimes e punição imediata de seus autores e mandantes³².

Uma semana antes desse 6º Encontro havia-se realizado, em Goiânia, o *1º Seminário Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude Específica* (é assim que se falava). Foi de 18 a 23 de novembro, tendo como peritos Pedro Wilson, da Universidade Católica de Goiânia, o Pe. Luiz Augusto Passos que fez uma análise da realidade, o Pe. Antônio Maria Guerin que desenvolveu a espiritualidade do militante, o Pe. Marcelo Barros desenvolvendo a espiritualidade do militante na perspectiva bíblica e o Pe. Jorge Boran que ficou no campo da metodologia. Toda a reflexão partiu, basicamente, de cinco experiências apresentadas: PJ e partidos políticos; PJ e lutas populares; PJ e sindicatos, PJE, e PJ e meio rural. Como se vê os dois eventos vieram a complementar-se. Os jovens e os assessores da PJ caminhavam, de alguma forma, numa sintonia. Continuava a busca ansiosa de articulação e formação por parte de jovens e adultos.

3.4 Atividades entre dois Encontros Nacionais: 1986 a 1987

O que se deu, a nível nacional, de janeiro de 1986 a julho de 1987? Era Assessor Nacional o Pe. Jorge Boran e o bispo referencial, D. Sinésio Bohn. Podemos dizer que foi um ano e meio carregado de iniciativas. Politicamente, estávamos em tempos de re-democratização, preparando-se a elaboração de uma nova Constituição. As movimentações eram muitas. A nível de “Pastorais da Juventude” os tempos também eram de efervescência.

Entre os *universitários católicos* que se articulavam em grupos e experiências, após a fundação do Movimento Cristão de Universitários, houve a tentativa de uma articulação pluralista de três experiências diferenciadas. Encontraram-se, como tais, pela primeira vez, nos inícios de 1986, em Nova Iguaçu (RJ). Foi a partir deste encontro que a antiga Pastoral Universitária (a grande maioria tinha ingressado no MCU) reiniciou sua articulação, realizando seu 1º Encontro Nacional (nesta nova fase).

A *Pastoral da Juventude Estudantil* elaborava, como conseqüência do Encontro de Brumadinho, de 1985, em mutirão nacional, aquilo que seriam os “*Cadernos da PJE*”. Colocaram em comum suas primeiras elaborações no *1º Seminário Nacional*, em Mogi das Cruzes (SP), em julho de 1986, com a participação de 76 delegados vindos de 14 Estados. Era secretário nacional desta Pastoral Edgar Nóbrega. Em julho de 1987, no 5º Encontro Nacional, a PJE aprovaria os

³⁰ Era o ante-projeto do *Caderno de Estudos n° 44*, da CNBB, publicado em 1986.

³¹ Era mais um passo importante na construção do protagonismo juvenil. Recorde-se que, em 1985, as “Pastorais Específicas” articuladas já escolhiam seu Assessor Nacional. Da PJE o Assessor era Alejandro Jelvez Quezada; da Pastoral Universitária, o Pe. Giuseppe Leonardi. O mesmo espírito se manifestava de várias formas.

³² Esta mesma carta tinha sido aprovada no 1º Seminário Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude, realizado de 18 a 23 de novembro, uma semana antes deste 6º Encontro.

“Cadernos” que descrevem a identidade desta Pastoral. Escolhem, como Assessor Nacional, o Pe. Henrique de Moura Faria.

A *nível de Assessores* aconteceram, neste intervalo de um Encontro Nacional da PJ para o outro, **três Seminários Nacionais de Assessores**, sempre com numerosa participação. Um destes Seminários aconteceu em Igarapé (MG), em julho de 1986 (15-20/7). Procurou-se desenvolver três temas: a) “*A especificidade e autonomia da Pastoral da Juventude e os organismos intermediários na sociedade*”, assessorado por Luiz Alberto Gomez de Souza; b) “*A Pastoral da Juventude e a afetividade e sexualidade do jovem*”, com a assessoria do Pe. Márcio Fabri dos Anjos; c) “*A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos*”, com a assessoria do Pe. Cleto Caliman. Era o 2º Seminário Nacional de Assessores da PJ. A preocupação era a formação, isto é, o saber acompanhar grupos de militantes e amadurecer para onde se desejava caminhar, como Pastoral da Juventude. Por isso a especialidade dos temas.

Em janeiro de 1987, em Mendes (RJ), com a assessoria do Pe. Dalton Barros de Almeida, realizar-se-ia o 3º Seminário Nacional de Assessores da PJ, tendo como tema “*Espiritualidade, Afetividade, Sexualidade e o jovem militante na Pastoral da Juventude*”. Para o tempo, foi um assunto do qual poucos se atreviam a falar porque o “político” comandava o tom dos debates. Grande parte das reflexões aí feitas foi resgatada, mais tarde, com a publicação do *Subsídio n.º 3* da Pastoral da Juventude, intitulado “*Afetividade e Sexualidade*”. Neste mesmo ano (1987) realizou-se, em Nova Iguaçu (RJ), o 4º Seminário Nacional de Assessores, com o tema “*Dimensões da Formação Integral*”. Apesar das assessorias especializadas, a dinâmica dos trabalhos valorizou a forma de elaboração em mutirão. As dimensões eram: personalização, integração, conscientização política, a dimensão teológico-teologal e a capacitação técnica. É a terminologia que se tornaria oficial, dali em diante, na Pastoral da Juventude do Brasil. A nível latino-americano esta terminologia não era nem é consensual. A Ir. Gelza de Freitas Ribeiro e o Pe. Laurindo Coco ajudaram na dimensão da personalização e integração; o Pe. Jorge Boran e o Ir. Nery (lassalista, pedagogo e catequista) ajudaram a amadurecer a conscientização política e a dimensão teológico-teologal. Podemos dizer que a Pastoral da Juventude era uma Pastoral em busca de sua personalidade. Convencer-nos-emos disso, mais ainda, sabendo o que foi o 7º Encontro Nacional da PJ³³.

3.5 Novamente a vida dos grupos

Logo após o Seminário de Assessores, em Nova Iguaçu, dos dias 12 a 18 de julho de 1987, realizar-se-ia, neste mesmo local, a 7ª *Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude*³⁴. O tema era o mesmo, praticamente, do Seminário de Assessores: “*O processo de iniciação na Pastoral da Juventude do Brasil - Análise e Perspectivas*”. Vários regionais vinham com experiências sistematizadas. Elas foram o ponto de partida da grande sistematização.

³³ Outro sintoma da efervescência da Pastoral da Juventude é a efetivação, no Brasil, de um “*Curso de Especialização em Pastoral de Juventude*”. Ele iniciou em 1987, no Instituto de Pastoral de Juventude, em Porto Alegre, com a duração de quatro meses. Tinha como objetivo formar especialistas em PJ para suprir as dioceses de assessores capazes e aptos a assumirem um assessoramento condizente com os objetivos que as próprias dioceses se propõem. Os enfoques previstos para o curso eram: formação pastoralista voltada à juventude, capacitação científica para uma linha de transformação, formação metodológica para uma ação consciente e contínua, formação espiritual que integre fé e vida e fundamentação ao pensar crítico. O curso começou em março/87 e concluiu em julho/87 com 29 participantes vindos de 10 Estados do Brasil. Além disso, bem perto de nós, em Buenos Aires, realizava-se, com a presença do Papa, uma *Jornada Mundial da Juventude* onde, entre muitas outras coisas, se lançou o livro que marcaria a Pastoral da Juventude da América Latina: “*Pastoral Juvenil, Sí a la Civilización del Amor*”.

³⁴ Foi nessa Assembléia que se decidiu chamar o “Encontro Nacional” de “Assembléia Nacional”. É uma definição mais exata.

- Pe. Florisvaldo, como é que se trabalhou nesta Assembléia?

■ **Pe. Florisvaldo** - *Trabalhou-se em “oficinas”. Cada “oficina” era responsável de sistematizar um aspecto. Trabalhou-se em 9 oficinas: o surgimento do grupo, o relacionamento no grupo de iniciantes, o crescimento afetivo e sexual do/a jovem, a organização dos grupos e a estrutura das reuniões, a educação da fé, as ações e a articulação desenvolvidas nos grupos, a consciência crítica, a assessoria e os grupos de iniciantes da Pastoral da Juventude e sua ligação com os demais setores da Pastoral. O desafio foi enfrentado por todos, surgindo, no final um “documento” redigido por um grupo escolhido.*

O que se via era uma Pastoral tomando nas mãos o seu processo global e ajudando a todos com pistas de como agir em diferentes situações. Já vimos o que acontecia com os estudantes e os universitários. Todos procuravam construir sua identidade, sem deixar de ter uma visão de conjunto. Era uma mesma caminhada, em diferentes atalhos. É uma Pastoral olhando para si, criando identidade. Tanto no 6º Encontro como nesta Assembléia chama a atenção que há um cuidado em unificar a terminologia. Por isso a distribuição, no início da Assembléia, de uma espécie de “glossário”, fazendo que a compreensão de um mesmo termo não tivesse muitas outras conotações. É uma Pastoral onde as lideranças vão definindo, em conjunto, o que desejam construir para a Igreja e a Sociedade.

(Ilustração 4)

Entre as medidas práticas destaca-se uma nova constituição da Coordenação Nacional. Em vez de os delegados serem por Bloco, seria formada por representantes dos Regionais, aumentando seu número. Isso, evidentemente, deixava as pastorais específicas numa posição de menos representação numérica, o que, para alguns, não foi tranquilo desde o início. Estávamos em julho de 1987. De diferentes formas amadurecia a proposta pedagógica e política da Pastoral da Juventude.

3.6 Não é só Assembléia

De julho de 1987 a julho de 1989, o intervalo de uma Assembléia para a outra, muitas coisas aconteceram. É bom recordarmos alguns eventos que comprovem esta vitalidade em algumas instâncias. Um acontecimento, certamente importante, foi a *fundação do Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ) do Leste II*, em Belo Horizonte. Foi em 12 de maio de 1987, sob a iniciativa de seis Congregações Religiosas. Seus objetivos são colaborar na pesquisa e estudo da realidade dos jovens, trabalhar na formação de lideranças jovens e de assessores e oferecer subsídios pastorais aos grupos de jovens. Os outros acontecimentos vão ser olhados a partir de suas especificidades³⁵. Outro fato que não podemos deixar de recordar é o aparecimento, em outubro de 1988, do jornal “*Juventude*”, com a pretensão de ser o meio de comunicação de todos os grupos de Pastoral da Juventude do Brasil. O “jornal” estava ligado ao Centro de Capacitação da Juventude, em São Paulo. Uma pessoa que assumiu esta causa com muita dedicação foi Veronika Paulics.

- *Estudantes*

A **Pastoral da Juventude Estudantil** movimentou-se, neste tempo, a nível de jovens e assessores. A nível de estudantes realizou-se o 2º Seminário Nacional, em Montes Claros (MG), em julho de 1988. A insistência centralizava-se na inserção no Movimento Estudantil e na pertença ao grupo de base. Os grandes blocos de estudo foram a conjuntura política e eclesial, a situação educacional, a análise de conjuntura do Movimento Estudantil, a nucleação e a iniciação na PJE, a

³⁵ Antes de olhar a vida das diferentes Pastorais de Juventude, precisamos recordar, igualmente, que de 4 a 7 de setembro de 1987 realizava-se, em São Paulo, organizado pela JOC, o 4º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores.

espiritualidade e a capacitação técnica. Houve bons debates sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o ensino pago, a escola estatal e particular e a reconstrução do Movimento Estudantil. O grande avanço foi a convicção de que a PJE, fora do movimento estudantil, e a PJE, sem forte envolvimento na nucleação e na formação de pessoas, não tem sentido. Em julho de 1989 (um ano depois) esta mesma pastoral realizaria, em Divinópolis (MG), o 6º Encontro Nacional. Foi um encontro “quente”, enfrentando as causas de certo estacionamento dos grupos, bem como a organização interna, tendo havido choques entre a Coordenação de Jovens e a Comissão Nacional de Assessores. Um dos motivos era a falta de clareza que se tinha sobre a “assessoria jovem”. Foi neste Encontro que a PJE assumiu, como “Dia do Estudante”, o dia 28 de março, dia da morte do estudante Edson Luís. Estavam presentes delegados de todos os Blocos.

A nível de Assessores da PJE, realizaram-se, nesta época, dois Seminários Nacionais. O 1.º, em Tatuapé (São Paulo), em janeiro de 1988, e o 2º em Vila Isabel (ES), em janeiro de 1989. No 1º Seminário Nacional, verificou-se a sensação da novidade. Um Seminário assim, depois da JEC, não tinha acontecido. Misturado com a novidade, manifestou-se igualmente um conflito. O conflito explodiu, como no Encontro dos Estudantes, mas por outros motivos, em cima da concepção e da não-clareza do que fosse uma assessoria jovem. Esse conflito não deixou de estar presente, ainda, um ano depois, no Seminário de Vila Isabel³⁶. A Pastoral Estudantil construía-se em cima da prática.

- *Jovens da roça*

A **Pastoral da Juventude Rural** realizaria, em agosto de 1987, o 1º Encontro do Bloco Sul. Verificava-se certa resistência a uma articulação por pura articulação. Desejava-se grupos na base. Por isso mesmo, em agosto de 1988, realizam não um “Encontro” mas um Seminário Nacional de seus militantes, em São Paulo. Só em agosto de 1989 efetivam, em Divinópolis (MG) seu 1º Encontro Nacional. Fica evidente a vontade de uma melhor organização. Encontravam-se, também nesta Pastoral, duas visões diferenciadas: a do Sul, encabeçada em grande parte pela experiência do Rio Grande do Sul, e a Pastoral da Juventude do Meio Popular Rural (PMPR) do Nordeste³⁷.

- *Meio popular.*

A **Pastoral da Juventude do Meio Popular**, como já vimos, articulava-se desde 1979, realizando seu 2º Encontro Nacional em 1980, em São Paulo. A PJMP não era, por isso, somente do Nordeste. Era uma maneira de encarar a organização da juventude na dimensão da fé. É verdade que, em 1981, não conseguiram realizar um Encontro Nacional em Bonfim (BA), como estava planejado, mas em 1982 realizaram o seu 3º Encontro Nacional em Juazeiro (BA), com delegados de 10 Regionais. Caminharam, assim, até o 6º Encontro Nacional, em 1987, sempre enfrentando algumas dificuldades. O 6º Encontro foi em Brasília e foi considerado como um ponto de chegada, após 10 anos de trabalhos, e como ponto de partida. Os temas do Encontro foram a identidade da PJMP, a metodologia no processo de iniciação e militância e a formação, a organização e a espiritualidade desta Pastoral³⁸. Em agosto de 1988, como forma de evitar a “eterna novidade” dos iniciantes, a PJMP realizaria um Encontro Nacional de Militantes.

³⁶ O tema da “Assessoria Jovem” foi motivo de estudo na reunião da Comissão Nacional de Assessores da PJ em outubro de 1989. Naquela ocasião aparecia uma primeira sistematização sobre a matéria.

³⁷ Um exemplo que explica a divergência de concepções entre o Nordeste e o Sul é o fato de um grupo de militantes da Pastoral Universitária querer articular a Pastoral da Juventude do Meio Popular Universitário. É o que aconteceu em 1984, em São Paulo.

³⁸ Era assessor nacional da PJMP o Pe. José Teixeira. Haviam assessorado o Encontro Nacional o Pe. Ernani Pinheiro, o Pe. Jorge Boran e o político Plínio de Arruda Sampaio. Resultado deste Encontro foi uma publicação chamada “*PJMP Semente do Novo na luta do Povo*”.

- *Universitários*

A **nível de universitários**, todos se recordam que, em 1984, a Pastoral Universitária, com a formação do Movimento Cristão de Universitários, havia-se repartido em três experiências distintas: o MCU, o movimento Comunhão e Libertação e a Pastoral Universitária como tal. Esta última, com a saída dos universitários para o MCU, teve que rearticular-se. A primeira manifestação disso se deu em 1987, em Brasília. Dois anos depois, em Recife, celebram seu 2º Encontro Nacional. Era 1989. O número de grupos, sob a responsabilidade de uma Coordenação Nacional muito ativa e com a presença significativa do Pe. Giuseppe Leonardi, igualava-se praticamente ao que era a Pastoral Universitária antes da divisão. Esta Pastoral havia conseguido outro trunfo: o assessor nacional, além de ser indicado pelos universitários, era reconhecido, desde a escolha do Pe. Giuseppe, pela Conferência dos Bispos do Brasil, indo ele morar e trabalhar em Brasília, assim como o Assessor da Pastoral da Juventude, também indicado pelos jovens, e não simplesmente nomeado pelos Bispos.

- *Por que você traz, nesta história, também a vida dos universitários? Pelo que sei, eles (como Pastoral Universitária) não querem ser Pastoral da Juventude...*
- *Procuro colocar no conjunto desta história também os universitários por vários motivos: 1) porque até 1991 eles sempre participaram das Assembléias da Pastoral da Juventude, com direito a voz e voto. Houve uma época, até, em que as duas "pastorais" tinham o mesmo assessor; 2) porque a Pastoral Universitária é uma articulação de "jovens" universitários. A Pastoral da Juventude tem como missão incentivar um trabalho específico na Universidade; 3) porque o fato de eles não quererem ser Pastoral da Juventude não significa que um trabalho específico com universitários deixa de ser um enorme apelo para a Pastoral da Juventude. A ausência deles é uma lacuna que deveria inquietar a todos. Colocá-los nesta história é, também, certa provocação.*
- *Mas então você deveria falar, também, dos focolarinos e de outros movimentos.*
- *De certa forma, sim. A diferença está em que a convivência estrutural com os "movimentos" é um pouco mais complexa.*

- *Jovens das comunidades*

Por outro lado, a nível de uma **Pastoral da Juventude Geral** (como até então se dizia) realizaram-se, de fevereiro de 1988 até julho de 1989, quatro Seminários Nacionais de Assessores. O Assessor Nacional (Pe. Jorge Boran) tentava distinguir assessores de grupos de iniciantes e assessores de grupos militantes. Na prática, eram Seminários de Assessores de grupos de jovens. Considerando que, em janeiro de 1987, havia acontecido o 3º Seminário Nacional, em janeiro de 1989 estava-se no 7º. Eram Seminários onde as vagas continuavam a ser delimitadas porque a procura era grande.

a) *Vivência eclesial e dimensões da formação*

Em fevereiro de 1988 o tema do Seminário foi a *vivência eclesial do jovem*, com a assessoria do Pe. Garcia Rubio. O Seminário se deu na Ilha de Itaparica, na Bahia. O tema, em si, levava como título "Eclesiologia que inspira o engajamento do jovem militante". Havia 92 participantes, com 29 jovens, 27 padres, 12 leigos adultos, 9 seminaristas, 8 Irmãs e 7 Irmãos. No debate do tema do próximo Seminário de janeiro de 1989, dois assuntos que dividiram a plenária foram "Marxismo e Cristianismo" e "Mulher na Igreja: teologia e história". Em julho de 1988 realizou-se outro Seminário em Nova Iguaçu (RJ), tendo como tema *as dimensões da formação integral*. Eram objetivos deste Seminário identificar os vários passos pelos quais o jovem passa no processo de iniciação, indicar os elementos de formação e a postura do assessor para que o jovem seja motivado

a passar pelas várias etapas na direção da conversão e da militância. Os assessores procuravam caminhar em consonância com o que os jovens vinham discutindo.

b) *Marxismos e Planejamento*

Em janeiro de 1989 (os Seminários realizavam-se de 6 em 6 meses) o tema foi os marxismos ou, como dizia a convocação, “*Instrumentos de Análise, com especial atenção aos Marxismos*”. O Seminário foi novamente na Bahia. Observa-se que, por causa do tema, a carta convocatória dá uma longa justificação. Um dos argumentos é que, em 1988, 40 militantes da Pastoral da Juventude haviam sido candidatos para vereador. Estiveram 90 assessores. Houve um levantamento anterior sobre o assunto, tendo vindo respostas de 15 Regionais falando dos impasses e dificuldades da vivência do assunto. Uma das discussões significativas foi sobre o intelectual orgânico, a partir de Gramsci.

Em julho de 1989 o tema já era de outra tônica: *Planejamento Pastoral*. Foi em Lavrinhas (SP), com 110 assessores. O Pe. Marcos Sandrini e o Pe. João Pedro da Silva Peres assessoraram o seminário. Os participantes produziram um documento que traria elementos para o Caderno de Estudos chamado “*Planejar é...*” escrito, principalmente, pelos mesmos assessores. Aliás, nesta época já haviam sido editados quatro volumes da coleção “*Cadernos de Estudo da PJ*” e estavam em preparação outros quatro. A Comissão Nacional de Assessores, na reunião de final de outubro de 1989, estudou a situação de seis Cadernos.

- *Muita atividade, não é, Pe. Jorge?*
- *Pe. Jorge - Todos estes eventos são, no fundo, expressões de vitalidade de uma Pastoral construindo-se em sua proposta e em sua organicidade. Não eram somente idéias: era uma causa que se abraçava com seriedade, com funda dose de amizade.*

É com este pano de fundo que vamos recordar, agora, a 8ª Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude.

3.7 O assunto deveria ser o trabalho...

Ao relembrar a 8ª *Assembléia Nacional da PJ* devemos remeter-nos para Lavrinhas (SP) e encontrar 108 delegados de todo o Brasil reunidos, de 17 a 23 de julho de 1989, tendo como tema “*A PJ e o mundo do trabalho*” e, como objetivos: 1) Avaliar a realidade da caminhada da PJ no Brasil levando em consideração a situação do mundo do trabalho e da juventude trabalhadora neste contexto; 2) Definir linhas comuns para a PJ do Brasil considerando a situação de cada região e das Pastorais Específicas; 3) Deliberar sobre questões definidas na pauta. É uma Assembléia que se destaca das outras por ter como tema um assunto “fora” dela. Até a 7ª Assembléia a discussão tinha sido ela mesma, em sua identidade e pedagogia. A PJ começou a olhar, mais de perto, outras questões mais relacionadas com a sua missão no mundo.

- *Formalismo e estrangulamento*

Por outro lado, contradizendo aparentemente o que vínhamos dizendo, foi ainda nesta Assembléia que se aprovou o documento mais formal da PJ até este momento: aquilo que se chamou, inicialmente, de “*Regimento Interno*” e, depois, de “*Orientações Práticas*”. Pela primeira vez se aprovaria um documento que definia as funções da Coordenação Nacional, da Comissão Nacional de Assessores, da Assembléia e da Reunião Conjunta da Coordenação Nacional e da Comissão Nacional de Assessores.

Sob outro ângulo é interessante perceber que dois pontos de estrangulamento, apontados pela Assembléia, eram a conjuntura eclesial e a atuação da PJ no todo da juventude. Assim como aparecem reações eclesiais ao modo de ser da Pastoral da Juventude (é difícil a vivência e a aceitação do protagonismo juvenil), cresce a consciência da missão e a percepção de que a juventude vive realidades extremamente diversificadas.

- *E o trabalho?*

Embora o tema tenha sido preparado nos Regionais e apesar de todos reconhecerem que os assessores da Assembléia³⁹ tenham sido bons, a Assembléia concluiu que a PJ não conhece a realidade do jovem trabalhador (também da jovem). Por outro lado, reconhece que foi feito um bom levantamento da realidade. É claro que houve pistas para a questão do “jovem e o trabalho”, mas as prioridades aprovadas referem-se muito mais à “máquina” da PJ como tal. São elas: a questão da Secretaria Nacional, a organização formada pela PJ Geral e Pastorais Específicas, a juventude como um todo, o projeto pastoral, o subsídio resultante desta Assembléia, a busca de uma metodologia adequada e a presença, na PJ, de assessores cristãos pertencentes a outras organizações. A grande afirmação da Assembléia foi a opção madura e coletiva pelos pobres, partindo da realidade do trabalho.

- *Lista tríplice*

Foi nesta Assembléia de 1989 que se encaminhou, igualmente, a lista tríplice para o novo assessor nacional. Havia seis candidatos mas os mais apontados foram o Pe. Florisvaldo Orlando, o Pe. Antônio Maria Guerin e o Pe. Onivaldo Dyna. A decisão dos bispos foi pelo Pe. Florisvaldo Orlando, um missionário engajado na diocese de São Luís de Montes Belos (GO) e grande batalhador da Casa da Juventude de Goiânia. O Pe. Jorge Boran, assessor nacional nestes seis anos de caminhada da PJ, além de prestar contas do seu trabalho, despediu-se apontando para alguns princípios que procurou seguir. Foram eles a promoção de uma pastoral libertadora, o respeito às etapas dos grupos de jovens, o avanço integrado da PJ, o protagonismo dos jovens, a responsabilidade de ser ponte entre os jovens e a hierarquia e a convicção profunda de que o objetivo de todo esse trabalho é a conversão dos jovens a Jesus Cristo.

■ *Daniel, não houve outra novidade na oitava Assembléia?*

■ *Daniel - Você já falou as mais importantes. Houve outra: foi a partir desta Assembléia que, além do Assessor Nacional da PJ, haveria um Secretário Nacional. Quem assumiu esta função, um pouco mais tarde, fui eu, Daniel Carlos Seidel. Lembro-me que o Pe. Florisvaldo diria mais tarde que “pegar esta assessoria é pegar um trem em alta velocidade”. É o que também senti.*

Aprovaram-se duas cartas oficiais da Assembléia: uma, dirigida à juventude em geral sobre o trabalho, e outra sobre a responsabilidade dos jovens nas próximas eleições presidenciais, considerando que entraria em vigor, pela primeira vez, o voto aos 16 anos. Um outro destaque foi a preparação da participação do Brasil no 1º Congresso Latino-Americano de Jovens que se realizaria, no final de 1991, bem como a vontade da Assembléia de conseguir que, para 1992, o tema da Campanha da Fraternidade fosse a juventude. Encaminhou-se, para isso, a campanha do recolhimento de 1 milhão de assinaturas.

³⁹ Na parte sociológica o assessor foi Renato Simões, antigo militante da PJ de Campinas e agora militante do PT da mesma região. Na parte teológica o assessor foi o Pe. Benedito Ferraro. Uma coisa ficou na cabeça de todos os participantes: que é preciso desaburguesar, desbranquizar, desmachisar e desclericalizar a Igreja e a Teologia e valorizar a nossa corporeidade. Seria o primeiro grito de uma nova fase que começaria anos depois?

CAPÍTULO IV

PASTORAL DA JUVENTUDE: AMADURECIMENTO E CRISE (1990-1993)

“Se é de batalhas que se vive, vai!”

Com esses dados parciais, mas amplos, vamos entrando, aos poucos, no ano de 1990. A efervescência é grande, a abertura política da Pastoral é clara, a identidade parece definida mas - como sempre - vão surgindo nuvens e discussões. Tentaremos descrever os dados que vão do final de 1989 até a celebração dos 10 anos da Pastoral da Juventude, em 1993. A pergunta que formulamos: *o que aconteceu e o que significaram, para a PJ, estes quatro anos?* Vimos que os primeiros seis anos foram anos de elaboração teórica. E os quatro anos que seguem, o que foram? Estamos procurando olhar o fenômeno numa perspectiva nacional, acentuando fatos regionais somente na medida em que forem nacionalmente significativos. Para sermos mais claros tomamos como pontos de referência a 9ª (1991) e a 10ª (1993) Assembléias Nacionais.

4.1 Movimentações de 1990

Em termos de *Pastoral da Juventude*, por convocação do Setor Juventude da CNBB, realizaram-se nesta época (em questão de dois anos) quatro seminários nacionais. O primeiro deles foi em janeiro (17-23) de 1990. O tema foi *“Espiritualidade no contexto da Teologia da Libertação”*, assessorado por D. Pedro Casaldáliga, Faustino Teixeira e Ana Maria Tepedino. Realizou-se em Goiânia. O segundo foi em Santa Isabel (ES), com 87 participantes. O tema foi *“Liturgia na perspectiva latino-americana e Pastoral da Juventude”*. Assessoraram-no o Pe. Armando João Henn e a Ir. Maria da Penha Carpanedo. Como diziam os assessores, tratava-se de refletir e esclarecer a liturgia que se vivia nos grupos e comunidades. Alguns capítulos desenvolvidos foram o que é Liturgia, os elementos constitutivos da Liturgia, a Páscoa Judaica e Páscoa Cristã, Medellín na perspectiva litúrgica e o que é Liturgia da Libertação. Não esqueceram de aprofundar, evidentemente, a Liturgia Eucarística. Os dois outros Seminários, ambos com muita participação, trataram da *“História da Igreja na América Latina”* e, em vista da preparação da Campanha da Fraternidade de 1992, de *“Juventude e Fraternidade”*. O primeiro foi em Lavrinhas (SP), tendo como assessores o Pe. João Halk e o Pe. Henrique de Moura Faria. Foi de 15 a 22 de janeiro de 1991. O segundo visava aprofundar o texto-base da Campanha da Fraternidade, com uma assessoria especializada de Dilvo Perusso. Foi em Belo Horizonte, de 2 a 7 de julho de 1991. No convite deste Seminário havia uma justificativa que dizia: *“A maioria das dioceses e diversos organismos e pastorais solicitam assessoria para encontros de agentes ou de lideranças sobre o tema da CF. É conveniente que em cada Regional haja algumas pessoas capacitadas e disponíveis para atender essa necessidade, ainda mais que o tema “Juventude” é de domínio de poucos”*. O Seminário tinha como objetivos específicos aprofundar o conteúdo do texto-base da CF/92, indicar técnicas para trabalhar a CF/92 com agentes de pastoral e o povo, trocar experiências e descobrir o novo para essa CF, bem como celebrar o compromisso de construir a fraternidade com os jovens. Foi o que se fez, auxiliados por textos elaborados pelo IPJ de Porto Alegre e pelo Pe. Johan Konings.

A *Pastoral da Juventude Estudantil*, em 1990, realizou dois Seminários: um para militantes, em Governador Valadares (MG) e outro para assessores, em Vitória. Os militantes encontraram-se em julho (23-29). Debateram a estrutura global e capitalista, a conjuntura eclesial, discutiram a questão da Escola Particular e Pública bem como as tendências do Movimento Estudantil, estudaram o documento da CNBB *“Educação: exigências cristãs”* e, no dia do deserto, procuraram rezar o relacionamento fé e política. Os assessores, por sua vez, em janeiro (4-9) haviam estudado o tema

central “PJE, organização e participação” visando preparar-se para poder trabalhar melhor com militantes. Aprofundaram, igualmente, o papel da PJE na transformação da sociedade e amadureceram elementos da educação para um documento que a CNBB preparava sobre a Pastoral da Educação.

- **Pe. Henrique, pode-se dizer que a caminhada era uma só?**
- **Pe. Henrique** - *Se compararmos os temas dos Seminários da Pastoral da Juventude Geral, com o que a PJE vinha trabalhando, nota-se que, de certa forma, havia certo descompasso: aqui a preocupação era mais teológica; lá a preocupação era mais política e de inserção em seu meio.*

Da *Pastoral Universitária* teríamos a recordar que, em janeiro de 1990, ela realizaria, em Recife (PE), seu 2º Encontro Nacional. Além de haver a escolha de um novo assessor, em lugar do Pe. Giuseppe Leonardi, ao lado da festividade do encontro (bom grupo de delegados ficou no lugar para viver o Carnaval de Olinda), houve questões sérias na Coordenação e no plenário. Um debate que sucedeu foi sobre se esta Pastoral continuaria a relacionar-se com a PJ como pastoral específica, ou não. A tendência era que não. Outro ponto de conflito verificou-se no relacionamento, em alguns lugares, da Pastoral Universitária com a Pastoral da Universidade, um assunto delicado e nada fácil de ser resolvido por causa do próprio nome da articulação: Pastoral Universitária⁴⁰. O novo assessor, indicado pelos jovens e aprovado pelos bispos, foi o Pe. Luis Roberto Benedetti⁴¹.

A *Pastoral da Juventude do Meio Popular* realizou, em janeiro de 1990, o seu 7º Encontro Nacional. Foi em Salvador, tendo como tema “*Militância e Eclesialidade na PJMP*”. Foram assessorados pelo teólogo Roberto van der Ploeg. Sentiam a necessidade de repensar a eclesialidade. Foi eleito secretário nacional desta Pastoral Joseildo dos Santos, de Garanhuns(PE). Em março de 1991 realizar-se-ia, na Ilha de Itaparica (BA), uma Reunião Ampliada. Tiveram como objetivo levantar a situação da PJMP local e nacional, com algumas questões que já vinham sendo discutidas (estrategicamente não dizem, na convocação, quais são estas questões), aprofundando-as e contribuindo com vistas ao Encontro Nacional. Um dos assuntos que debatem, nesta Reunião, é o relacionamento da PJMP com a Confederação Internacional da JOC.

- **Pe. Benedetti, você leu o que aqui vai sendo recordado? O que lhe parece?**
- **Pe. Benedetti** - *Com esta visão geral de atividades fica subjacente certo marasmo eclesial e de identidade. Nota-se que há problemas no campo da vivência de fé, principalmente no relacionamento com a Igreja-Hierarquia, mas sente-se que apontam, igualmente, questões de relacionamento com as outras pastorais de juventude. A militância política, certa ausência do cultivo da mística e a consciência das diferenças, vão alimentando outra questão de fundo: o poder.*

4.2 Nos arredores a ordem que se dava era “avaliar”

1991 entrou na história da Pastoral da Juventude do Brasil como o ano do “avaliar para avançar”. Olhemos primeiramente os arredores da Assembléia Nacional.

⁴⁰ Para muitos padres e bispos o termo “Pastoral Universitária” é o trabalho da Igreja na Universidade. Para chegar a convencê-los que na Pastoral Universitária, encabeçada por universitários, o protagonismo é dos jovens, não é fácil. Por isso a criação do termo “Pastoral da Universidade”.

⁴¹ Como conseqüência da articulação da *Pastoral da Juventude Rural* deu-se, nos anos de 1988 e 1989, em Passo Fundo (RS), a fundação da “Escola da Juventude Rural” conhecida como ESCAJUR. Um dos idealizadores foi o Pe. Otávio Klein. Esta Escola funciona até hoje, tendo sede num terreno da diocese de Passo Fundo.

(Ilustração 5)

Os *universitários* realizariam, em janeiro (6 a 11) seu *3º Encontro Nacional*, na Faculdade Anchieta, na Via Anhangüera (SP). Abririam a reflexão para o seu meio específico, tendo como tema do Encontro *a PU na Universidade* ou, então, “*O papel do cristão na Universidade e a evangelização desse meio*”. Assessoraram o Encontro duas figuras importantes: Rogério Valle, na análise de conjuntura e Luiz Eduardo Wanderley no estudo da Pesquisa e da Extensão na Universidade. Era assessor nacional o Pe. Luiz Roberto Benedetti. D. Marcelo Carvalheira, substituto de D. Cândido Padim como referencial desta pastoral, escreveu uma carta falando da experiência de Deus, da função da Universidade, do compromisso dos universitários com os pobres e da questão das culturas. Era secretário nacional Wagner Dias Ferreira, de Brasília. Tínhamos, portanto, uma Pastoral redescobrimo a importância de voltar ao seu meio específico. Mais do que jovens, eram Universidade.

A *Pastoral da Juventude Estudantil*, por sua vez, enfrentava um momento de fragilidade. Em março de 1991 encontrava-se a PJE do Bloco Sul, em Santa Maria (RS), com o objetivo de avaliar para fortalecer. Queriam ter realizado uma Assembléia Nacional, em julho, e não tiveram condições para tal. Substituíram a Assembléia por uma Reunião Ampliada, nos dias 24 a 27 de julho de 1991. Como eles mesmos dizem, viam necessário “resgatar o projeto pastoral da PJE”. A análise de conjuntura que fizeram foi sobre o Ensino e o Movimento Estudantil. Estava em jogo aquilo que é “pastoral” bem como a importância que tem o compromisso da inserção no movimento estudantil. Os assessores desta Pastoral teriam uma preocupação semelhante em janeiro de 1992. Assim como os universitários, mais do que jovens, eram estudantes, procurando coerência de fé no seu meio.

A *Pastoral da Juventude Rural* realizou, de 27 de julho a 01 de agosto de 1991, em Alagoinhas (BA), sua 2ª Assembléia Nacional tendo como tema “Mística e Espiritualidade”. A assessoria foi do Pe. Onivaldo Dyna. No Sul 3 a mesma Pastoral havia realizado, nos anos de 1990 e 1991, um grande estudo da situação da juventude rural. Chamaram a pesquisa de “Pesquisa Participante”. Duas tendências: conhecer mais a sua realidade para enfrentá-la com mística. Mais do que jovens, eram jovens agricultores.

Já vimos que a *Pastoral da Juventude (Geral)* realizou, nesta época, dois seminários para assessores: um sobre a história da Igreja e outro sobre a Campanha da Fraternidade de 1992. Enganamo-nos, no entanto, pensando que os ares estavam tranquilos. Por que essa preocupação com a Igreja? Sem medo de errar, podemos dizer que havia conflitos eclesiais que preocupavam: dentro e fora da Pastoral da Juventude.

Até agora a discussão de algumas questões ficava no discurso. Depois de 1991 esses debates vão aparecer em textos, talvez ainda de forma primária, mas comprovam que os ares estavam carregados. Antes de vermos essas manifestações, vamos à 9ª Assembléia.

4.3 A 9ª Assembléia em 1991

Ela aconteceu em Sete Lagoas (MG), de 12 a 18 de julho de 1991. Estavam previstos vários objetivos: avaliar e planejar a caminhada da PJ do Brasil; aprofundar o Marco Doutrinal da PJ do Brasil; celebrar a vida e a caminhada da PJ do Brasil; preparar a PJ para a CF/92; preparar o Congresso Latino-Americano de Jovens e refletir e contribuir para a 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano a se realizar em Santo Domingo. Muito assunto, portanto. Após as

saudações e as recepções calorosas, o debate do Regimento Interno. O que seguiu foi uma análise de conjuntura feita pelos próprios participantes na perspectiva social (fato apontado: crescente miséria), política (fato: o projeto neo-liberal), econômica (fato: economia de livre mercado), cultural (fato: o estupro da vivência cultural e dos valores históricos do povo brasileiro) e eclesial (fatos: neoconservadorismo e pentecostalismo). Os assessores que ajudaram a reflexão foram o Pe. Albano Trinks S.J. e o deputado Nilmário Miranda. Viu-se, depois, a realidade da juventude tomando como chave de leitura o texto/base (provisório) da Campanha da Fraternidade de 1992. O próximo passo foi uma avaliação da caminhada da PJ. Alguns fatos acentuados foram a metodologia, a juventude que não conhecemos, as finanças, a superestrutura, o funcionamento da Secretaria Nacional, a necessidade de atingir as massas, o incentivo do protagonismo juvenil e a importância da Comissão Nacional de Assessores. Com relação ao jornal *“Juventude”* afirma-se que não tem a cara da PJ. No debate em plenário o que se ressaltou foi a metodologia (especialmente com relação à massa), a relação PJ e Específicas e a questão da estrutura da PJ e, ao mesmo tempo, a preocupação com a evangelização.

O próximo assunto foi o Marco Doutrinal da PJ, procurando a Assembléia dizer em que a PJ acreditava. Era um desafio lançado pelo Congresso Latino-Americano que exigia ser preparado. Votaram-se as prioridades, discutiu-se a possibilidade de uma Secretaria Nacional em São Paulo, aprovaram-se moções em prol de colonos presos em Porto Alegre, fez-se tudo que determina uma boa Assembléia, mas o pessoal voltou para casa intranquilo por vários assuntos não resolvidos.

4.4 Fogo sob as cinzas

A prova disso são os textos que foram aparecendo, de setembro de 1991 até maio de 1993, e que foram publicados, mais tarde, pelo CCJ⁴² de São Paulo com o título *“Rumos da Pastoral da Juventude (em debate)”*. O primeiro texto que apareceu é de setembro de 1991 (dois meses após a Assembléia), escrito por Walter Prython Júnior, intitulado *“Para as Juventudes” - Pastorais Específicas de Juventude* e, em outubro, um outro texto assinado pelo Pe. Henrique de Moura Faria e por Wagner Dias Ferreira, intitulado *“Aos assessores e Jovens da Pastoral da Juventude (das Comunidades) e Específicas”*. Como reação, a Coordenação Nacional lançou, em novembro, uma *“Reflexão sobre PJ e Específicas”*⁴³.

Havia, portanto, discussão no ar. Ao menos nas cabeças das lideranças. Em fevereiro de 1992 o Pe. Jorge Boran lança outro texto: *“Debate sobre um Novo Projeto da PJ”* e as coisas esquentaram mais ainda. Em maio deste mesmo ano a Comissão Nacional de Assessores sai para a luta e lança, num texto longamente debatido, o *“slogan”* que seria o *“slogan”* da 10ª Assembléia Nacional: *“Avaliar para Avançar”*. Recolhendo as contribuições da Coordenação Nacional, da Comissão Nacional de Assessores da PJ e da PJE, assim como de outros, o Pe. Henrique de Moura Faria lança o texto *“Nova PJ para a Nova Evangelização”* e, em junho, a Comissão Regional de Assessores da PJMP do Nordeste II reage com uma reflexão chamada *“Por um debate mais fraterno”*. Vale a pena ler outras reflexões que apareceram⁴⁴. Queremos acentuar, no entanto, a reflexão que também está publicada neste livreto, assinada por José Carlos Vaz e intitulada *“PJMP: Pastoral Específica ou*

⁴² CCJ = Centro de Capacitação da Juventude, dedicado à publicação de material da Pastoral da Juventude. Nos inícios chamava-se de Centro de Capacitação Cristã (=CCC), mas esta sigla tornou-se inconveniente porque, na época da ditadura apareceu, no Brasil, o Comando de Caça aos Comunistas (=CCC).

⁴³ O Bloco Sul havia-se reunido nos dias 11 e 12 de maio de 1991, em Santa Maria, para um Seminário sobre *“Pastorais da Juventude e Específicas”*. É prova de que a questão era acalorada. Sem falarmos dos Encontros Regionais que houve no Sul 3 sobre o mesmo assunto.

⁴⁴ Leia-se *“Rumos da Pastoral da Juventude (em debate)”*, CCJ, São Paulo, 1993.

Tendência?”. O texto é de julho de 1992⁴⁵. Entramos, assim, de cheio, no que sucedeu após a 9ª Assembléia e que é preciso ter em conta para compreender o que vai suceder depois. Aparentemente o nó do conflito estava nas Pastorais Específicas e no relacionamento delas com o vasto mundo dos grupos paroquiais que consideravam as Assembléias da Pastoral da Juventude como a Assembléia deles quando, de fato, as Assembléias eram do todo e não de uma parte. A inclareza disso e, ao mesmo tempo, as diferenças ideológicas, começaram a cozinhar a questão do poder. Como fazer que as pastorais se encontrassem de igual para igual? Já que cada pastoral específica tinha sua Assembléia, o que significava esta Assembléia de todos?

4.5 Alguns outros fatos

- *Congresso Latino-Americano*

1992 foi um ano abençoado para a Pastoral da Juventude pelo fato de a juventude ser o tema da Campanha da Fraternidade. O lema foi “Juventude, Caminho Aberto”⁴⁶. A juventude foi discutida em toda a parte e o texto-base possibilitou um conhecimento amplo do que é a Pastoral da Juventude. Foi uma forma providencial de levar as lideranças a se darem conta de que os debates internos não podem esquecer os desafios de milhões de jovens que não pertencem a grupo nenhum e não sabem nada do que seja a Pastoral da Juventude. Pareceria que a crise seria superada, mas as grandes questões não se resolvem de um dia para o outro. Um grande passo que se deu foi o amadurecimento do compromisso. As lutas pelo poder teriam que ser secundárias, comparadas com a missão desta Pastoral. Basta recordar que o ano iniciou com a realização do *1º Congresso Latino-Americano de Jovens*, em Cochabamba (BO). Embora a delegação brasileira não tivesse uma preparação ideal nem viajasse com o espírito ideal, foi um acontecimento que marcou a juventude e a Igreja do Brasil e da América Latina.

- *Pós-Modernidade*

Logo depois deste Congresso, mas sem saber o que tinha acontecido em Cochabamba, os assessores da Pastoral da Juventude Estudantil começavam o ano encontrando-se num Seminário Nacional, em janeiro de 1992 (27 a 31), em Goiânia, para discutir *a nova pedagogia e a modernidade*. Havia desafios novos e todos precisavam ajudar-se para compreender o que, de fato, acontecia. Assim como queriam aprofundar o papel da PJE na transformação da sociedade, queriam, igualmente, amadurecer elementos da educação que poderiam servir para um estudo que a CNBB realizava sobre a Pastoral da Educação⁴⁷. Estariam os assessores na contra-mão do que sucedia na Pastoral da Juventude ou estariam eles apontando para um novo campo de preocupações? Ignorando problemas internos, eles, talvez, adivinhassem que havia problemas “de fora” que acirravam a situação. Era crise de perspectiva, de fato.

- *Metodologia*

O que começou a aparecer, como já se disse, foi o lema “Avaliar para Avançar”. Entre outros aspectos, quer-se rever a metodologia, de modo a atingir mais eficazmente as várias juventudes. Por

⁴⁵ Uma síntese completa de todas estas discussões foi publicada na revista *PJA Caminho*, nº 52, de 1993, p.15-35. O artigo se intitula “Debate na Pastoral da Juventude - uma síntese das contribuições”. É um artigo do Pe. Hilário Dick S.J.

⁴⁶ Em 1992 o Pe. José Hess, do Instituto de Pastoral de Juventude de Porto Alegre escreve uma série de artigos sobre temas atuais da juventude: amor e sexo, o jovem e a política, o jovem urbano e o novo despertar religioso dos jovens. Havia-se formado, aliás, como consequência da 9ª Assembléia, um grupo da Pastoral da Juventude sobre a questão urbana. Neste mesmo ano de 1992 começa-se a discutir, em Manaus, a possível fundação de um Instituto de Pastoral de Juventude.

⁴⁷ Foi num contexto de muita simplicidade e de despreensão que a PJE celebrou, em Goiânia, com a participação de um pequeno grupo de antigos militantes (já quase todos formados), os 10 anos de sua caminhada.

isso o tema do *Seminário Nacional da Pastoral da Juventude (Geral)*, em julho de 1992 (13 a 19 de julho), em Goiânia, foi metodologia. Não para discuti-la e, sim, fazer uma experiência nova. O grupo foi ajudado por vários pedagogos da linha construtivista: Maria Stela Graciani, Adriana Teixeira da Costa e Joselito Martins. Havia 108 participantes. Após a apresentação, a análise de conjuntura, e após a explicação da concepção de trabalho, formaram-se “oficinas” com várias tarefas: uma desenvolveu “PJ e realidade urbana, encarando as tribos urbanas”, outra trabalhou a “nucleação”, uma terceira encarou a “Espiritualidade”, uma quarta organizou sua sistematização sobre afetividade e sexualidade e uma quinta oficina trabalhou a assessoria. Como se dizia então, seguindo Paulo Freire, “o educador profeta é aquele que analisa o caos e projeta a utopia. É um ser molhado de seu tempo”. Encontravam-se, de certa forma, os assessores da PJE e estes assessores.

- **Organização**

Em fevereiro deste mesmo ano, também em Goiânia, havia-se reunida em Assembléia, pela 8ª vez, a *Pastoral da Juventude do Meio Popular*. Entre angústias e esperanças - como eles mesmos dizem - a Assembléia tinha sido bem antecipada por um Caderno de Preparação. O tema foi “Elementos Novos para uma Prática Libertadora da PJMP”. Um dos assuntos que discutiram muito foi a questão de uma nova estrutura nacional e a busca de caminhos para uma autonomia financeira, como Pastoral. Escolheram Marta Gorski como Secretária Nacional⁴⁸. A questão, para eles, era mais de organização e não conjuntural, embora lutassem para não perder o compromisso com os pobres. Em julho de 1993, imediatamente antes da 10ª Assembléia, a PJMP realizou, em Ibirapu (ES), outro Encontro Nacional, tendo como tema a formação e a especificidade da PJMP. Na questão da especificidade afirmam-se como uma pastoral de jovens empobrecidos, mas abertos à classe média que assume a classe popular. Afirmam, também, que sua especificidade está na mística, no jeito de celebrarem, no modo como assumem as culturas populares e no jeito que têm de trabalhar.

4.6 Novas pistas

Foi em 1992 que, no Rio Grande do Sul, os jovens da roça - especialmente da região norte do Estado - começaram a viver a experiência das “Missões Jovens”. Em agosto, em Campo Grande, a PJR realizava um Seminário Nacional com o tema “Projeto Pessoal articulado com o Projeto Comunitário”, cujo resultado foi publicado em forma de Caderno: “*Atuar com integridade pessoal e comunitária*”. Foi a partir deste Seminário que os jovens da roça começam a falar em “*PJR - Terra Livre Brasil*”, uma espécie de filosofia e de grito de guerra. Um ano antes a PJR trabalhara sua memória histórica lançando o livreto “*Da JAC à PJR*”, formado por longas entrevistas com duas figuras importantes: Pe. João Bosco Schio (da JAC e da Comissão Pastoral da Terra) e Raimundo Caramuru.

- **Sandra, você foi uma das candidatas para a Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude nesta época. Que é que você acha de tudo isso?**
- **Sandra - Podemos dizer que se misturavam duas percepções: a busca da identidade e a vontade de afirmar esta identidade na prática do dia-a-dia das Pastorais. Ao mesmo tempo que o texto/base da Campanha da Fraternidade sobre a juventude era um texto claro, lançando com objetividade a questão juvenil no meio da comunidade da Igreja, os jovens (as lideranças desta Pastoral) sentiam-se perdidos e com os nervos à flor da**

⁴⁸ Interessante constatar que, enquanto a PJMP e outras Pastorais de Juventude procuravam fortificar-se em sua identidade original, a Pastoral Universitária estava numa outra. Com o auxílio do “missionário” do Cone Sul, articulado com o Secretariado Latino-Americano do MIEC-JECI, realizava em Buenos Aires o “I.Taller de Pastoral Universitaria” do Cone Sul e a PU do Brasil havia mandado uma boa delegação. Estavam dizendo, há mais tempo, ao menos em parte, que não eram mais PJ. A situação tornou-se mais delicada com o tratamento um tanto ríspido e indelicado que o delegado desta pastoral recebeu na 10ª Assembléia, em Vitória.

pele, temendo que o que viria não seria bom para eles. Uma parcela das lideranças até desconfiavam do valor que pudesse ter o fato de a juventude ser tema de discussão de toda a Igreja. Perguntavam: não seria uma manobra dos bispos para recobrar o controle dos jovens da Pastoral da Juventude?

Em janeiro de 1993 (25 a 30 de janeiro), meio ano antes da 10ª Assembléia, realizou-se em Lavrinhas (SP) outro Seminário Nacional da Pastoral da Juventude (Geral). Pela contagem dos fatos, era o 14º Seminário... Uma das prioridades que tinha sido aprovada na 9ª Assembléia dizia: “Aprofundar e sistematizar o processo de formação integral, destacando as dimensões psico-afetiva e mística, em vista da inserção social”. O tema, por isso, foi “*O processo de Formação Integral na PJ*”, assessorado pelo Pe. Onivaldo Dyna. Foi um Seminário com muita participação (trabalhou-se em oficinas) e desenvolveram três momentos fundamentais: a percepção da realidade de formação na PJ, a elaboração de linhas de ação e a construção de um possível itinerário. Apesar de muitas vezes se ouvir a reclamação da falta de um itinerário de formação, não foi neste Seminário que ele saiu. Aliás, até este momento este itinerário continua sendo um sonho talvez impossível, talvez desnecessário, talvez difícil demais de ser concretizado. No mínimo se percebe que o meio do campo estava enrolado. Várias questões se apresentavam como espinhos que incomodavam. A sensação é - como diz a PJMP - de angústia e tontura. Quer-se resolver, mas não se sabe como; tomam-se atitudes, mas sabe-se que nem tudo deveria ser feito desta forma; vê-se que a missão é importante, mas a vontade de ter poder atrai; todos são gente boa, mas há os que atrapalham nossos planos... É a crise da utopia envolvida e amarrada na realidade.

4.7 Dez anos de luta e esperança - 1993

Com estes dados preparatórios, acreditamos poder falar da Assembléia que teve como tema a celebração dos “10 anos de luta e esperança” da Pastoral da Juventude. O local escolhido para esta celebração e para a realização da 10ª *Assembléia da Pastoral da Juventude*, foi em Viana, na grande Vitória (ES).

A preparação foi intensa. Constituiu-se uma Equipe de Preparação que fez um belo trabalho. Um fascículo intitulado “Instrumento de Preparação” com motivações, realidade da juventude, missão da Pastoral da Juventude e redefinindo nosso projeto, teve 1200 cópias enviadas às dioceses e grupos de militantes; distribuíram-se 35 mil folhetos de divulgação; 37 mil “Cadernos de Reflexão”; 50 mil folhetos da Vigília e 50 mil cartazes a todos os grupos. A Assembléia contou com cerca de 150 pessoas, entre assessores, jovens e bispos. A celebração de abertura, feita na praça, contou com a presença do presidente da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida. Foi de 18 a 24 de julho de 1993. O objetivo geral era celebrar os 10 anos de PJ organizada em nível nacional, redefinindo seu projeto em vista da missão no mundo. Tinha como objetivos específicos a) Escutar o mundo e a Igreja para perceber os desafios que a juventude representa para a missão da PJ; b) Clarear a missão da PJ na realidade atual; c) Redefinir o projeto: metodologia, processo de formação e organização, tendo em vista a identidade e a missão da PJ; d) Celebrar os 10 anos de articulação nacional.

O primeiro capítulo foi o da realidade, procurando responder a três perguntas: *o que acontece de novo na juventude? a que não estamos respondendo? e que experiências novas já existem?* O assessor, nesta parte, foi o teólogo e economista Jung Mo Sung que deixou o plenário profundamente questionado, especialmente quando se falava de “construir o Reino”. O segundo capítulo falou da missão. A Assembléia chegou à seguinte definição: *É missão da PJ: 1) construir e acolher as manifestações do Reino de Deus, a partir de novos espaços de convivência e do ideal de transformação da sociedade; 2) estar com os jovens, nos seus meios específicos tendo especial*

atenção aos excluídos, a fim de realizar a tarefa de evangelizar, anunciando e gerando sempre mais vida em abundância. O terceiro capítulo falou do projeto, encarando a questão da metodologia, da formação integral e da organização nacional. Estava em discussão a proposta de uma nova estrutura nacional mas um grupo da PJ Geral conseguiu convencer a plenária (de forma questionável mas majoritária) que isso não acontecesse. As prioridades aprovadas foram: 1) rever a estrutura, a organização e a especificidade; 2) aprofundar a mística das diferentes experiências, levando em conta a afetividade, a expressão, o trabalho e as técnicas; 3) trabalhar o processo de formação (assessoria e militância) a partir das diferentes realidades.

Elegeu-se Sandra Procópio como nova Secretária Nacional. Os nomes indicados para a assessoria nacional foram os do Pe. Onivaldo Dyna, do Pe. Wilson Basso e do Pe. Hilário Dick (único candidato presente na Assembléia)⁴⁹. Quase no final da Assembléia, um pronunciamento (para uns profético e para outros fora de hora) do Pe. Hilário Dick mudou as cores do final de festa. Baixou um espírito de revisão que daria seus resultados somente depois. Podemos dizer que foi a vitória da missão e uma derrota da má vivência do poder em qualquer Pastoral. Problemas que vinham-se arrastando há mais tempo foram explicitados em público pela primeira vez, significando a possibilidade de novos caminhos. Foram aprovadas cinco moções: uma em solidariedade aos professores da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, em greve há mais de 80 dias; uma de apoio e adesão à Campanha Nacional de Ação da Cidadania contra a fome e a miséria, pela Vida; uma terceira dirigida ao presidente da República pela ética nas Polícias Civil e Militar; uma quarta de apoio à demarcação das Terras dos Povos Indígenas no Brasil; e a última ao presidente da CNBB, em função das expulsões e afastamentos de coordenações de PJ e jovens de PJ e jovens de comunidades, paróquias e dioceses. Na *“Carta de Vitória”*, aprovada pela Assembléia, os jovens dizem: *“Mesmo diante dessa realidade, movidos por uma paixão que nos faz evangelizadores de outros jovens, não perdemos a esperança e a vontade de lutar. Renasce em nós um novo vigor. Acreditamos na juventude, queremos pensar e agir do nosso próprio jeito. Acreditamos no poder de transformação, numa nova Igreja e Sociedade a serviço da vida como homens e mulheres novos”*.

⁴⁹ Por conflitos havidos e pela forma como se haviam dado as eleições (tanto da Secretária como da Assessoria, tendo havido atitudes excusas para o Pe. Florisvaldo Orlando não entrar na lista tríplice), já no domingo de manhã, após a despedida de Daniel Seidel, o Pe. Hilário Dick pediu a palavra e falou o seguinte:

“Há 10 anos um mês e sete dias eu era saído do Setor Juventude da CNBB. Por quê? Ninguém o diz, mas é jogo de poder. “O teu modelo de Igreja e de PJ não serve”, talvez pensassem. Luta de poder na Igreja... 10ª Assembléia. Por que retirar meu nome? Na casa da PJ todos sabem que eleição é festa, é verdade, é lealdade. Por que retirar? Sim. Por que retirar? Projeto de PJ. Eleições: secretaria e assessoria. Luta de poder na PJ... Sim. A festa não deixou de ser festa. Na casa da PJ que sonho eleição é lealdade, é reconhecimento, fraternidade. Na casa da PJ se vota a favor. Não se usa ninguém. Respeito às pessoas. “Viver no conflito, contanto que eu ganhe...” Aquele que serve, de repente, é pisado. “Mas ele errou!” E daí. Olho por olho? Que todos saibam que sei ler coisas boas e más. (Lê Mt 13,24-30 - evangelho do dia). Joio e trigo. Vamos arrancar?

Três coisas: a) que a juventude que representamos seja jovem. Isso não é secundário. A média dos delegados jovens está acima dos 24 anos; há regionais onde a média está acima de 26 anos. O risco é do protagonismo que tanto alardeamos. Ele é nosso ou do jovem? b) aprendamos a ser evangélicos, também nas eleições. Não vale tudo... Respeito à pessoa... Transparência, mesmo que outros não o sejam. Na casa de nossos sonhos, a eleição não pode ser outra? c) na casa da PJ, como se dá a relação com a assessoria? Quem é que serve? Recordemos a missa de ontem à noite. Linda! O serviço empacotado de vermelho, das costas de um para as costas da outra... E o assessor? Duas velas cheias de doação. Mas... Onde mora a assessoria em nossa PJ? Será que não sei ver?

Por que retirar meu nome? Obrigado, mas compreendam. Vou rezar. Não me nego a servir, mas estou doído. Doído não por este nem por aquele mas pela PJ, por aquilo que a juventude sonha. Por que esta casa custa tanto a ser estrela? A utopia ainda está suja. Mas é preciso resistir, não é? Pois aí estou. Com ternura ferida, mas estou. Sei que vai ser bom. Mas... na utopia esta dor miserável vai ser expulsa? Apesar da festa real de 10 anos cheios de doações deixem que expresse esta dor. Há ressurreição e há morte porque há Vida”.

O coordenador do dia interpretou que o Pe. Hilário Dick tivesse retirado seu nome da lista tríplice e começou, na plenária, uma longa discussão onde uns tentavam defender-se do que tinham feito e outros (especialmente os mais novos) começaram a desmascarar pressões que haviam sofrido durante as eleições. Resultado: a indicação para a próxima assessoria ficou sob a responsabilidade da Comissão Nacional de Assessores. O fato é que da nova lista tríplice, em março de 1994, foi escolhido, como sucessor do Pe. Florisvaldo Orlando, o Pe. Wilson Basso, um dehoniano, sulista, engajado na pastoral do Maranhão.

A 10ª Assembléia foi, assim, ao mesmo tempo, a expressão da alegria de 10 anos de articulação e a expressão da crise que a Pastoral da Juventude vinha arrastando há mais tempo, sem ter a coragem de dar um salto qualitativo. Na avaliação feita pela Coordenação Nacional, logo após a Assembléia, afirmou-se: “A 10ª quebrou a política. Foram levados à plenária os conflitos. A plenária foi protagonista. A Assembléia foi uma lição de democracia.” Diz, ainda, a mesma Coordenação: “Não saímos construídos, mas vamos sair construindo”. Ela foi uma Assembléia profética e a melhor prova disso vai ser o resultado que se conseguiria, em 1995, na 11ª Assembléia. Como afirmou a Comissão Nacional de Assesores, dois meses depois: “A 10ª foi o maior e o melhor qualitativamente vivido na Pastoral da Juventude do Brasil”.

4.8 Um ano muito rico

Mas olhemos um pouco mais o ano de 1993. Afinal, a Assembléia foi em julho. E o restante do ano? O ano de 1993 foi, realmente, um ano rico para a Pastoral da Juventude. Para recordar alguns fatos, é certo que um dos temas que mais amadureceu foi a questão da “assessoria”. Em março, a revista PJ A CAMINHO (IPJ, Porto Alegre) publicava um longo artigo sobre “*A mística do assessor*”. Realizou-se, neste mesmo ano, o 9º Encontro Latino-Americano de Responsáveis da Pastoral da Juventude tendo como tema a assessoria e o acompanhamento da Pastoral da Juventude, resultando nos melhores subsídios sobre o assunto. No Nordeste apareceu um Curso de Capacitação de Assesores, de 10 dias.

Na reunião de setembro, da Comissão Nacional de Assesores, o *Pe. Florisvaldo Orlando* despede-se do grupo apontando (assim como o fizera o *Pe. Boran* alguns anos antes) alguns princípios que o guiaram: o protagonismo dos jovens; os processos planejados e participativos na PJ; “pé-no-chão” e respeito ao pluralismo de experiências, realidades e níveis de caminhada; colegialidade da Comissão Nacional de Assesores; ética e coerência.

Como preparação da 10ª Assembléia merece ser lido, também, o editorial “*Apesar de tudo, é hora da esperança*” do nº 52 da revista PJ A CAMINHO. Pareciam estar adivinhando o que depois aconteceu, na prática. Foi neste ano que apareceram duas teses sobre duas instituições de formação da Pastoral da Juventude: uma sobre a ESCAJUR (Passo Fundo - RS) e outra sobre o Instituto de Pastoral de Juventude, de Porto Alegre. Em grande parte, como resultado da 10ª Assembléia, aparece na revista PJ A CAMINHO um longo artigo sobre as “Pastorais Específicas de Juventude”, o melhor e mais completo que, até então, se havia produzido. Na mesma revista desenvolve-se, no nº 54, a questão do “protagonismo juvenil”, certamente um capítulo que se havia manifestado de forma questionável na 10ª Assembléia. Por isso que dizemos que 1993 foi um ano sofrido, mas muito rico. A Pastoral da Juventude não estava feita, mas era outra. Impressiona a consciência que a Coordenação Nacional de Jovens e a Comissão Nacional de Assesores tiveram do vivido. Tudo estava preparado para uma nova fase.

CAPITULO V

PASTORAL DA JUVENTUDE: É HORA DA MISSÃO (1994 A 1998)

**“Vamos, que já está na hora de a gente virar esta situação.
Marchando em comunidade, nas ruas gritando por libertação”**

A) ATÉ A 11^a ASSEMBLÉIA NACIONAL

5.1 Buscando identidades

Todos os grandes eventos nacionais da Pastoral da Juventude se dão nos meses de janeiro, fevereiro e julho. É muito raro um evento maior acontecer em outro mês. Por isso voltamos ao mês de janeiro de 1994. Não fica claro o porquê, mas a *PJMP*, apesar de ter-se encontrado em julho de 1993, em janeiro de 1994 se encontra novamente para realizarem a 9^a Assembléia Nacional. Foi em Porto Alegre, dos dias 16 a 22 de janeiro. Como eles mesmos dizem, resgataram as culturas populares e descreveram o rosto, a mística, a militância e a missão da *PJMP*.

Na mesma época (praticamente nos mesmos dias) a *Pastoral da Juventude Rural* realizava, em Acesita (MG), a 3^a Assembléia Nacional⁵⁰. O tema até se assemelhava ao da *PJMP*: “*Antropologia, Sociologia e valores culturais dos jovens rurais*”. Desenvolveram a atuação da *PJR*, a formação, a espiritualidade e a mística e a organização. A Pastoral da Juventude Rural do RS publicara uma brochura que se intitulava “*Projeto Político da PJR/RS*”, resultado de muita discussão, desenvolvendo a identidade, a concepção e o sonho da *PJR*, a análise da realidade, as relações da *PJR*, o plano de ação e a estrutura organizativa desta pastoral⁵¹.

Também em janeiro de 1994 (23 a 27 de janeiro), em Marília, a *Pastoral da Juventude Estudantil* realizava o 5^o Seminário Nacional de Assessores, com um tema relacionado com a identidade. O tema do Seminário era “Identidade e Mística do Assessor e Psicologia do Adolescente, com leitura crítica da modernidade”. Trabalharam, neste Seminário, o Pe. Antônio Baldan e o Pe. Hilário Dick S.J. Estavam reunidos mais de 100 educadores, sendo ou procurando aprender a ser assessores de grupos de estudantes.

⁵⁰ A 2^a Assembléia havia sido em Alagoinhas (BA), com o tema “Mística e Espiritualidade”.

⁵¹ Já falamos que, também a Pastoral Universitária, discutia, num Encontro Nacional realizado neste ano, em Caetés (MG), a questão da subjetividade. O tema do Encontro era “Avaliação da PU à luz da subjetividade”. Num primeiro painel Walter Prysthon Júnior e Mauro Ravagnani falaram da identidade cristã no mundo universitário. O Pe. Luiz Roberto Benedetti tratou da “avaliação da realidade socio-cultural à luz da subjetividade” e o Prof. Faustino Teixeira tratou da “Espiritualidade na Pastoral Universitária”.

ENCONTROS/ASSEMBLÉIAS NACIONAIS DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL

ANO	PJMP	PJE	PJR	PU	PJ(das Comunidades)	PJ do Brasil ⁵²
1979	1º Encontro, em Olinda			1º Encontro, em Vitória (ES)		
1980	2º Encontro, em São Paulo			2º Encontro, em Vitória		
1982	3º Encontro, em Juazeiro (BA)	1ª Articulação de Estudantes (Goiânia)		3º Encontro, em São Paulo		
1983		2ª Articulação de Estudantes (Goiânia)				4º Encontro Nacional, em Brasília ⁵³
1984	4º Encontro e retomada em Goiânia	3º Encontro, em Goiânia		Formação do MCU ⁵⁴		5º Encontro, em Goiânia
1985	5º Encontro, em Goiânia	4º Encontro, em Brumadinho (MG)		Encontro pluralista ⁵⁵		6º Encontro, em Goiânia
1986						
1987	6º Encontro, em Brasília	5º Encontro, em Vitória		1º Encontro, em Brasília		7º Encontro, em Nova Iguaçu ⁵⁶

⁵² Até 1995 falava-se somente de “PJ” como sendo o todo. Quando a PJ das Comunidades começou sua articulação autônoma, o que era “PJ” começou a ser chamado de “PJ do Brasil”.

⁵³ Embora o Encontro seja tido como o 4º, na linha de Encontros onde os jovens foram os protagonistas, é o primeiro. Recorde-se que os universitários, os jovens do Meio Popular e os estudantes já faziam, anteriormente, encontros com o protagonismo dos jovens.

⁵⁴ A maioria das lideranças da Pastoral Universitária decidiram formar um “movimento”: o Movimento Cristão de Universitários. Os grupos que não aceitavam ser “movimento” ficaram, por certo tempo, desarticulados.

⁵⁵ Referimo-nos a três experiências: o Movimento Cristão de Universitários, o Movimento Comunhão e Libertação e os grupos de Pastoral Universitária, de linha diocesana que, em 1987, recomençariam sua articulação nacional.

⁵⁶ Foi neste Encontro que se começou a falar de “Assembléia”, também nas outras Pastorais, menos na Pastoral Universitária e na Pastoral da Juventude (das Comunidades).

1989		6ª Assembléia, em Divinópolis (MG)	1ª Assembléia, em Divinópolis	2º Encontro, em Recife		8ª Assembléia, em Lavrinhas
1990	7ª Assembléia, em Salvador					
1991		Reunião Ampliada, em Belo Horizonte	2ª Assembléia, em Alagoinhas	3º Encontro, em Santa Fé (SP)		9ª Assembléia, em Sete Lagoas (MG)
1993	8ª Assembléia, em Ibirapu (ES) ⁵⁷	7ª Assembléia, em Belo Horizonte		4º Encontro, em Caetés (MG)		10ª Assembléia, em Vitória ⁵⁸
1994	9ª Assembléia, em Porto Alegre		3ª Assembléia, em Acesita		1º Encontro, em Pontalina; 2º Encontro, em Goiânia	
1995		8ª Assembléia, em Barbacena (MG)		5º Encontro, em Vinhedos (SP)	3º Encontro, em Campo Grande	11ª Assembléia, em Brasília
1996	10ª Assembléia, em Fortaleza ⁵⁹				4º Encontro, em Divinópolis	
1997		9ª Assembléia, em Porto Alegre ⁶⁰	4ª Assembléia, em São Luís de Montes Belos (GO)	6º Encontro, em Agudos (SP)		
1998					5º Encontro, em Salvador	12ª Assembléia, em Nova Iguaçu

⁵⁷ Há notícias de outra Assembléia, no ano anterior, em Goiânia.

⁵⁸ Foi nesta Assembléia em que os universitários deixaram de participar das Assembléias da Pastoral da Juventude.

⁵⁹ Os Encontros/Assembléias Nacionais da PJMP se localizam 40% no Nordeste, 40% no Centro do país e 20% no Sul.

⁶⁰ Os Encontros/Assembléias Nacionais daPJE se localizam 90,9% no Centro e 9,09% no Sul.

No mês de julho de 1994, vamos encontrar uma primeira resposta mais formal a uma das prioridades da 10ª Assembléia Nacional. Estudar-se-ia, num *Seminário Nacional da Pastoral da Juventude* (o 15º), a questão das juventudes, a especificidade e o processo de formação na Pastoral da Juventude. Os Centros/Institutos de Pastoral de Juventude foram convidados a dinamizarem cinco oficinas. No início do Seminário as diversas Pastorais de Juventude montaram suas “estantes” para mostrarem o que são. Muita água rolou sobre esse trabalho. Quem tomou a palavra, tendo visto o conjunto de práticas e propostas das Pastorais de Juventude, foi o Pe. Dalton Barros tratando da Fenomenologia da Juventude. Seu esforço foi de abrir fronteiras, enfrentando de forma orgânica o desafio da pluralidade. A parte da Espiritualidade do Seminário ficou com o Pe. Wilson Basso, o novo assessor nacional. Oferecendo subsídios para um “deserto” afirmou que, “servindo e militando na PJ nós nos defrontamos com três tentações fortes: a tentação do protagonismo, a tentação do fatalismo e a tentação do narcisismo”. Recordava ele, igualmente, uma frase do Pe. Dalton: “Sem conversão não há pastoral”. Concluído tudo isso, os grupos fizeram todo esforço para entregarem quatro textos sobre o assunto que haviam abraçado refletir: um sobre Espiritualidade, outro sobre Organização, Estrutura e Representatividade, um terceiro sobre o Processo de Formação e um quarto sobre um possível organograma (novo) da Pastoral da Juventude do Brasil. Os textos foram estudados, mas não votados. Era material para ser levado para as bases, dando elementos para a Assembléia que viria depois de ano e meio. Um pormenor (que talvez não seja tão pormenor) é dar-nos conta que o Bloco Oeste, numa carta dirigida aos participantes, pede que as específicas deixem de ser prioridade na Pastoral da Juventude. Pena que não exista nenhuma reação a este pedido, mas é certo que significa uma declaração que denota uma concepção de “Pastoral da Juventude” ou nova ou desconhecida ou contrária ao que seja a Pastoral da Juventude do Brasil e da América Latina, em seu projeto global.

5.2 Olhando mais ainda...

Estamos, ainda, em 1994 e podemos verificar que a Pastoral da Juventude estava ativa, reflexiva e prática. Chamam a atenção, além do que vimos, quatro aspectos: o aparecimento de várias sistematizações teóricas sobre questões da Pastoral da Juventude; a preocupação em avançar na questão estrutural, pensando na responsabilidade que teria a 11ª Assembléia; as iniciativas no campo da formação e, por fim, uma das maiores novidades: o início da articulação nacional da Pastoral da Juventude das Comunidades. Vejamos estes pontos um pouco mais de perto.

a) *sistematizações*. Ater-nos-emos, principalmente, a três artigos. A Equipe de Preparação da 11ª Assembléia havia lançado para todos a pergunta: “Qual é a questão”? Um artigo que apareceu intitula-se “Por uma Pastoral da Juventude geral, plural e orgânica”, assinado por Rui Antônio de Souza, Mauro Müller e Paulo Batista. Questionam se as “específicas” não seriam uma forma de voltar ao velho esquema da Ação Católica Especializada. Sugerem outra saída⁶¹. Encarando a pergunta de outra forma, o Pe. José Hess lança um longo artigo intitulado “Juventude ou Juventudes”. Lança ricas considerações sobre esta nova forma de falar. Antes não se falava de “juventudes”⁶². Um terceiro texto situa-se a nível latino-americano. Dos dias 3 a 7 de maio de 1994 haviam-se reunido, por convocação da Seção Juventude do CELAM, em Bogotá, representantes das diversas Pastorais Específicas de Juventude da América Latina. O resultado apareceu em forma de brochura, traduzida para o português. Chama-se “*Pastoral da Juventude dos Meios Específicos*”. Não há dúvida que foi um grande avanço num assunto que, até o momento, era mais discurso ou questionamento⁶³. Provavelmente descobriríamos outros textos, mas estes servem para confirmar a

⁶¹ Veja “PJ A CAMINHO” nº 55.

⁶² Veja “PJ A CAMINHO” nº 56, p.13-32.

⁶³ A tradução de parte da brochura apareceu em “PJ A CAMINHO” nº 56, p.33-50.

direção dos debates. Afirma-se que muita discussão rolava nas conversas das pessoas. Estas, contudo, não podem entrar na história.... Talvez os “falantes” nem quisessem...

b) *preocupações com a estrutura nacional das Pastorais de Juventude*. Caberia à 11ª Assembléia Nacional decidir algo sobre a reestruturação organizativa. A seriedade com que isso foi encarado está na reunião conjunta da Coordenação Nacional e da Comissão Nacional de Assessores, de julho de 1994. Foi nesta reunião que decidiram várias coisas práticas como o tema, o lema e a forma de participação. Quem se destaca no encaminhamento geral desta Assembléia é o Pe. Vilson Basso, assessor nacional. Já em julho de 1994 falava da necessidade um planejamento mais amplo, da elaboração de algumas ações assumidas de verdade, distinguindo ação “inter-ecclesial” e ação “extra-ecclesial”. A 11ª Assembléia deveria ser um processo. O jornal “Juventude”, em novembro de 1994, lança para todo o Brasil, um primeiro roteiro de reflexão sobre o lema: “Vá e produza fruto: é hora de avançar”. O tema da missão entrava de cheio pelas janelas da Pastoral da Juventude. Logo depois vinha a questão da organização, com a proposta de vários organogramas.

c) *diversas iniciativas no campo da formação*. É verdade que, em abril de 1994, a Pastoral da Juventude do Brasil perdia um grande formador. Era ele o Pe. Albano Trinks S.J. que, vindo do Sul, esteve na fundação da “Casa da Juventude” de Goiânia, foi para a Rondônia e, por longos anos, colaborou na Comissão Nacional de Assessores. Recordamos o Pe. Albano porque foi um grande formador e porque 1994 foi um ano expressivo no campo da formação na Pastoral da Juventude. Em setembro, por exemplo, no 4º Encontro Nacional dos Centros e Institutos de PJ, discutiu-se, pela primeira vez, a necessidade do surgimento de um “Curso de Especialização em Juventude”. Se a “Casa da Juventude”, de Goiânia, festejava 10 anos, em Manaus, surgia, em 1994, o “Aiaká”. Numa rápida visão de conjunto se vê que, em janeiro de 1994, a Pastoral da Juventude do Centro Oeste e a CAJU realizam o 8º Curso de Capacitação de Assessores; a Pastoral da Juventude Estudantil do Nordeste torna real o 2º Curso de Capacitação de Assessores da PJE; a Pastoral da Juventude do Norte realiza a 1ª etapa do Curso de Formação de Assessores, em Manaus; em Porto Alegre realiza-se, na mesma época, a 1ª etapa do 13º Curso de Assessores de Jovens etc. sem falar das “Escolas de Juventude”, de Seminários e de Cursos para Lideranças.

d) *a articulação da Pastoral da Juventude das Comunidades*. Acreditamos que este foi um dos maiores avanços. Pela primeira vez a assim chamada PJC começa a ter, a nível nacional, uma articulação que seja somente dela. Deram-se, em 1994, dois Encontros Nacionais. O primeiro foi em Pontalina (GO), de 28 a 30 de janeiro. O objetivo era estudar a identidade da PJG a partir da vida dos grupos, da organização das coordenações regionais e da relação com as PJ’s específicas. Resolveram que, em julho, em vista do Seminário Nacional sobre a especificidade, se encontrariam de novo. O 2º Encontro foi em Goiânia, no Parque Ateneu, sendo os delegados de 15 Regionais acolhidos pelas famílias da região. O Pe. Onivaldo Dyna ajudou-os num resgate histórico e afirmaram que são a articulação de diversas experiências de trabalho com os jovens e que, na caminhada da Pastoral da Juventude do Brasil, se colocam ao lado das pastorais específicas, buscando definir melhor sua identidade. Verifica-se a tendência de se chamarem de “PJ” o que, infelizmente, não lhes basta para dizerem o que são. Mas é o processo que vão vivendo. Com o tempo, a complexidade de grupos que representam, deverá chegar a uma limitação mais clara de sua identidade, missão e organização. Falam, desde o primeiro Encontro, de “Encontro” e não de “Assembléia”. Querem uma articulação mais solta. Em março de 1995, após o 3º Encontro Nacional, realizado em Campo Grande (de 16 a 19 de março), publicam uma “Carta Aberta” onde contam a sua história desde fevereiro de 1994 até março de 1995. Falam, também, da sigla que escolheram e justificam porque escolheram “PJ”. Dizem que “é o nome que melhor identifica esta articulação de experiências, respeitando a caminhada que se faz nas dioceses e regionais do Brasil”. Dizem, igualmente, que querem caminhar ao lado das PJ’s, construindo um novo tempo para a Pastoral da Juventude do Brasil. Afirmam, ainda, que “a nossa organização deve emergir das bases, do serviço à

evangelização dos jovens”. A organização não pode ser um peso que tira as lideranças da missão. “Queremos uma organização flexível, espaço para intercambiar experiências e refletir sobre nossa missão eclesial”.

5.3 O contexto de uma Assembléia

Abriram-se, assim, as portas de 1995. A escolha da sigla da Pastoral da Juventude (das Comunidades) provocou certo espanto, mas, em respeito à missão que impulsionava a todos, ninguém se atreveu a travar alguma batalha sobre o assunto. O certo é que a preparação da 11ª Assembléia Nacional já estava na rua. Em fevereiro de 1995 Lourival Rodrigues da Silva lança uma primeira reflexão, tendo em vista alguns documentos que preparavam o encontro da PJ (das Comunidades), no Mato Grosso. Entre outras coisas, assustava-o a “máquina” administrativa da Pastoral da Juventude. As reflexões não valiam somente para esta Pastoral, mas para todos. Falava assim tendo ouvido reflexões de agentes da Pastoral da Juventude reunidos em Goiânia e Manaus. No Rio Grande do Sul a preocupação era outra: conhecer mais a juventude. Lançaram, por isso, uma “pesquisa envolvente” que deveria dar elementos de reflexão para o “Marco Referencial” que pensavam escrever na Assembléia Regional que se aproximava. O resultado científico desta pesquisa somente sairia em 1997, mas realizaram-se vários eventos de estudo dos dados adquiridos.

Sem ter conexão lógica entre si, há alguns fenômenos - no primeiro semestre de 1995 - que desejamos acentuar para captar o espírito reinante no mundo da Pastoral da Juventude. Realizava-se, em final de janeiro, em Hidrolândia (GO) o *1º Retiro Nacional da Pastoral da Juventude* (é assim que se falava) orientado pelo beneditino D. Marcelo Barros. Dizia uma manchete do jornal “Juventude” (nº60), de fevereiro de 1995 que “o jovem é uma imagem do Ressuscitado”. Márcio Camacho, líder da PJ de Ourinhos (SP) diz que “definitivamente, a PJ está entrando numa nova fase” e Luís Peixoto, de Campo Grande (MS), acrescenta: “a PJ está num tempo de redefinições, de volta à pessoa, ao ser gente, à militância humana e não maquinal”. D. Marcelo, que orientou o retiro de cerca de 40 jovens vindos de todo o Brasil, afirma que é um “passo qualitativo”. Na mesma época, independente deste fato, publica-se um artigo na revista “PJ a Caminho” intitulado “*A Teologia do Jovem*” que teria boa repercussão com jovens e adultos. O que é bonito de ver, ainda, é que nessa mesma época um grupo de agentes da Pastoral da Juventude da América Latina, indicados pelos jovens, se reúnem em Bogotá para re-elaborarem um livro que marcara a Pastoral da Juventude de toda a América Latina. Tratava-se do livro “*Pastoral da Juventude: Sim à Civilização do Amor*”, lançado em 1987. O resultado foi “*Civilização do Amor: Tarefa e Esperança - Orientações para uma Pastoral da Juventude na América Latina*”. Até o momento é o que há de mais completo e melhor em questão de sistematização do que se entende como Pastoral da Juventude. Isso foi no mês de maio.

- *Por uma Terra Livre*

Olhando o que sucedia nalgumas Pastorais da Juventude, vamos encontrar a *Pastoral da Juventude Rural* reunida em Dourados (MS), num Seminário Nacional, tendo como tema “Terra: nossa casa, nossa mãe”, criando o grito que, desde então caracterizaria esta Pastoral: “Por uma terra livre Brasil”. No dia 22 de março a Pastoral da Juventude Rural perdia um grande companheiro e assessor nacional: *Frei Cícero dos Santos Jessé* ou, como todos o conheciam, Frei Jessé. Ele nascera em Garanhuns (PE). Há mais de um ano vinha lutando contra uma doença que tomara conta dele. Sua dedicação era tão grande que não encontrou tempo para tratar devidamente algumas estafas que haviam tomado conta dele. “Não deixem de fazer nada porque estou ausente”, escrevera em fevereiro de 1995.

- *A questão é ser*

Os universitários reuniam-se, em final de janeiro de 1995, em Vinhedo (SP) para discutirem não tanto a Universidade nem a Espiritualidade mas o *ser universitário*. O tema de seu 5º Encontro Nacional foi “Ser universitário hoje: uma perspectiva cristã”. Escrevem os universitários que “saímos de Caeté (onde se realizou o 4º Encontro Nacional) chamados a compreender o perfil do jovem universitário”. Quem os assessorou na análise de conjuntura foi o Prof. Márcio Tangerino e quem os ajudou na reflexão sobre o “ser universitário” foi o antigo militante da JUC, Prof. Luiz Alberto Gomez de Souza. Quando o antigo assessor nacional da Pastoral Universitária publicava um artigo intitulado “Subjetividade: um modo humano de ser”, assumia a assessoria nacional (indicado pelos jovens e assumido pela CNBB) um leigo vindo do Nordeste e da própria Pastoral Universitária: Prof. Alcivam Oliveira. Elegeram como secretário nacional a Cláudio Zamparetti, de Santa Catarina.

- *Estudantes: quem somos?*

A *Pastoral da Juventude Estudantil* também procurava, nesta época, redefinir sua identidade. Em forma de mutirão nacional, auxiliados pelos seus assessores, os estudantes do segundo grau finalizavam suas reflexões sobre seu Marco Referencial que haveriam de aprovar na 8ª *Assembléia Nacional*. Esta se realizou de 24 a 28 de julho de 1995, em Barbacena (MG). Aquilo que eram os “Cadernos da PJE” foi discutido pelas diferentes bases e tornar-se-ia, nesta *Assembléia* “*Quem somos? A que viemos? Marco Referencial da PJE*”. Os estudantes haviam trabalhado nisso durante quase um ano, em todos os níveis. Assim como a Ir. Enedina Pierdoná era reconduzida em sua missão de assessora nacional, escolheu-se como secretário nacional Alexsandro Machado, de Sapucaia do Sul (RS).

5. 4 Procurando entender a 11ª *Assembléia*

Com esses dados preliminares podemos encarar com mais profundidade o que foi a 11ª *Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude*. Em março de 1995 o jornal “Juventude” lançava uma edição especial sobre ela. Quem inicia a conversa, neste jornal, é a Equipe de Preparação da Ônzima dizendo que a *Assembléia* será de 9 a 16 de julho, em Brasília. Haviam-se reunido, já em setembro de 1994, amadurecendo alguns dados e a melhor forma de encaminharem algumas propostas que vinham da 10ª *Assembléia*. Animam os grupos a responderem a duas questões: sobre a missão e sobre a organização. Previam a elaboração de três projetos sobre ação, formação e espiritualidade. O lema proposto era “Vá e produza frutos”. Apresentam, igualmente, as duas propostas existentes de organização. O objetivo geral da *Assembléia* seria: “Partilhar e repensar o Projeto da Pastoral da Juventude do Brasil em vista da Missão”. Os objetivos específicos seriam: 1) Celebrar um Novo Tempo; 2) Trabalhar a Missão da PJ do Brasil, elaborando linhas comuns e projetos concretos de Ação, Formação e Cidadania; 3) Definir a organização e o organograma da PJ do Brasil. Os assessores convidados para trabalhar os diversos temas foram o Prof. Elimar Nascimento e o Pe. Adilson Schio. Para coordenar a parte da Espiritualidade da *Assembléia* convidou-se a Ir. Penha Carpanedo. O fato é que, no dia marcado, 120 jovens estavam reunidos para trabalharem em nome de todos os jovens da PJ do Brasil. A memória histórica foi feita em forma de parábola, por Carmem Lúcia Teixeira, assessora de Goiânia. Procurou contar a situação e a história da Pastoral da Juventude dos últimos tempos através da “História de uma Casa”, onde todos ficaram responsáveis de continuarem o aperfeiçoamento dela.

- *Dois eixos*

O que se pode ver, pelos documentos existentes, é que houve dois grandes eixos que ocuparam toda a Assembléia: *a elaboração do “Projeto de Missão da Pastoral da Juventude do Brasil” e a definição do novo organograma de funcionamento do conjunto das Pastorais de Juventude*. O primeiro eixo resultou na elaboração de 5 projetos: dois no campo da ação (Missão Jovem e Cidadania), dois no campo da formação (humana e cidadania) e um no campo da espiritualidade. A definição do novo organograma de funcionamento do conjunto das Pastorais de Juventude decidiu, basicamente, pela representatividade paritária de todas as Pastorais de Juventude nas instâncias nacionais. Por um lado, a elaboração do “Projeto” foi uma grande conquista; por outro, ele não foi de fácil compreensão para a maioria dos jovens e assessores. Mesmo com a divulgação de um número especial de “Juventude”, em setembro de 1995, com 40.000 exemplares, ele não se tornou conhecido nem foi assimilado pela grande maioria. Uma pequena prova disso é que, na própria “Carta Aberta” que a Assembléia aprovou no fim do evento, não faz menção nenhuma ao “Projeto” que tinham elaborado.

- *A força da missão*

O discurso da “Missão” era tão acentuado que foi fator de desterramento na Pastoral da Juventude, da questão política da organização. Por parte da organização o que se aprovou é que 1) aquilo que se entendia, até então, por PJ, de agora em diante seria PJ do Brasil; 2) que a Coordenação Nacional da PJ seria formada por representantes de todas as Pastorais de Juventude, de forma paritária e 3) que a próxima Assembléia seria formada, também, por delegados vindos paritariamente das diferentes Pastorais de Juventude. Isso não foi tão pacífico, especialmente para o pessoal do Norte que manifestou sua preocupação de serem excluídos neste tipo de representação. Walderes Brito, analisando a 11ª Assembléia, escreve um artigo com o título “Uma oficina de consolidação da unidade”. Uma unidade que era necessária em vista da missão, mas que não precisava ter secundarizado tanto todo o debate de uma proposta global de PJ e, até, da maneira mais pedagógica de se organizar. Para quem olha somente os documentos existentes sobre esta Assembléia tem a impressão que o “Projeto” (que resultou num grande bem), assim como o novo organograma aprovado, foi, como se diz na vulgaridade, “empurrado goela abaixo da Assembléia”. A metodologia de trabalho e a convicção de algumas pessoas forçou este resultado⁶⁴.

- *Você está criticando, dessa foram, os projetos aprovados pela primeira vez numa Assembléia Nacional?*
- *Não. Não estamos negando, com isso, a novidade e a urgência e o bem que estes projetos fizeram para a PJ do Brasil. Analisamos que, em certos momentos, o “democratismo” não é a melhor saída. A questão política, na Pastoral da Juventude, não pode deixar de ser discutida. Caso contrário, mesmo evitando a discussão, corre-se o risco da manipulação.*

A prova da importância dos projetos seria confirmada na 12ª Assembléia Nacional (1998), onde se retomam, se atualizam e se enriquecem estes projetos.

⁶⁴ As eleições para a Secretaria Nacional não se deram na 11ª Assembléia Nacional. A questão foi encaminhada posteriormente, tendo aparecido, em fevereiro de 1996, a indicação de 5 nomes: Edna Maciel Guimarães (do Norte 2), Francisco Vasconcelos Filho (do Norte 1), Marinalva Conceição de Souza (do Leste 2), Neilton Abadio Veloso (do Centro-Oeste) e Willian Silva Bonfim (Centro-Oeste). A Coordenação Nacional da PJ do Brasil escolheu, no dia 17 de março de 1996, a Francisco Araújo de Vasconcelos Filho. A forma usada não foi totalmente isenta de críticas, mas em julho deste ano “Vasco” assumiu este serviço com o seu jeito amazonense e juvenil de ser.

B. DEPOIS DA 11ª ASSEMBLÉIA

5.5 A vida continua

No mês de julho de 1995, além da Assembléia Nacional, realizaram-se outros eventos. Em primeiro lugar, a 8ª *Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil* (24 a 28 de julho), da qual já falamos antes. A *Pastoral da Juventude do Meio Popular*, logo após a Assembléia Nacional, encontrou-se em Goiânia para um Seminário Nacional que tinha como objetivo “sensibilizar os assessores para contribuir no maior engajamento de jovens empobrecidos na luta pela construção de sua cidadania e libertação”. Foi de 18 a 21 de julho de 1995. O tema do Seminário foi “*Jovens empobrecidos e cidadania*”. Era assessor nacional o Pe. Alberto Panichella. Quem assessorou o Seminário foi Iris Maria de Oliveira, de Natal (RN).

Poderíamos respingar muitos outros eventos mas destacamos a Reunião Ampliada da PJ do Leste 2, em Belo Horizonte (dias 18 a 20 de agosto), o 6º Encontro de Assessores do Nordeste, em Crato (CE), a Assembléia Regional da PJ do Sul 2, em Maringá e o 1º Encontro com Congregações e Movimentos promovido pelo Setor Juventude da CNBB (dias 18 a 20 de setembro). Em todos estes eventos, um dos assuntos obrigatórios eram os novos projetos da Pastoral da Juventude do Brasil. Vão-se afirmando, da mesma forma, com mais decisão, a Semana da Cidadania, as Missões Jovens e o Dia Nacional da Juventude, acrescido com encontros e romarias da juventude.

5.6 Assuntos novos vão tomando conta

Entra-se, assim, em 1996, respirando muita animação. Ajudam nisso a mística do Assessor Nacional e a ternura da Secretária Nacional. No mês de janeiro acontecem várias iniciativas de projeção nacional. Seguindo a experiência do ano anterior, realiza-se - de 25 a 27 de janeiro de 1996 - o 2º *Encontro Nacional de Assessores Regionais e das Pastorais Específicas*. Foi uma forma que o Pe. Wilson Basso encontrou e iniciou, em 1995, para tentar um trabalho de animação nacional dos assessores. Pela avaliação que o próprio assessor apresenta deste Encontro, em março, na reunião da Comissão Nacional de Assessores, a participação não foi grande, mas “é preciso continuar”. Logo após este evento, no mesmo local (Hidrolândia, GO), realiza-se o 16º Seminário Nacional da PJ do Brasil. Era um *Seminário Nacional sobre a atuação político-partidária*. Foi de 28 de janeiro a 2 de fevereiro, com a participação de 50 pessoas, entre eles alguns candidatos a vereador e prefeito nas eleições de outubro de 1996. Os assessores foram Ivo Lesbaupin, Frei Clodovis Boff e o Deputado Durval Ângelo, antigo militante da PJ de Minas Gerais. A idéia que se solidificou foi a da Rede de Militantes.

Duas outras Pastorais Específicas tiveram, igualmente, eventos nacionais significativos. A *Pastoral da Juventude do Meio Popular* celebrou, de 7 a 12 de janeiro de 1996, em Fortaleza a sua 10ª Assembléia Nacional. O tema que escolheram foi “*PJMP - Presença no Mundo e na Igreja*”. Destacaram-se três eixos decisórios: a recuperação da identidade a partir da elaboração das histórias dos Regionais, o desencadear de um processo de formação permanente e a criação de novos espaços, em parceria com a sociedade civil e a Igreja. Formaram uma nova Comissão Nacional de Assessores e escolheram Ana Rita Marcelo de Castro (de Goiás) como Secretária Nacional. A *Pastoral da Juventude Rural* realizou, logo a seguir, em Erechim (RS), de 14 a 21 de janeiro de 1996, o seu 5º Seminário Nacional. O tema do Seminário foi “*A Jovem Mulher Trabalhadora Rural da Terra Livre Brasil*”. Em maio deste ano publicavam, solenemente, a “Carta Aberta às Mulheres e Homens Construtores do Novo”, produzida neste Seminário. Participaram 120 jovens da roça, vindos de 14

Estados. Os capítulos centrais desenvolvidos foram “A Mulher Rural em seu Contexto”, “Afinal, o que é Específico da Mulher”, “A Mulher na Evolução da Sociedade” e “A Mulher e a Teologia”. Na Carta Aberta dizem que “sem a participação da mulher não se constrói a história, pois não existe revolução pela metade”. Justificando o Seminário, os jovens diziam que queriam este Seminário porque 1) sentem a necessidade de refletir sobre o papel da mulher da roça, 2) porque entendem que a reflexão é parte do processo de sistematização da concepção de gênero da PJR, 3) porque necessitam dar continuidade na elaboração da proposta da Terra Livre Brasil e 4) porque acreditam ser um momento de vivenciar a mística da Mãe-Terra/Mãe-Mulher.

5.7 O 4º Encontro da Pastoral da Juventude (das Comunidades)

Um outro encontro, que só se realizaria em julho de 1996, mas foi preparado com bastante antecedência, merecendo um olhar todo especial da Secretaria Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil, foi o *4º Encontro Nacional da PJ (das Comunidades)*. Sandra Procópio, além de ser a secretária das PJ's do Brasil pertencia à Equipe de Preparação deste Encontro. O objetivo do 4º Encontro da PJ (das Comunidades), a se realizar em Divinópolis (MG), tinha como objetivo “repensar a articulação da PJ, buscando saídas para uma organização flexível e que respeite a diversidade, sendo integradora e humanizante”. Era maio de 1996. No dia 7 de março/96 - bem antes, portanto - quem escrevera uma carta para as Pastorais de Juventude do Brasil era o Pe. Marcelo Maróstica Quadro. Mostrava-se preocupado porque vários Regionais não se estavam envolvendo na preparação do evento. Demonstrava a preocupação de fazer surgir, de fato, neste Encontro, uma boa articulação com todas as outras experiências de Pastoral da Juventude. O fato é que, de 17 a 21 de julho, se realizou o Encontro. O saldo, em poucas palavras, foi: Encontro Nacional a cada 2 anos, uma Comissão Nacional com 17 jovens e um assessor⁶⁵, identidade e missão definidas. Havia 90 delegados de todo o Brasil. A organização, fruto dos debates, não foi tão flexível como um bom grupo queria, mas - como diz um dos participantes - “deve-se respeitar a vontade da maioria”. Havia alguns que sonhavam com uma organização de preocupação mais pastoral e outros com uma organização onde houvesse poder deliberativo na Coordenação. A identidade e a missão, aprovadas no Encontro, são páginas simples, procurando situar-se num contexto de não-opção por assumir uma característica mais definida. Dizem que são da cidade e do interior, inseridos nas comunidades eclesiais e na sociedade, tem uma organização, assumem os projetos da PJ do Brasil, estão definidos por uma metodologia que respeita o protagonismo dos jovens, são formados por vários tipos de jovens e assessores, lutam pela formação integral e querem criar unidade na diversidade. Na avaliação que esta Pastoral faz em dezembro (12 a 15 de dezembro, em Goiânia) percebe-se que não estavam contentes com o que produziram. Dizem, por exemplo, que “a simplicidade dos textos escondem a riqueza de nossa história”. Na mesma reunião de dezembro/96 olham para o conjunto das Pastorais de Juventude e refletem sobre o que iria significar a mudança na assessoria nacional e na secretaria nacional da PJ do Brasil. “São espaços políticos importantes e devemos garantir que a próxima pessoa seja da PJ (das Comunidades)”. A mesma preocupação aparece quando discutem a questão da Secretaria Nacional. “O poder desta Secretaria é um poder de serviço mas, não tenhamos ilusões. Quem assumir a Secretaria Nacional é quem dará a linha dentro da PJ do Brasil”.

- *Pe. Marcelo, o que significa isso?*
- *Pe. Marcelo - Significa que não podemos fugir, nas pastorais, da questão do poder. Ignorar isso é ser ingênuo e, talvez, autoritário. Reconheço que não é fácil, mas devemos aprender a fazê-lo na linha do Evangelho e da libertação.*

⁶⁵ Foi escolhido, como assessor da PJ das Comunidades, o Pe. Marcelo Maróstica Quadro, de São Paulo.

5.8 Paritário, sim - mas não tanto!

Houve, em 1996, outras atividades que precisam ser recordadas para entendermos o que se ia passando. Vários deles colocam-se a nível latino-americano, mas que não deixam de ser uma tônica do que procuramos compreender. Uma reunião importante foi *a ampliada da Comissão Nacional da PJ do Brasil junto com a Comissão de Assessores*, em Divinópolis, logo após o 4º Encontro Nacional da PJ das Comunidades. A pergunta que rolava na cabeça de muitos, diante de uma Comissão Paritária, era: qual o nosso papel? Expressaram várias funções: encaminhar as decisões das Assembléias Nacionais, ser conselho editorial do jornal “Juventude”, ser elo entre as PJ’s, avaliar, animar, apontar e refletir a caminhada das PJ’s em busca de novos rumos, garantir harmonia e agilidade da PJ do Brasil, coordenar a caminhada respeitando e mantendo o protagonismo de cada uma das PJ’s. Na plenária acrescentaram-se outras reflexões. Diziam, por exemplo, que “temos que garantir nas dioceses e regionais a pluralidade”. Um outro falava do sonho de um fórum nacional sobre a juventude. Eles tinham consciência que estavam aí não somente pela Pastoral Específica que representavam, mas que eram “um grupo que deve pensar a evangelização da juventude”.

Havia acontecido, de 01 a 08 de junho, em Porto Rico, o *11º Encontro Latino-Americano de Responsáveis da Pastoral da Juventude* com o tema “Missão”. Trabalharam, baseados em verbos, naquilo que deveria acontecer na PJ da América Latina: re-descobrir, des-aprender, re-afirmar e re-organizar, traçando desafios e linhas de ação. Neste Encontro esteve presente o delegado do Papa, pensando principalmente na realização do Encontro Continental de Jovens, em 1998. Dizia D. Renato Bocado que “o Papa deseja encontrar os jovens para recordar sua missão como cristãos no Terceiro Milênio. Este é um convite dirigido a todos os jovens sensíveis aos valores da justiça e da fraternidade”.

Os **universitários** tiveram dois eventos a nível de Cone Sul. Em Rio Cuarto (Argentina) realizou-se - de 20 a 23 de julho - o *3º Seminário de Universitários do Cone Sul*. O tema que os movimentou foi “Nossa Missão na Universidade”. Estava começando, então, uma possível articulação latino-americana de universitários católicos, tanto assim que, em 1997, se realizaria, em Cochabamba, um Encontro Latino-Americano de Universitários. Em novembro de 1996 (20 a 24 de novembro), em Porto Alegre, realizar-se-ia o *2º Seminário de Assessores da Pastoral Universitária do Cone Sul*. O grande tema foi o aprofundamento da teologia do ministério da assessoria bem como sua pedagogia. Ainda a nível de América Latina, realizou-se, de 5 a 10 de março de 1996, por convocação da Seção Juventude, do CELAM, um primeiro encontro sobre a Pastoral de Adolescentes. Era uma preocupação manifestada em vários eventos da Pastoral da Juventude, mas faltavam iniciativas concretas que enfrentassem esse desafio. É verdade que em Goiânia já haviam realizado alguns trabalhos, mas faltava uma decisão mais séria de pensar isso de forma ampla.

5.9 Problemas no ar

Com relação a outras atividades, a nível nacional, houve duas que precisamos recordar: o 2º Encontro de Congregações e Movimentos e o 5º Seminário Nacional da PJE. O *5º Seminário Nacional de Militantes da PJE* aconteceu em Itaipava (RJ), de 26 a 29 de julho. O tema era “O Jovem Político na Escola”. Aprofundou-se a situação educacional brasileira, a cidadania estudantil e o Movimento Estudantil. Os estudantes concluíram que “ser missionário é ser profeta nas diferentes realidades e culturas”. Estavam presentes mais de 60 estudantes. O *2º Encontro de Congregações e Movimentos*, realizado de 12 a 15 de setembro de 1996, teve como tema a metodologia de trabalho com a juventude, sendo assessor o Pe. Adilson Schio. Não houve conclusões que atingissem diretamente a Pastoral da Juventude. Algumas preocupações mais relacionadas com a organização atual da PJ estavam no ar, mas percebia-se que não havia vontade política de discutir esta matéria.

Isso viria confirmado em algumas publicações que apareceram nesta época. O Ir. Afonso Murad escrevera um artigo chamado “Saindo da crise de organização”⁶⁶. Destaca três limites da PJ não suficientemente contemplados: a pretensão da totalidade em relação à evangelização da juventude, a inoperância na atuação com as massas e a ineficiência das suas estruturas de organização. O Pe. Hilário Dick S.J. volta, de outra forma, sobre o assunto escrevendo “Sentindo a Pastoral da Juventude de 1996”⁶⁷. Procura analisar a situação tomando em conta vários fatos: o tipo de atividades, a questão da identidade, a situação do jornal “Juventude”, o debate sobre a proposta global da PJ e a formação e o acompanhamento. Termina o artigo falando do clero “sem tesão pela juventude”. Outra perspectiva é a do próprio Assessor Nacional - Pe. Vilson Basso - que, em novembro de 1996, escreve um pequeno artigo intitulado “Por uma organização mais leve”⁶⁸. Deixa-se levar pelo número de grupos mas não enfrenta seriamente a diversificação de trabalho com as juventudes. Acha que a PJ das Comunidades encontrou uma boa saída, mas não se sabe se tinha presente que um grupo de paróquia é bem diverso de um grupo de estudantes. De qualquer forma, a discussão estava no ar.

C) DEPOIS DE 1996

5.10 Estamos perto do presente...

Escrever a história atual parece fácil, mas não é. Adivinhar os fatos que vão vingar, não é fácil. Estamos entrando no ano de 1997 e temos presentes dois meses agitados: janeiro e julho. As preocupações, no mundo da Pastoral da Juventude, são diversificadas. Se há alguma convergência nalguns eventos, é na formação. Especialmente na *formação de assessores*. Em janeiro de 1997 funcionaram três Cursos mais demorados para assessores: o 12º Curso de Capacitação para Assessores (CUCA), em Goiânia, a 3ª etapa do Curso de Formação e Capacitação de Assessores, em Manaus e a 3ª etapa do 14º Curso de Assessores de Jovens, em Porto Alegre. São cursos sistemáticos, com etapas de três ou duas semanas, de longa trajetória e que não precisam apresentação. Como se isso não bastasse, de 22 a 26 de janeiro realizou-se, em Mariana (MG) um Seminário de Assessores da Pastoral da Juventude Estudantil. O tema era “Espiritualidade e Mística do Assessor da PJE”. Houve três grandes capítulos: Corporeidade e Mística, Educação e Pastoral - um novo jeito de estar na educação, e Afetividade e Sexualidade.

A preocupação com a formação foi assunto, igualmente, do **6º Encontro Nacional da Pastoral Universitária**. Este Encontro foi em Agudos (SP), de 6 a 12 de janeiro de 1997. O assunto central era a aprovação de um “Roteiro para a formação na Pastoral Universitária”. O roteiro já vinha de caminhada mais antiga. Como preparação do Encontro foi distribuído um texto de Maria Clara Bingemer intitulado “Saber, Sabor e Sabedoria ou a fé em meio ao conflito das racionalidades”. Além do Encontro celebrou-se 10 anos de Pastoral Universitária e 20 anos do Concílio de Lins, um evento que provocou os primeiros passos de uma nova articulação de universitários. Alcivam Paulo de Oliveira, escrevendo sobre o Encontro de Agudos⁶⁹ diz que foi festa e celebração. Estavam presentes, na Universidade São Francisco, mais de 100 universitários de diversas partes do Brasil. O Encontro foi, em segundo lugar, um “exercício de formação”. O grande fruto foi o “*Roteiro de Formação*” que, como diz Alcivam, “não deve ter servido somente para ser elaborado, mas usado”.

A **Pastoral da Juventude Rural** realizava, de 13 a 21 de janeiro deste mesmo ano, em São Luis de Montes Belos (GO), a *4ª Assembléia Nacional*. O tema era “Mulheres e Homens em missão

⁶⁶ Ver revista “*PJ a Caminho*”, nº 63, p.33-42.

⁶⁷ Ver revista “*PJ a Caminho*”, nº 64, p.15-27.

⁶⁸ Ver “*Juventude*”, nº 81, novembro de 1996.

⁶⁹ Ver PU - Boletim Nacional, nº 9, p.8

pela Terra Livre Brasil”. Assumiram, na certeza de que no ventre da PJR eles são construtores da Terra Livre Brasil”, compromissos para dentro e para fora da Pastoral. Na missão para dentro falam da cultura, da afetividade, da mística, das relações de gênero, da situação financeira, da capacitação técnica e da participação política. Na missão para fora reassumem compromissos com os movimentos sociais, com jovens rurais de outros países, com a Igreja, com a Pastoral da Juventude e com as opções políticas da roça. Entre as Diretrizes da Ação destacam-se: 1) a realização de Semanas Sociais Brasileiras nas paróquias, dioceses e regionais; 2) a continuidade das Missões Jovens pelo Brasil; 3) a parceria com Movimentos e Pastorais na elaboração de um Projeto Alternativo para o campo brasileiro; 4) o intercâmbio com jovens rurais da Europa e da América Latina; 5) a realização do 1º Congresso Brasileiro de Jovens Rurais no ano 2000.

Outros eventos que não podemos esquecer são o 3º Encontro Nacional de Assessores Regionais e de Assessores Nacionais de Específicas e o 2º Retiro Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil. O *3º Encontro de Assessores Regionais e de Específicas* foi de 21 a 24 de janeiro, em Hidrolândia, em Goiás. O tema foi a assessoria como ministério, desenvolvido com a ajuda especial do Pe. Adilson Schio. Não vieram muitos participantes, mas foi considerado positivo. Quem deu uma tônica de importância ao Encontro foi Juan Pablo Moreno, responsável pela Seção Juventude, do CELAM. O *2º Retiro Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil* foi, também, em Hidrolândia, de 25 a 30 de janeiro de 1997, tendo D. Pedro Casaldáliga como orientador. Todos que o fizeram, ficaram impressionados. D. Pedro havia escrito uma série de artigos sobre espiritualidade para o jornal “Juventude” e todos conheciam a seriedade com que este bispo encara o cultivo de uma profunda espiritualidade, principalmente por parte de quem exerce alguma responsabilidade na Pastoral da Juventude.

No mês de junho deram-se dois outros fatos importantes: o *1º Encontro Nacional com Instituições Católicas que trabalham a recuperação de dependentes químicos*, uma iniciativa do Setor Juventude da CNBB, cujo bispo responsável continuava sendo D. Irineu Danelon, da família salesiana e sabedor que muitos jovens vivem nesta realidade. Em 1998 apareceria o livreto “Drogas”, publicado pelo CCJ. Na 12ª Assembléia Nacional aprovou-se que o ano 2001 terá como eixo a droga. No mesmo mês, no dia 16 de julho, a Pastoral da Juventude perdia um assessor a quem ela deve muito: o Pe. Florisvaldo Orlando. Há anos ele carregava em si a doença do câncer. Há muito tempo lutava entre aplicações químicas, hospital e sinais de recuperação, mas no dia 16 de julho ele não suportou mais. Sua morte foi uma despedida muito sentida por todos que o conheciam. O Pe. Horacio Penengo, responsável pela Seção Juventude, do CELAM, nos anos em que Pe. Floris era o Assessor Nacional, escreve: *“Me considero un privilegiado por haber sido destinatario de su amistad, de su confianza, de innumerables muestras de afecto y de cariño. Compartimos juntos momentos muy felices e muy duros que nos ayudaron a hacernos hermanos, en una experiencia que tranciende fronteras e nos hace sentir la presencia viva de Dios que nos quiere y acompaña”*. O Pe. Floris era o terceiro assessor, de projeção nacional, que partia para a casa do Pai levado por semelhante doença. Todos se recordam do Pe. Albano Trinks S.J. e de Frei Jessé, franciscano.

5.11 Um semestre variado

O segundo semestre de 1997 foi de grande vitalidade, principalmente nas bases. Uma alegria para todos, especialmente para o Pe. Wilson Basso, significou a “oficialização” da Semana da Cidadania, reconhecida e integrada no Plano da CNBB. O mesmo valia para o Dia Nacional da Juventude. No mês de julho não podemos perder de vista três acontecimentos. O primeiro vai por conta da **Pastoral da Juventude do Meio Popular**. Realizaram, de 24 a 27 de julho, em Curitiba, o 10º Encontro Nacional de Militantes e Assessores, tendo como *tema “Juventude Empobrecida e Cidadania”*. Os assessores do Encontro foram o Pe. Pedrinho Guareschi e o Deputado Pedro

Wilson. Praticamente nos mesmos dias (23 a 26 de julho de 1997) a **Pastoral da Juventude Estudantil** efetivou sua 9ª Assembléia Nacional. Foi em Porto Alegre, com 65 delegados. O tema era “*Avaliar e Celebrar os 15 anos da PJE*” mas tinham, igualmente, como objetivos: a) elaborar um Plano de Ação da PJE do Brasil; b) vivenciar a espiritualidade da PJE; c) avaliar e indicar pessoas para as instâncias nacionais. Estava em jogo, em grande parte, a adaptação da PJ nacional a esta pastoral bem como a vivência do espírito do “Novo Milênio”. Foi eleita Secretária Nacional Laine Chapada de Amorim, do Rio de Janeiro, e o Ir. José Airton de Carvalho, marista do Nordeste, como Assessor Nacional. Aconteceu em julho, ainda, o **2º Encontro de Militantes da Política Partidária**. Foi em Goiânia, de 6 a 10 de julho. Participaram 30 pessoas vindos de 14 Estados. Os assessores foram o Pe. José Cobo, Chico Whitaker, Patrus Ananias e Pe. Virgílio Uchoa.

- *Religiosos e Pastoral da Juventude*

Do restante do 2º semestre é necessário que fixemos a memória da realização de três acontecimentos: dois de setembro e um de novembro. Em setembro realizou-se o **3º Encontro Nacional de Congregações e Movimentos**, articulado pelo Setor Juventude da CNBB. Um Encontro, aliás, através do qual a Conferência dos Religiosos do Brasil quer expressar sua vontade de caminhar junto com a Pastoral da Juventude. O assunto foi “*Mística e Erótica*”, assessorado pelo Pe. Marcial Maçaneiro, de Belo Horizonte. Participaram mais de 80 pessoas, de diferentes regiões e Congregações. Foi em Goiânia. O que fica mais claro é que o “Setor Juventude” da CNBB deve ser mais amplo que a atual organização da “Pastoral da Juventude do Brasil”, embora o discurso officioso dos Bispos, com relação à evangelização da juventude, esteja expresso nos documentos da Pastoral da Juventude do Brasil e nos documentos da Seção Juventude, do CELAM.

- *Centros e Institutos*

Um outro acontecimento significativo para a Pastoral da Juventude foi o **4º Encontro Latino-Americano dos Centros e Institutos de Pastoral de Juventude**. O Encontro foi em Lima (Peru), de 13 a 17 de setembro de 1997, tendo como assunto central a metodologia. O resultado dos trabalhos foi publicado de diferentes formas. O certo é que a questão do método não está tranqüila. Embora haja um acordo que os passos do Ver-Julgar-Agir-Revisar e Celebrar estejam certos, percebe-se certa inquietação na maneira de vivenciar com mais eficácia o método. O IPJ do Leste II lançou dois textos sobre o assunto; o Chile insiste mais no “experencial”; há más aplicações do método etc. Uma novidade que pode parecer muito estranha é que o próximo Encontro destes Centros se realizará nos Estados Unidos. Por quê? Por causa do grande número de jovens hispanos que vivem naquele país e por causa do trabalho que se procura fazer com eles. Outra novidade é que, em Lima, está surgindo um novo “Instituto”. São 14 Institutos que, de forma diferente mas muito semelhante, procuram ser apoio específico à evangelização da juventude através da Pastoral da Juventude.

- *Universitários*

Outra novidade que desejamos destacar é o **Encontro Latino-Americano de Pastoral Universitária**. Foi em Cochabamba (Bolívia), de 3 a 8 de novembro de 1997. O tema foi “*Pastoral Universitária e Evangelização*”. Distinguiram cinco modalidades de experiências evangelizadoras no mundo universitário: as capelarias universitárias, as paróquias universitárias, os serviços de Pastoral da Universidade e das Dioceses, os movimentos e a Pastoral Universitária de Estudantes. As linhas de ação são gerais, como não podia deixar de ser, mas a nível de Cone Sul amadureceram um

pouco mais, e de modo diferente, a articulação já existente. Propôs-se a formação de uma Equipe Latino-Americana de Pastoral Universitária, composta pelo coordenador de cada região⁷⁰.

- *Vasco, você acha que esses fatos retratam o que estava sendo a evangelização da juventude na Pastoral da Juventude?*
- *Vasco - É evidente que esta visão não retrata toda a vitalidade da Pastoral da Juventude nesta época, mas pontualiza diferentes preocupações. As bases continuavam sua vida, impulsionados pela preocupação com a formação e reanimados pela significação renovada que tiveram algumas atividades aprovadas na 11ª Assembléia Nacional, abraçando com muito ânimo o comprometimento com a Semana da Cidadania, inserindo-se nas atividades das Pastorais Sociais e festejando com mais disposição e experiência o Dia Nacional da Juventude. Como se procurava dizer, a vontade era de não perder-se em discussões “estéreis”. Era “tempo de missão”. Fervendo sob as cinzas, contudo, a questão da melhor forma de organização continuava acesa no fervor de vários agentes. Outra realidade que recebia progressiva atenção era o trabalho com os adolescentes. Saltava aos olhos que os milhares de grupos de jovens eram constituídos, mais do que em outros tempos, por gente mais nova: os adolescentes.*

5.12 Uhhhh Tererê

O grande evento de 1998 foi a 12ª Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil, em julho. Antes, porém, não deixou de haver outras realizações e acontecimentos. Vamos ater-nos a algumas atividades do mês de janeiro. Tudo nos leva a começar com a realização do **5º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (das Comunidades)**, em Salvador (BA), de 12 a 18 de janeiro de 1998. Já em dezembro de 1996 a Coordenação Nacional desta Pastoral havia discutido o 5º Encontro. Até falavam da possibilidade de realizar uma espécie de “inter-eclesial da PJ”... Diziam que, até agora, haviam respondido a perguntas que os outros faziam. “Não é hora de respondermos às próprias indagações”? Foi aí que decidiram elaborar um subsídio simples, mas que fosse até a base. O resultado foi uma espécie de “jornal” com o título “Uhhhh tererê”, distribuído aos milhares por todo o Brasil. O “Uhhh Tererê” é um jornal de 8 páginas, sendo a primeira e a segunda páginas ocupadas pela apresentação e introdução. A terceira e a 4ª páginas tratam de um “um pouco de História da PJ”. O que causou estranheza foi que diziam que a Pastoral da Juventude tinha 25 anos, secundarizando o fato de, em 1993, esta Pastoral ter celebrado 10 anos de vida. Muitos se perguntavam pelo porquê de eles olharem desta forma a história. Houve reações, é claro, mas o importante é que as bases tinham material para refletir e celebrar. A pergunta mais séria que surgiu foi se se tratava de uma nova concepção de Pastoral da Juventude, onde as Pastorais Específicas não seriam consideradas. Não ficava claro, também, se fatos “regionais” poderiam ter significado “nacional”.

Na mesma data em que iniciava o 5º Encontro, o **Pe. Wilson Basso** - assessor nacional - enviava sua carta de despedida. “Quanto a mim, chegou o tempo da minha partida...” assim começava ele a carta. Conta um pouco de sua vida e de seu trabalho na CNBB, a partir de março de 1994. Fala da 11ª Assembléia, dos encontros das Congregações e Movimentos com o Setor Juventude, de suas inúmeras visitas, dos Encontros com os Assessores Regionais e de sua insistência

⁷⁰ Dividiram a América Latina em três regiões: a região México-América Central e Caribe, a região Bolivariana e a região Sul. Na Pastoral da Juventude, o Caribe, junto com a Venezuela, forma outra região.

- **Ciro, você esteve no 5º Encontro. Poderia passar-me um relatório?**
- **Ciro** - Não houve grandes relatórios sobre este Encontro. O que vi é que se reuniram cerca de 500 jovens em Salvador, tendo havido coisas muito boas e algumas menos boas. Como o Pe. Marcelo Maróstika já havia dito em dezembro de 1996, o perigo era que não se caminhasse o suficiente. Concordo com ele. Os objetivos discutidos foram: celebrar a caminhada, fortalecer e animar a caminhada, reafirmando a identidade e a missão, refletir a ação da PJ (das Comunidades) na sociedade e a troca de experiências.

na espiritualidade. Fala, também, da cidadania do Dia Nacional da Juventude e das Missões Jovens e de alguns desafios que enfrentou como o jornal “Juventude”, a elaboração do “Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil” e aponta para a 12ª Assembléia Nacional. “Pautei minha vida em duas atitudes que aprendi no meio dos pobres e dos jovens: a simplicidade e a espiritualidade. A espiritualidade dá serenidade, clareza e coragem para dizer e fazer o que precisa ser dito e feito; rezem muito, sempre; a simplicidade nos aproxima das pessoas e nos faz amar mais a causa dos excluídos”. No dia 16 de fevereiro assumiria, em seu lugar, Carmem Lúcia Teixeira, mulher, leiga, vinda das terras da Pastoral da Juventude e de Goiás.

Já no final de janeiro, de 27 de janeiro a 3 de fevereiro de 1998, a **Pastoral da Juventude Rural** realizaria, em Arapiraca (AL), o *5º Seminário Nacional*. O tema foi “PJR, Identidade, Organicidade e Sobrevivência”. O Seminário girou em torno de três eixos: 1) Estudo de crítica e autocrítica no nosso trabalho de base, enquanto coordenadores e assessores da PJR; 2) Levantamento da realidade. Os principais problemas constatados foram o êxodo rural, o desemprego, a saúde e a educação e a má distribuição da renda; 3) Identidade, organicidade e sobrevivência. Assessoraram o Seminário Carmem Lúcia Teixeira, Vasconcelos e Frei Isnar, junto com José Claudenor, o Zeca, assessor nacional.

5.13 Vai-se gestando o novo “Plano Trienal”

Em março de 1998 muita coisa já andava. Carmem Lúcia ia tomando seu lugar em Brasília e, na base, todos começavam a olhar para julho, quando se realizaria, pela primeira vez, uma Assembléia da Pastoral da Juventude com delegados vindos, paritariamente, de todas as Pastorais da Juventude. Será que daria certo? Será que certos limites percebidos nas reuniões da Comissão Nacional de Jovens também se manifestariam ali? A data já estava marcada há mais tempo: 19 a 26 de julho de 1998. Primeiro seria em Lins, juntando-se com o *2º Concílio de Jovens*⁷¹ naquela Diocese, mas não deu certo. O lugar ficou reservado para a Diocese de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Em janeiro de 1998 aparecia o primeiro subsídio preparatório da 12ª Assembléia. Carregava na capa o lema “Avançar é ousar” - “Construindo novas respostas e estratégias”. Foram impressos 40.000 exemplares e constava de quatro Encontros para os grupos: aprendendo com nossa história, conhecer e assumir nossa realidade, projetos de missão 1 e 2. O livretinho continha, também, uma celebração de ação de graças e envio.

• *Intermezzo*

Antes de prosseguirmos com a 12ª Assembléia precisamos fazer constar, antes, dois outros eventos mais particulares, mas importantes. O primeiro refere-se ao *2º Encontro de Instituições Católicas de Recuperação de Dependentes de Drogas*. Foi nos dias 4 a 7 de junho de 1998, em Jaci

⁷¹ O 2º Concílio de Lins realizou-se, assim como estava programado, com a participação de muitas dioceses de todo o Brasil, reunindo mais de 3000 jovens para visitarem o povo e as comunidades, refletirem, rezarem e assumirem seu papel de evangelizadores. Foi uma festa para a Diocese e uma bênção para todos que puderam participar.

(SP). O Encontro teve a seguinte proposta: partilha das experiências, tendo como referência e memória o 1º Encontro, aprofundamento da mística e da espiritualidade junto aos excluídos pela sociedade, discutir e levantar o que caracteriza o aspecto pastoral neste trabalho, elaborar e sistematizar as experiências que já existem no campo pastoral, pistas concretas de parceria e ação entre as Instituições presentes e o Setor Juventude da CNBB e, por fim, continuação de elaboração do material sobre prevenção. O segundo refere-se ao 5º *Seminário Nacional de militantes da PJE*, de 29 de julho a 1º de agosto de 1998, em Nova Iguaçu (RJ). O tema era a espiritualidade e o assessor que trabalhou com cerca de 50 estudantes, vindos de várias partes do Brasil, foi Kleibe França Ribeiro, estigmatino de Belo Horizonte. Desenvolveu o capítulo da Espiritualidade na América Latina a partir de três eixos: o cristológico-trinitário, a espiritualidade da esperança e a espiritualidade da mundanidade.

- *Pesquisa*

Voltando, pois, à Assembléia Nacional, recordemos que a Equipe de Preparação, designada em maio de 1997, depois de ter enviado a todo o Brasil um “Instrumento de Preparação”, lança um documento-base da Assembléia intitulado “*Juventude : Tempo de Missão*”, de 32 páginas. Começa com uma curta memória histórica, situando o objetivo: “Avaliar, redimensionar e celebrar os projetos da PJ do Brasil, construindo novas respostas e estratégias para dar continuidade à caminhada, reforçando o compromisso, a unidade, a identidade, rumo ao Novo Milênio”. A Coordenação esperava receber, ao menos, 1350 respostas dos 35.000 exemplares do documento de preparação. Vieram somente 145 respostas. Em cima delas pôde-se fazer uma boa leitura da realidade. Os principais desafios sociais apontados foram o emprego, a educação, a saúde e a questão agrária. O mesmo valia para a juventude, falando-se mais de lazer e cidadania do que de saúde. Os desafios da realidade da PJ do Brasil centraram-se, principalmente, no processo de formação, na organização e articulação, nos valores e atitudes e no acompanhamento aos grupos e coordenações. O documento trazia, igualmente, uma análise dos projetos aprovados na 11ª Assembléia Nacional e as sugestões que vinham nas respostas. Reforçava-se a continuidade dos projetos e havia algumas tendências significativas: a formação integral, a afetividade e sexualidade, a conscientização política e as drogas.

O resultado da Assembléia está contido no livreto que desenvolve o “**Plano Trienal**” da PJ do Brasil para 1999 a 2001. É um livreto de 56 páginas, além do quadro-síntese do Plano. Começa com duas apresentações: a dos responsáveis - D.Irineu Danelon (bispo responsável do Setor Juventude da CNBB), Carmem Lucia Teixeira (assessora nacional) e Vasconcelos Filho (secretário nacional) e a dos participantes da Assembléia como tal. Segue, em seguida, uma espécie de análise da conjuntura, uma explicação do Plano Trienal, os princípios norteadores da ação evangelizadora junto aos jovens e os Programas como tais de Ação, Formação e Espiritualidade. O livreto conclui com a apresentação do organograma da PJ do Brasil e outras três questões sobre o Marco Referencial, sobre a comunicação na PJ do Brasil e sobre a rede político-social de militantes. É o grande resultado da Assembléia.

- *Secretaria Nacional*

Uma segunda questão que agitou bastante a Assembléia foi a eleição da nova ou do novo Secretário Nacional. Havia, em 25 de junho de 1998, quatro candidatos: Ana Rita Marcelo de Castro, Francisco Gabriel Oliveira Carvalho, Narciso de Souza Chagas e Vasconcelos Filho. Retiraram sua candidatura, antes das eleições, Francisco Gabriel e Vasconcelos Filho, ficando somente Ana Rita e Narciso. A Assembléia não estava contente com esta geografia e lançou a possibilidade de lançamento de novas candidaturas. Quem foi apresentada, depois de várias gestões, foi Rosilene Wansetto - que seria escolhida por longa margem de votos. Antes, porém, considerando

o aparecimento dessa nova candidata, aceita pela plenária, Ana Rita havia retirado, igualmente, sua candidatura.

* *Sinfonia inacabada*

*

Esta história não conclui aqui, em julho de 1998. Dos dias 7 a 29 de agosto apareceria, dentro do nosso campo, uma experiência inédita. Dava-se, através da PJR, um primeiro *intercâmbio cultural* de 50 jovens rurais da Europa e 25 do Brasil. Os estrangeiros viram várias realidades do Brasil e se concentraram, no final, em São Paulo, para refletirem, em conjunto, sobre o que viram e perceberam. Mais ainda: de 3 a 11 de outubro se realizaria em Punta de Tralca (Chile) o 2º *Congresso Latino-Americano de Jovens e o Encontro Continental de Jovens*, também no Chile. Cerca de 800 delegados vindos de 21 países da América Latina viram os temores e os sonhos dos jovens, analisaram as tendências da realidade social e eclesial, expressaram os desafios que lhes pareceram mais significativos e traçaram grandes linhas de ação. Estavam presentes jovens, assessores/as e bispos. Uma parte das conclusões foi apresentada, na noite do dia 10 de outubro de 1998, para 600.000 jovens reunidos para uma vigília, no “Clube Hípico de Santiago (Chile). A Pastoral da Juventude do Brasil enviou cerca de 80 delegados alegres e cientes de sua missão. Certamente contribuíram para que a Pastoral da Juventude de toda a América Latina amadurecesse no seu amor à causa, no seu compromisso com o Novo Milênio batendo às portas, exigindo uma Pastoral sempre mais organizada, revestida de amor às juventudes como missão insubstituível. Bonito foi ver aqueles delegados cantando, com voz vibrante e gestos exultantes, fazendo como que escutassem vozes, brotando das entranhas do continente, cantando seus sonhos, suas lutas, sua fé e sua paixão. Um canto que, por sua força, se escuta por toda a imensidão dos corações que desejam construir e fazer história. Escutando estas multidões, terminamos esta história que, mais do que tudo, é nossa.

Terminamos com um poema composto por ocasião da manhã de oração no 2º Congresso Latino-Americano, pensando na Pastoral da Juventude.

Envolto por vozes de utopia e transcendência
O coração se levanta e pede espaço.
- Basta de superfície e de pura aparência!
Miserável a ação vestida zinco,
ausente de sangue e faminta de amor à causa.

Envolto no silêncio do Deus que cria
com gesto infinito de doação,
a voz da felicidade enxotada pela tonta vontade de só fazer
estende a mão humilde e diz:
- Faça tudo como copo que transborda
e não como poço vazio e sujo.
O universo está com sede!

A flor bonita cultivada na Pátria Grande,
vestida de folhas de esperança corre risco de ser carcomida
sem lembrança permanente do som da fonte.
Desde cedo ela reclama sussurrando:
- Sinto as rugas da seca e do olhar gelado
abatendo a cor que sou e tenho.
O Deus que mora em mim está com saudade de ser saudado.

Procuro mergulhar no mar de botões se abrindo
e vejo que o mar é maior que eu pensava.
Sua vontade de ser e sua dor indo além dos limites.
E o mar me dizia:

- *Não quero muito, mas quero ser.*
- *Não quero o que dizes, mas o que és.*
- *Não quero discursos, mas sentido de ser flor.*
- *Não quero parte do que tens, mas tudo que és*
- *E tudo que não sabes explicar.*

Fui levado, então, para uma grande Eucaristia
e o pão era um jovem e o sangue uma moça linda.
Os dois refletiam em si o coração de Deus e do universo.
- *A terra que pisas é sagrada.*
Vá buscar um coração maior.

E nesta caminhada estou agora
com vontade louca de celebrar a Eucaristia da novidade e da vida.

BIBLIOGRAFIA SOBRE PASTORAL DA JUVENTUDE⁷²

I. IMERSÃO NA REALIDADE

1.1 Questões fundamentais sobre juventude

SABOIA, Ana Lúcia. “Situação Educacional dos Jovens” in “*Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*”. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 2, p.499-515.

VARIÍ. “Educação, Trabalho e Previdência” in “*Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*”. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 2, p.427-570.

VARIÍ. “Cultura” in “*Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*”. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 2, p.645-669 e p.687-709.

FURTER, Pierre. “*Juventude e tempo presente - fundamento de uma pedagogia*”. Vozes, Petrópolis, 1975.

LORD, Daniel. “*Frente a la Rebelión de los Jóvenes*”. Edit. Poblet, Buenos Aires, 1944.

OTERO, Luis Leñero. “*Sociedade Civil, Família y Juventud*”. CEJUV e IMES, Mexico, 1992.

PIERI, Severino de et alii. “*L’età negata. Ricerca sui preadolescenti in Italia*”. Edit. Elle Di Ci, Torino, 1988.

HESS, José Rodolpho. “O jovem no mundo do trabalho”, in PJ A CAMINHO, nº40 (1990), Porto Alegre, p.12-26.

HESS, José Rodolpho. “Amor e Sexo - como abordar o tema com os jovens?” in PJ A CAMINHO, nº47 (1992), Porto Alegre, p.9-16.

HESS, José Rodolpho. “A pessoa do jovem e a família”, in PJ A CAMINHO, nº44 (1991), p.9-23.

1.2 Sociologia da juventude e políticas públicas de juventude

VARIÍ. “*Sociologia da Juventude*” em 4 volumes: Da Europa de Marx à América Latina, Para uma Sociologia Diferencial, A vida coletiva juvenil e Os movimentos Juvenis. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968.

CNBB. Texto/Base da Campanha da Fraternidade de 1992 intitulado “Juventude, Caminho Aberto”, Brasília, 1992.

BAENINGER, Rosana. “Juventude e Movimentos Migratórios no Brasil” in “*Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*”. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 1, p.21-70.

EMEDIATO, Luiz Fernando. “*Geração Abandonada*”, Global, São Paulo, 1982.

ABRAMO, Helena Wendel. “Expressões e Manifestações Culturais da Juventude” na revista PJ A CAMINHO nº64 (1996), p. 3-20.

PEÇANHA, Doris Lieth Nunes. “*Movimento Beat - rebeldia de uma geração*”. Vozes, Petrópolis, 1988.

BEOZZO, José Oscar. “*Cristãos na Universidade e na Política*”. Vozes, Petrópolis, 1983.

BOURDIEU, Pierre. “*Questões de Sociologia*”. Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983.

HESS, José Rodolpho.. “O jovem da periferia”, in PJ A CAMINHO nº39 (1990), p.11-20.

HESS, José Rodolpho. “O jovem na sociedade, no trabalho e na economia”, in PJ A CAMINHO nº45 (1991), p.10-18.

DICK, Hilário. *Imaginário dos jovens no Rio Grande do Sul*. Número especial da revista **PJ A Caminho**, nº 67, março/abril de 1997.

⁷² Apresentamos esta bibliografia sobre a juventude e alguns aspectos da Pastoral da Juventude considerando a dificuldade de obter semelhantes bibliografias. Não tem a pretensão de ser completa, mas pretende ser uma ajuda para quem deseja estudar o jovem.

1.3 Psicologia da juventude

- LUTTE, Gérard. *“Psicologia degli Adolescenti e dei Giovani”*. Il Mulino, Bologna, 1987.
- RUBIO, Ramona. *“Psicologia del Desarrollo”*. Edit. CCS, Madrid, 1992.
- ROSA, Merval. *“Psicologia da Adolescência”*. Vozes, Petrópolis, 1996.
- KOECHE, André. *“Anos 60. Sexo e Vanguarda”*. Nova Dimensão, Porto Alegre, 1991.
- ERIKSON, Erik. *“Identidade, Juventude e Crise”*. Zahar, Rio de Janeiro, 1972.
- VARII. *“A Sexualidade Humana. Novos Rumos do Pensamento Católico Americano”*. Vozes, Petrópolis, 1982.
- ANGELI, Heloisa T. *“A problemática sexual na Adolescência”*. USP, São Paulo, 1986.
- VALLE, Edênio. *“Psico-Sociologia e educação da juventude”*. Instituto da Família, São Paulo, 1986.
- FOUREZ, G. et alii. “A revolução sexual” in Revista “Concilium”, nº 193 (1984).

1.4 - A juventude no contexto neoliberal e pós-moderno

- SCHMIDT, João Pedro. *“O que pensam os jovens hoje - imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari”*. Santa Cruz do Sul, 1996.
- ABRAMO, Helena Wendel. *“Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano”*, Scritta, São Paulo, 1994.
- VELHO, Gilberto. *“Subjetividade e Sociedade - uma experiência de geração”*. Zahar, Rio de Janeiro, 1986.
- TOFFLER, Alvin. *“O choque do Futuro”*. Arte Nova, São Paulo, 1972.
- NAISBITT, John. *“Paradoxo Global”*. Edit. Campus, Aparecida, 1994.
- HARVEY, D. *“Condição Pós-Moderna”*. Loyola, São Paulo, 1994.
- HESS, José Rodolpho. “Os jovens e a cultura”, in PJ A CAMINHO, nº41 (1990), p.11-21
- idem. “O jovem e a cultura” in PJ A CAMINHO, nº 42 (1990), p.9-28.
- Idem. “Nova cultura e uma velha escola”, in PJ A CAMINHO, nº46 (1991), p.8-20.
- Idem. “O jovem e a política”, in PJ A CAMINHO nº 48(1992), p.15-29.
- Idem. “O jovem urbano - desafio para a Igreja”, in PJ A CAMINHO nº49(1992), p.15-33.
- Idem. “Os jovens e o novo despertar religioso”, in PJ A CAMINHO nº50 (1992), p.13-26.
- Idem. “O jovem urbano e a civilização moderna” in PJ A CAMINHO, Nº37 (1989), P.18-24.
- Idem. “O jovem urbano pós-moderno”, in PJ A CAMINHO nº 38 (1989), p.17-27.

II. ANÁLISE DO FENÔMENO JUVENIL

2.1 História da atuação da juventude na sociedade

- SCHMITT, Jean-Claud et alii. *“História dos Jovens”*, em dois volumes. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- SANFELICE, José Luis. *“Movimento Estudantil: a UNE na Resistência ao Golpe de 64”*. Cortez Editora, São Paulo, 1986.
- SEMERARO, Giovanni. *“A primavera dos anos 60”*. Loyola e IBRADES, São Paulo, 1994.

- MENDES, Jr. Antônio. *“Movimento Estudantil no Brasil”*. Coleção Primeiros Passos, nº23, Brasiliense, São Paulo.
- BARRAGAN, Rico, J. Antônio et alii. *“La crisis del Movimiento Juvenil en las Sociedades Capitalistas”*. Edit. De La Torre, Madrid, 1979.
- POERNER, Artur José. *“O poder jovem”*. Civilização Brasileira, 1979 (2ª edição).
- MARTINS FILHO, João Roberto. *“Movimento Estudantil e Ditadura Militar”*. Papyrus, Campinas, 1987.
- CARPIO, Neptali e CRUZ, Antonio. *“Movimento Universitario en el Peru (1909-1980)”*. Public. De Investigación Universitaria, Lima, 1981.
- STRAHSBURGER, Hugo. *“La Pastoral Juvenil en Chile como expresión de la Pastoral de la Iglesia, desde 1967 a 1988”*. Roma, 1992.
- PIERDONÁ, Enedina et alii. *“História da Pastoral da Juventude no Brasil”*. Instituto de Pastoral de Juventude, Porto Alegre, 1990.
- DICK, Hilário. *“Los estudiantes siendo Iglesia en America Latina - la historia de la JEC”*. SLA, MIEC-JECI, Quito, 1994.
- SOUZA, Luiz Alberto Gómez. *“A JUC: os estudantes católicos e a política”*. Vozes, Petrópolis, 1984.
- PELEGRI, Buenaventura. *JECI MIEC. Su opción. Su Pedagogia”*. Lima, 1972.
- SIGRIST, José Luiz. *“A JUC no Brasil. Evolução e Impasse de uma Ideologia”*. Edit. Cortez, São Paulo, 1982.
- DICK, Hilário. *“JEC no Brasil - umaproposta que não morreu”*. CCJ, São Paulo, 1992.
- DICK, Hilário. *Juventude faz História. Pastoral da Juventude no Rio Grande do Sul de 1983 a 1993*. Evangraf, Porto Alegre, 1995.

2.2 Juventude e linguagem: o estético, o simbólico o místico e a comunicação

- HECTOR, Mônica. *“A fala dos jovens”*. Vozes, Petrópolis, 1994.
- FIORIN, José Luiz. *“Linguagem e Ideologia”*. Ática, São Paulo, 1988.
- VARII. Revista “Misión Joven”, nº 245(1997), nº 243 (1997), nº 221 (1995) e nº 227 (1995).
- ALVES, Rubem. “A volta do Sagrado: Os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil” in “Religião e Sociedade” nº 3, Rio de Janeiro, 1971.
- LOPEZ, Siro e VEJA, Sandra. “Aquarius - las nuevas espiritualidades”, in “Misión Joven” nº 245 (junho de 1997), p.79s.
- VARII. “Arte Y Evangelización” in “Misión Joven” nº 221 (junho de 1995), Alcalá, Espanha.
- VARII. “Simbolos, experiencia y celebración”, in “Misión Joven”, nº 227, 1995.
- VARII, “Estética para una nueva Etica?” in Misión Joven, nº 194, 1993.
- VARII. “Sentido Religioso: Jóvenes, Religiosidad y sectas” in “Misión Joven”, nº 195, 1993.
- DOMÉNECH, “Actualidad de los simbolos” in “Misión Joven”, nº 60 (1982), p.9-16.

2.3 O papel das instituições na formação da juventude (família, igrejas e escola)

- MADEIRA, Felícia Reicher. “Recado dos Jovens: mais qualificação” un *“Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas”*. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 2, p.427-497
- “O Planeta Teen” in “Veja”, nº 16 de 19/4/95, Edit. Abril, p.106s.
- ARIAS, Alfonso Rodriguez. “Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década” in *“Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas”*. Publicação do CNPD, Brasília, 1998, vol. 2, p.519-541.

CNBB - Setor Juventude. *“Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil”*, Coleção Estudos, nº76, Paulus, São Paulo, 1998.

GEFFRÉ, C. et alii. “Os jovens e o Futuro da Igreja”, na revista “Concilium”, nº 106, 1975.

2.4 Tipos de organizações de jovens na sociedade

BRANDÃO, Antônio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *“Movimentos Culturais de Juventude”*. Editora Moderna, São Paulo, 1990

CEDI. “Juventude” in revista “Tempo e Presença” nº 240(abril de 1989), São Paulo.

COSTA, Márcia Regina. “Skinheads, carecas do subúrbio” in revista “Cultura Vozes”, Petrópolis, março-abril de 1993.

DANEELS, Cardeal Godfried. “Giovani, Correnti e Controcorrenti” in “Note di Pastorale Giovanile”, febraio-marzo de 1991, Torino.

LAGOA, Ana. “Gangues Juvenis” in revista “Nova Escola”, maio de 1993, p.10-17.

LIBÂNIO, João Batista. *“O Mundo dos Jovens”*. Loyola, São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, Malu. “Vidas sem rumo” in revista “Isto é”, nº1248, de 1/9/93, p.34-37.

PENA, Fabiana et alii. “A Ressurreição” in revista “Isto é”, nº 1209 de 2/12/92, p.52-59.

VITÓRIA, Gisele. “Tribos Urbanas: Chame o Síndico” in revista “Isto é”, nº 1256, de 27/10/93, p.64-69.

III. INTERVEÇÃO NO MUNDO JUVENIL

3.1 Processos de atuação com os jovens

VELA, Jesus Andrés. *“Grupos de Juventude em busca da plenitude cristã”*. CNBB Sul 1, São Paulo, 1968.

HACK, José Lino et alii. *“A Pastoral da Juventude e o Meio Social”*. Paulinas, São Paulo, 1982.

PJ NACIONAL. *Dimensões da formação integral*. Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude nº2, Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1995.

DICK, Hilário. *Pastorais Específicas de Juventude*. Evangraf, Porto Alegre, 1994

CELAM, Seção Juventude. *Civilização do Amor: Tarefa e esperança*. Paulinas, São Paulo, 1997.

CELAM, Seção Juventude. *Os processos de educação na fé dos jovens. Abordagens à Pastoral da Juventude a partir da América Latina*. Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1990.

VARII. Coleção “Processo de Formação na Pastoral da Juventude”: 1) Processo de Formação - uma Proposta; 2) Como iniciar um Grupo de Jovens; 3) Abrindo Caminho; 4) Construindo Juntos; 5) Fazendo História; Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1994. Elaboração da Equipe da Casa da Juventude, Goiânia.

3.2 Instrumentos de trabalho com a juventude

BORAN, Jorge. *O futuro tem nome: Juventude*. Paulinas, São Paulo, 1994.

BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. Paulinas, São Paulo, 1982.

PJ NACIONAL. *Como trabalhar com iniciantes*. Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude nº 4. Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1990

PJ NACIONAL. *Igreja: freio ou acelerador?* Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude nº 7.

Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1990.

PJ NACIONAL. *Missão Jovem: um jeito jovem de evangelizar*. Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude nº 9. Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1996.

SANDRINI, Marcos, et alii. “Planejar é...”. Instituto de Pastoral de Juventude, Porto Alegre, 1994.

FRUTTERO, Giuseppe et alii. “Modelli Europei di Pastorale Giovanile”. Atas de um Convênio Europeu, 1991.

VARII. “Vertebrar el compromiso político”, in Revista “Misión Joven”, nº230, março de 1996.

BORAN, Jorge. *Curso de Capacitação para coordenadores jovens*. Paulinas, São Paulo, 1995.

BORAN, Jorge. *Curso de Dinâmica para Liderança Cristã*. Paulinas, São Paulo, 1985.

3.3 O papel educativo do assessor de jovens

BASSO, Wilson. *Paixão e mudança - Assessoria na Pastoral da Juventude*. Paulinas, 1997.

CELAM, Seção Juventude. *Assessoria e Acompanhamento na Pastoral da Juventude*. Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1994.

CELAM, Seção Juventude. *Assessoria em cinco enfoques: sociológico, psicológico, teológico, pastoral, espiritual*. Contribuições apresentadas durante o 9º Encontro Latino-Americano de PJ. Centro de Capacitação da Juventude, São Paulo, 1996.

DICK, Hilário. *O divino no jovem*. Evangraf, Porto Alegre, 1997.

IPJ, Porto Alegre. *Quem revê, vê melhor*. Iniciação à Revisão de Vida. Evangraf, Porto Alegre, 1995.

SCHIO, Adilson. *Assessoria em novos tempos*. Evangraf, Porto Alegre, 1997.

VARII. “Acompanhamento pessoal”, in Revista “Misión Joven”, nº204-205, 1994.